

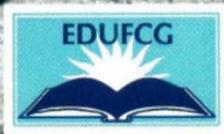
Série Textos Didáticos

História da América



Organizador:

Celso Gestermeier do Nascimento



Série Textos Didáticos

História da América

ARTIGOS:

1-A CRÔNICA COMO FONTE: ENTRE A «FÁBULA EUROPEIA» E A «REALIDADE AMERICANA»

Williams Bartolomeu Baracho de Lima

2-DIEGO DE LANDA, «LAS COSAS» E YUCATÁN

Williams Bartolomeu Baracho de Lima

3-OS MORTOS EM FOTO: A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA NA GUERRA DA SECESSÃO (1861-1865)

Faustino Teatino Cavalcante Neto

4-A CENTENÁRIA REVOLUÇÃO MEXICANA

Celso Gestermeier do Nascimento

5-OS LOUCOS ANOS 50

Celso Gestermeier do Nascimento

6-MULTICULTURALISMO E GLOBALIZAÇÃO: DUAS FACES DOS MOVIMENTOS INDÍGENAS NA AMÉRICA LATINA

Faustino Teatino Cavalcante Neto

História da América

Série Textos Didáticos

H673

História da América (Dados Eletrônicos) / Celso Gestermeier do Nascimento, Williams Bartolomeu Baracho, Faustino Teati no Neto (Organizadores). -1.ed. - Campina Grande, EDUFCG, 2011.
180 p.

1 CD-ROM Instrucional
Contém Bibliografia
ISSN 1980-5292

1. História. 2. História da América . 3. Movimentos Sociais na América. 4. América Colonial. 5. Cultura Americana I. Nascimento, Celso Gestermeier do. (Org.) II. Baracho, Williams Bartolomeu (Org.) III. Teatino Neto, Faustino (Org.)

CDU- 94(73)

A CRÔNICA COMO FONTE: ENTRE A “FÁBULA EUROPÉIA” E A “REALIDADE AMERICANA”

Williams Bartolomeu Baracho de Lima¹

“Não se preste atenção à escolha das matérias que discuto, mas tão-somente à maneira por que as trato”.

Michel de Montaigne

Durante muito tempo a historiografia brasileira vem deixando no silêncio a crônica enquanto gênero de documento histórico. Nos últimos anos as vertentes historiográficas vêm desenhando novas perspectivas quanto ao estudo da América colonial, e com isso, a emergência da crônica ao seu status de fonte vem instigando o historiador a traçar novas tramas através da revisitação destes documentos.

Buscamos neste capítulo a análise da crônica enquanto ferramenta de estudo e fonte de pesquisa histórica no tocante à América do século XVI. Para tal, destacamos a importância destes documentos para o historiador moderno e a utilização dos mesmos enquanto possibilidade de fontes históricas para o estudo do período colonial.

1.1 A Memória da América: A Crônica Colonial e seu Papel

No tocante as abordagens históricas, temos hoje a presença de um vasto tecido a ser costurado sob perspectivas plurais. Desde o séc. XIX veem ocorrendo no campo teórico-metodológico da História mutações/fusões filosóficas que emergem como respostas - em caráter de novos questionamentos para com o próprio sentido do que é história e o fazer história – às indagações que atingem uma amplitude que perpassa a própria história, chegando ao campo e outras áreas de conhecimento (antropologia, sociologia, economia e etc.) e que por sua vez são reflexos das constantes mudanças de caráter sócio cultural ao redor do mundo.

¹ Bacharel em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

Desta maneira, para aqueles que buscam uma releitura do passado, no tocante a América Hispânica, as Crônicas Indianas ou de Índias,² tem se mostrado de grandioso valor discursivo e interpretativo. Na fuga de uma historiografia apologética, podemos perceber novas possibilidades interpretativas dos discursos de época em textos deste gênero, já que, segundo o escritor Abel Posse, “es evidente que la historia se reescribe, y no para negar lo que ya ha sido escrito, sino para completarlo [...]”³.

Neste intuito, a descoberta do novo roga por explicações e na busca por uma construção do que seria o “outro”, as Crônicas Indianas entre a “fábula européia” e a “realidade americana”, vão escrevendo uma história, inventando uma América ao mesmo tempo em que reescrevem a Europa. O cronista, entre seu olhar testemunhal e a narrativa atravessada de interesses descreve sua América, e torna-se peça chave na conquista, catequese e colonização do “novo” continente.

Segundo Hector Bruit⁴, a crônica constitui “o antecedente mais remoto da historiografia latino-americana” e sua origem “estaria no próprio ato de conquistar”. Para Peter Burke (2003) neste período colonial era necessário “adquirir conhecimentos sistemáticos”, ou seja, fazer um estudo metuculoso dos locais a serem colonizados a respeito de: suas terras, seus recursos e habitantes.

Com o advento dos Estados Nacionais, na península Ibérica, ocorre uma retomada das “memórias oficiais” ou “memórias encomendadas” e, especificamente, no século XVI, recorte aqui abordado, o gênero da Crônica volta a ser o protagonista do ambiente literário no que diz respeito ao contexto América-Ibérica, já que no resto da Europa este movimento perde sua força. De maneira geral, a crônica possui em seu enredo uma organização dos fatos históricos sob formas lineares e encadeados, onde a perspectiva cronológica norteia à escrita, e/ou podem ser lidas, também, como “extratos antropológicos” ou “anotações etnográficas” onde a “construção de sentidos” de uma realidade é permeada de interpretações e interesses. Contudo, como uma forma de

²Crônicas de Índias é um nome genérico dado a *compilaciones* de narrações históricas, principalmente desde a perspectiva dos colonizadores espanhóis, a respeito dos acontecimentos durante a descoberta, conquista e colonização do continente americano. Ainda que também se incluam escritos de *mestizos* ou indígenas americanos, realizados durante o século XVI.

³ Abel Posse IN: Luis Sáinz de Medrano (coord.), *La Semana de Autor sobre Abel Posse*, Madrid, Ediciones de Cultura Hispánica, 1997, pág. 83.

⁴BRUIT, H. “Apresentação geral das crônicas”. In:Leandro Karnal (org.),*Cronistas da América*. Idéias.Campinas: UNICAMP,Ano 11 (1), 2004. p. 15-21.

escrita, ela representa também uma tentativa de controle, emanção de poder e justificativa de ação. Daí a necessidade, e diria mais, o compromisso enquanto intérprete-historiador de realizar uma leitura acurada da obra e documentos, levando em conta o enunciante, o fato vivido e sua rede de subjetividades.

Ora, é de acordo com as instituições ou as pessoas instituídas que testemunham e escrevem os fatos, que podemos analisar os tipos de interesses e destinatários associados à crônica. Seja ela de caráter militar (Cartas de Relação, de Hernan Cortés; ou Crônica da Conquista do Peru, por Cieza León), religioso (Sahagún, Durán, Acosta) ou indígena (Poma de Ayala e Garcilaso), cada uma delas possui suas singularidades, apesar de não poderem ser distintas inteiramente uma da outra.

As crônicas passam de *probanzas* à discursos históricos, o que fundaria uma espécie de informe do que havia ocorrido e do que havia encontrado os europeus na América passaria a estruturar-se como leituras etnográficas. Desta forma, a crônica enquanto registro da atmosfera colonial parte de uma política da monarquia espanhola, os questionários que foram aplicados/ordenados principalmente na região da *Nueva España* tratam muito bem, deste intuito de investigar o “desconhecido”.

Temos como exemplo Juan Ovando y Godoy, visitador do Conselho das Índias em 1569, que enviou questionários de 37 itens aos funcionários locais do México e do Peru⁵, depois de avaliar quão desinformados sobre o “Novo” Mundo estavam os conselheiros, queria armazenar o maior número possível de informações sobre os territórios submetidos à coroa. No que se refere aos tipos de ordens que constavam nestes questionários temos:

Diga quem foi descobridor e conquistador da dita província... diga a quem pertenciam os índios naquele tempo... e a forma de culto, ritos e costumes que tinham, bons ou maus. Diga como eram os governados; contra quem guerreavam; roupas e vestimentas que usavam e usam agora e se eram mais ou menos saudáveis antigamente do que hoje, e que razões podem ser encontradas para isso. (BURKE, 2003; p. 118)

⁵ Segundo Peter Burke (2003), este tipo de questionário já era conhecido pela Igreja. “Regularmente empregado tanto em visitas episcopais como pela Inquisição”. Frisando que o próprio Ovando “era homem da Igreja, (e) parece ter adaptado os métodos eclesiásticos ao serviço do Estado”.

Ainda segundo Serge Gruzinski (2003; p.113) entre 1578 e 1585, na então Nova Espanha, os responsáveis pelos *pueblos* foram convocados pelos *corregidores ealcaldes mayores* a responderem uma espécie de “questionário elaborado pelo cronista e cosmógrafo (historiador-geógrafo) do rei, Juan López de Velasco, em 1577”. Neste mesmo ano foi expedido um questionário impresso⁶ e enviado ao vice-rei, que posteriormente os transmitiu para seus *corregidores e alcaldes mayores*.

Refletir sobre a importância da crônica é a priori pensar também uma “construção colonial da realidade americana”(VILLANUEVA, 2004)⁷, ou seja, o próprio processo de “invenção da América”(O’GORMAN, 1992)⁸ a partir destes escritos. Nesta perspectiva cabe explorar neste momento como foi sendo tecida esta “América” sob olhares diversos que buscavam, com suas ferramentas retóricas, retratar credulamente este “realismo maravilhoso”.

Os primeiros europeus que chegam a América estão imbuídos de fantasias cavalheirescas e a maravilha descoberta no outro lado do Atlântico é descrita num movimento pendular entre realidade/ficção e ficção/realidade. Para Alejo Carpentier (1949), ao apresentar sua teoria de “lo real maravilloso” aquilo que chamaríamos de “realidade não é mais do que uma construção mental variável de uma época para outra, conforme a concepção do mundo imperante em cada uma delas” (CARPENTIER,1949)⁹. As crônicas enquanto textos heterogêneos, que nem são propriamente história nem literatura, construiriam uma “realidade americana” a partir do momento em que fariam uma leitura representativa ou mimética de uma determinada realidade empírica, geográfica, histórica, cultural e humana.

O historiador Edmundo O’ Gorman em seu livro intitulado “A Invenção da América”, levanta a tese de que o sentido de América não existia no ato da “descoberta”, o espaço enquanto terra já existia antes da chegada dos europeus, contudo para o autor:

⁶O que se denominou *Relaciones* “era composto de cinquenta capítulos, por sua vez subdivididos em várias questões, cujo conjunto abordava praticamente todos os aspectos do mundo colonial. A geografia física, a toponímia, o clima, os recursos agrários e minerais, a botânica, as línguas, a história política, a população, as doenças e o comércio(...)” (Gruzinski. 2003; p.114).

⁷VILLANUEVA, D. Literatura européia e construção colonial da realidade americana. **Literatura Y História: Actas do Colóquio Internacional**, Porto, II, 2004. 319-328.

⁸OGORMAN, E. **A Invenção da América: Reflexão a Respeito da Estrutura Histórica do Novo Mundo e do sentido do seu Devir**. São Paulo: UNESP, 1992.

⁹ Apud. VILLANUEVA, 2004.

A América teria se tornado tal a partir do momento em que se atribuiu a ela esta significação e a insistência na idéia de América como um descobrimento se deve à necessidade de atribuir ao continente um significado, enquadrando-o dentro de uma forma eurocêntrica de dar sentido ao mundo.

O’Gorman realiza esta tarefa através da averiguação de documentos escritos ao longo de cinco séculos, partindo dos textos a respeito do mais antigo relato da viagem de Colombo, “a lenda do piloto anônimo”, e finalizando com o livro de Samuel Eliot Morison: “Admirable of the ocean sea”, escrito em 1942¹⁰. Para este autor, o imprescindível não seria analisar se a América foi ou não “descoberta”, mas as interpretações deste episódio “o que já era, em si, um fato outro, tão histórico quanto o primeiro” (O’GORMAN, 1992; p.27).

Discursos como as crônicas fazem parte desta construção da América. Neste cenário colonial, é como se cada cronista, seja ele viajante, religioso ou militar fizesse sua própria descoberta do que seria a América, expondo o seu lugar e seus interesses na escrita. Sob diferentes perspectivas o discurso mostra-se presente: sejam fatos vividos, verdades, inverdades, descrições, relações; as crônicas destacam-se, principalmente quando fazemos sua leitura enquanto interpretações, tentativas de traduzir algo novo.

Dentro deste choque cultural vivenciado/observado, as linhas das crônicas vão moldando os cenários da América, também, sob a construção de signos. Em “A conquista da América” Tzvetan Todorov (1987; p.68)¹¹ indaga: “Les espagnols auraient-ils triomphé sur les Indes à l’aide des signes?” Segundo Stephen Greenblatt (1991)¹², é possível perceber que a resposta é afirmativa para Todorov sobre dois aspectos: “sendo o eu uma projeção, precisamente, da alteridade”, seria também um signo; e em segundo, a “tecnologia do simbolismo” utilizada pelos europeus em suas estratégias discursivas e “representational practices”¹³.

Este segundo quesito, levantado por Greenblatt, vem a calhar bem quando buscamos perceber nas crônicas a construção desta “realidade” americana. Construção esta, muitas vezes vivida/presenciada que busca remontar na fala do autor não apenas o fato enquanto “real”-“verdadeiro”, mas, trazer consigo indícios de seus interesses e

¹⁰Entre o primeiro relato e o último material, analisa os escritos de Gonzalo Fernandes de Oviedo, Francisco Lopes de Gómora, Fernando Colombo, Bartolomeu de Las Casas, Antônio de Herrera, Beaumont Amparo, William Robertson, Martins Fernandez Navarrete, Washington Irving e Alexandre Von Humboldt.

¹¹TODOROV, T. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

¹² GREENBLATT, Stephen. **Marvelous Possessions: The Wonder of the New World**. Chicago: U of Chicago P, 1991.

¹³ Idem. p. 14.

objetivos. Através das estratégias discursivas, as crônicas coloniais camuflam em suas estrelinhas as “verdadeiras” histórias.

As falas formam aqui saberes que induzem e conduzem seus leitores a perceberem o “Novo” a partir da “verdade” do autor. Na América a escrita das crônicas está atravessada pelos constantes embates dos autores no que tange a autoridade de suas falas. A perspectiva do discurso enquanto “verdade” torna-se uma preocupação dos cronistas no intuito de dar credibilidade ao seu trabalho e testemunho.

Intitular sua ambição é o que faz Bernal Díaz Del Castillo em: *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*¹⁴. Segundo o artigo organizado por Marcus de Moraes (2004)¹⁵, o testemunho ocular fortalece a credibilidade do discurso desse autor enquanto verdade, a riqueza de detalhes aflora nas páginas e o que se pressupunha imperceptível torna-se claro através desta espécie de “fala autorizada”. Traduzir o cenário em suas minúcias propõe que o que está em jogo é “a visão do visível e do dizível: eu vejo, eu digo; eu digo o que vejo; eu vejo o que posso dizer; eu digo o que posso ver” (HARTOG: 1999; p.278)¹⁶. Mas, segundo o autor, com interesses e objetivos bem delimitados as “verdades” dos fatos só ganham credibilidade para quem escreve. O episódio narrado possui verdadeiros muros em suas subjetividades que separam o narrado do acontecido, tanto para quem lê quanto para quem escreve. Neste aspecto Bernal Diaz demonstra em sua obra toda sua notoriedade como um dos conquistadores que invadiram Tenochtitlán, já que mostrando-se como herói poderia solicitar recompensas pelos seus atos, neste caso a posse de sua *encomienda*. Para Moraes, “a narrativa está cheia de escolhas, possibilidades e o autor não consegue escapar a própria teia que constrói; ele está preso em seu próprio texto”¹⁷.

Leandro Karnal e Janice Theodoro da Silva concordam que, ainda sobre um princípio de ordenação das informações e construção de uma memória oficial, este caráter singular do contato com o “indígena” virá a gerar uma reformulação dentro da escrita da crônica no contexto da América, já que era necessário levar ao olhar europeu toda esta gama de “novidades”- geografia, fauna, flora, cultura, religião, política -

¹⁴ DEL CASTILLO, Bernal Díaz. **Historia Verdadera de La Conquista de La Nueva España**. Madrid: Espasa, 1997.

¹⁵ MORAIS, Marcus (ORG.). **As guerras de conquista: empresa coletiva, participação de todos**. IN: Cronistas da América. Idéias, Campinas, 11 (1): 45-58, 2004.

¹⁶ Apud. Idem, p. 47

¹⁷ Idem, p. 47

existentes neste novo território, ou seja, tentar traduzir (HARTOG,1999; p. 229-230)¹⁸ este cenário para o leitor europeu. As palavras, ao deparar-se com o “mundo maravilhoso” do continente americano pareciam se esvaír.

Esta descoberta que cada cronista faz de sua América é atravessada por uma particularidade: seria “(...) inaceitável postular que os modelos em cujo espelho se olha Xavier – os conquistadores – se teriam transfigurado também semioticamente ao pisar o Novo Mundo?”. Nesta leitura do “outro” indígena a partir do “eu” europeu, é possível se trabalhar sob uma perspectiva histórica de que ao mesmo tempo em que o cronista descobre e descreve sua América ele se reescreve, é dizer que, ao mesmo tempo em que se inventa a América se reinventa a Europa. Ainda que sob o olhar criterioso do historiador, ler nestas crônicas “a possibilidade do outro é diminuir um pouco a onipotência européia” (Karnal, 2006).

Embora muitos defendam que “o outro é apenas o cenário no qual o autor atua”, ou que “o discurso destinado a dizer o outro permanece seu discurso e o espelho de sua operação”. Logo, as partes que constituiriam esta construção de sentidos sobre a América estariam sendo coladas não apenas por seus interesses, contudo, sob as duas faces desta realidade. No balé da hermenêutica, o “eu” e o “outro” contam histórias diferentes fazendo parte da mesma história.

Outra particularidade das Crônicas Indianas está em seu valor ecológico, onde a descrição detalhada de aspectos como vegetação, animais, relevo, clima, rios está presente em grande parte das crônicas. Neste sentido *Historia Natural y Moral de las Índias* de José de Acosta e *Historia General y Natural de las Índias* de Gonzalo Fernández de Oviedo são bastante relevantes.

O conhecimento e especulação sobre as coisas da natureza [...] tenho para mim, que para V.A. poderá servir de um honesto e útil entretenimento, pois conhecerás as obras que Altíssimo realizou na máquina deste mundo especialmente naquelas partes que chamamos Índias, que são terras novas, e têm mais sobre o que se considerar, por ser de novos vassalos que o sumo Deus deu a Coroa da Espanha [...] (ACOSTA, Apud. MORAES, 2006)

José de Acosta foi um padre jesuíta que chegando a Lima, no Peru, foi designado para a visita de todos os colégios que estavam sob a jurisdição da companhia

¹⁸ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

¹⁹ Apud. MORAIS, Marcus (ORG.). **José de Acosta: História natural e moral das Índias**. IN: Cronistas da América. Idéias, Campinas, 13 (2): 125-150, 2006.

jesuítica de Cuzco, em seu trabalho deparou com as cores e formas que compunham a natureza da América. Acerca das suas observações sobre a natureza escreve e é publicado na Europa, em 1590, o livro *Historia Natural e Moral das Índias*.

O padre buscava pôr em relevo o conhecimento das criações de Deus naquelas terras, contudo, como afirma Marcus de Moraes, “conhecer a criação de Deus na América, no entanto, é mais do que um entretenimento para os leitores de Acosta, afinal, é útil para os espanhóis conhecerem suas posses e os novos vassalos da Coroa”²⁰. Ainda que as palavras do padre afirmem a importância deste tipo de história natural sendo “honesto e de útil entretenimento” (ACOSTA, 1940; p.9) já que “tanto melhor é a história quando os feitos não são dos homens, mas de Deus” (ACOSTA, 1940; p.87), ele constrói sua obra sob a necessidade de concretizar a colonização americana através do próprio conhecimento das terras.

Porém, é preciso destacar também que, segundo Marcus de Moraes, Acosta presenciava uma fase em que além do projeto da coroa de “conservar seu império e melhor explorá-lo”²¹ a própria Igreja em seu momento de Contra-Reforma religiosa passa a integrar a catequese indígena enquanto manobra de “expansão e fortalecimento da fé católica”²². Adicionando em suas interpretações do natural e do moral da América descoberta por ele, a parte da pretensão colonizadora, a perspectiva da evangelização. As relações entre Igreja e Estado através do olhar cristão de Acosta são bastante claras em suas interpretações, e que segundo Janice Theodoro (THEODORO, 1992; p.87) são características da ordem jesuítica:

Monstros, seres fantásticos ou demônios não povoam suas obras como a de outros cronistas e o imaginário cede espaço a descrições que buscavam exatidão. (...) Os primeiros passos dos religiosos na América era incluir os indígenas no universo católico, fosse afirmando que estes estavam sob o domínio do demônio, vivendo em inocência como no paraíso, ou que eram pagãos porque ainda não teriam estabelecido contato com o catolicismo. Procurando integrar os novos súditos, Acosta condenou aqueles que consideravam os indígenas como criaturas bestiais, animais, ou mesmo demônios (MORAIS [coord.], 2006; p. 130-131).

Bruit (2004) chama a atenção, além da característica ecológica- como buscamos expor está entrelaçada com demais interesses-, para o caráter etnológico apresentado nas Crônicas indianas, que segundo o autor “adiantaram o nascimento desta ciência em mais

²⁰ Ibidem, p.128

²¹ Ibidem, p. 130

²² Ibidem, p. 130

de trezentos anos”. As crônicas apresentam a estrutura e organização dos povos “indígenas” em suas minúcias: jogos, família, educação, política, religião, alimentação, vestuário... Como é o caso de *Comentários Reales de los Incas* de Felipe Guaman Poma de Ayala, *Historia de los Índios de Nueva España* de Toribio de Benavente, *Nueva Crônica y Buen Gobierno* de Bernardino de Sahagún. A obra do frei Toríbio de Benavente elucida bem este caráter etnológico inserido nas crônicas, e que com as correlações também vão servir a interesses diversos.

Um dos doze apóstolos²³, Toríbio, ao chegar a San Juan de Ulúa em 1524 logo adotou o nome de “Motolinía” ao ter conhecimento que seu significado era “o pobre” na língua náhuatl. Dedicou sua vida aos indígenas e a catequese e no intuito de expor sua visão sobre a conquista e as culturas autóctones e escreve entre 1540-1550 a obra *História de los Índios de Nueva España*.

Luiz Oliveira Fernandes (coord.) vai expor em seu artigo intitulado: *Motolinía o choque espiritual no Novo Mundo*²⁴ que em sua crônica o frei defendia o uso da “justa força” e logo legitimava a ação dos conquistadores, contudo, não concordava com a crueldade e a exploração destes sobre os indígenas com a prerrogativa única de produzir riquezas. Sob o manto das “memórias de encomenda” (GRUZINSKI, 2003; p.113)²⁵ a importância desta obra perpassa os questionamentos de autoria:

A discussão sobre a autoria acaba passando à margem da questão central que é importância e o valor que essa obra tem para os estudos sobre a Nova Espanha, o processo de conquista e os fundamentos em que se baseavam o clérigo católico para justificar a conversão em massa de milhares de indígenas em um espaço tão pequeno de tempo (FERNANDES, Luiz (coord.), 2004; p.84).

Notório é a acumulação de conhecimentos por parte de Motolinía apresentada em sua obra: adentra o dia-dia dos “indígenas”, procura aprender os códices e estuda *náhuatl*. Com isso fortifica o seu objetivo maior de catequese dos “indígenas” e nesta construção do saber percebeu que “havia uma hierarquia dentro da sociedade indígena e usou desse saber na catequização, empreendendo seus esforços nas crianças e nos caciques e principais”.

²³ A expressão “Os doze apóstolos” refere-se aos franciscanos liderados por Frei Martin de Valência que chegaram ao México em 1524. (Idéias, Campinas, 11(1): 84, 2004.)

²⁴ FERNANDES, Luiz (ORG.). **Motolinía: O choque espiritual no Novo Mundo**. IN: Cronistas da América. Idéias, Campinas, 11 (1): 83-96, 2004. Idéias, Campinas, 11(1): 83-96, 2004.

²⁵ Pois O’Gorman defende a idéia de que essa História havia sido encomendada pela Ordem dos Franciscanos em 1536.



Figura 1-Bajo relieve de Fray Toribio de Benavente

(...) os franciscanos do México julgavam que as crianças e os jovens senhores que estão nos mosteiros [...] são um elemento importante para a conversão dos outros. Contaram logo com mais de mil filhos de notáveis (*principales*) na escola do convento de San Francisco; os alunos eram submetidos a um internato rigoroso que apresentava a vantagem de subtraí-los da influência paganizante dos parentes e mais ainda dos antigos. O objetivo era claro e o método era radical: “ Para arrancar as raízes desta infeliz recordação, retiramos todos os seus filhos, em sua maioria filho de cacique e notáveis, todos os que conseguirmos, para educá-los e formá-los em nossos conventos. As crianças eram “ceras moles”, facilmente acessíveis à doutrinação. Davam os “frutos mais seguros e mais duráveis”, já mostravam o exemplo a seus pais ensinando-lhes a “verdade”, partindo para a caça aos ídolos e lutando contra os “vícios abomináveis”, ou seja, o sacrifício humano, a sodomia e o canibalismo nem que fosse pondo em risco a sua própria vida. O que lhes era ensinado? A ler, a escrever, a cantar “cantochoão e a polifonia, [...] a servir na missa inculcando-lhes todos os bons costumes cristãos e religiosos (BERNAND e & GRUZINSKI, 1997; p. 422).

As vertentes abordadas por Motolinía em sua obra; o horror dos sacrifícios e o desencaminhamento de suas almas por parte dos sacerdotes e do diabo constroem uma ideia do quanto era necessário a catequização/salvação daqueles indígenas. Espaço de “povo crente” era preciso levar a “verdadeira fé” aquelas almas perdidas e aquele espaço chamado América, ao mostrar o caminho certo aquela barbárie seria banida e os “indígenas” poderiam ser “tão ou mais cristão que os europeus”.

Héctor Bruit (2004) chama a atenção para outra linha encontrada entre as crônicas, que são aquelas que se baseiam na transcrição de documentos orais como é o caso de *Popol Vuh* e a obra do frei Francisco de Ximenez intitulada *Historia de la Provincia de San Vicente de Chiapa y Guatemala* escrita no Séc. XVIII.

O *Popol Vuh* – livro (*Vuh*) do conselho (*Popol*) ou livro(*Vuh*) da comunidade(*Popol*) – é uma recopilação de várias lendas do povo Kichés ou Quichés que pertence a família dos Maias e que vivia ao sul da península de Yucatan, onde hoje esta localizada a Guatemala. Conhecido por muitos como o equivalente a Bíblia do “quarto continente” (Novo Mundo) e escrita em meados do Séc. XVI, o valor desta obra

perpassa o sítio histórico e põe em relevo a estrutura de plano religioso e filosófico dos Maias Quichés. É uma narração que trata de explicar ou contar de alguma maneira a origem do mundo, a civilização e os diversos fenômenos que ocorrem na natureza.

Para a autora Delia Goetz: “Deveríamos supor que seria um livro de pinturas com hieroglíficos que os sacerdotes interpretavam ao povo para manter vivo o conhecimento da origem de sua raça e os mistérios de sua religião.”. Enquanto para Fray Francisco Ximénez a primeira versão escrita foi elaborada em língua Quiché utilizando caracteres do alfabeto latino em meados do século XVI. Segundo, a ele dita versão permaneceu oculta até 1701, quando os maias quiché da comunidade de Santo Tomás Chuilá (hoje Chichicastenango, Guatemala) lhe mostraram a recopilação de suas histórias e mitologia.

Além do seu conteúdo entre registros históricos da cultura e crença religiosa, o livro foi um dos poucos documentos que “sobreviveram” a violência e a pretensão de aculturação espanhola queimando os registros maias com a prerrogativa de serem livros do Demônio e sacrilégios. Narrando desde a criação da terra à criação e castigo dos homens.



Figura 2-Página do manuscrito do Popol Vuh, guardado na Biblioteca Newberry, Chicago, Coleção Ayer²⁶

Hector Bruit (2004) também irá citar à crônica *Historia de las Índias* de frei Bartolomé de Las Casas e a *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España* de

²⁶ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Popol_vuh.jpg

Bernal Díaz Del Castillo como sendo textos que: “sem deixar de lado as descrições geográficas e etnológicas, deram uma especial importância aos fatos da conquista e da colonização da América”. Quando nos debruçamos sobre a obra de Las Casas temos uma vasta fonte das três primeiras décadas entre descoberta e conquista do Novo Mundo.

Para expor um pouco mais da dimensão da obra do frei Bartolomé de Las Casas, recorro a um livro publicado por José Alves de Freitas Neto intitulado *Bartolomé de las Casas: narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana*, no qual, o próprio Bruit é quem redige o Prefácio. A obra analisa não somente a *Historia de las Índias*, como também, a *Brevíssima Relação de Destruição das Índias (1542)*.

Na tese defendida por Freitas Neto, Las Casas frade, *encomendero* e bispo, com sua obra que é uma das maiores referências quanto á estudos da América no século XVI e através de seu gênero narrativo dramático busca “uma representação trágica da conquista hispânica” e defende a “cristianização dos indígenas evitando sua eliminação por meio da violência”. Como ressonância o cronista não apenas constrói uma representação da conquista, como também, a força de sua escrita e suas denúncias culminam posteriormente com a elaboração de leis por parte da coroa de Castela para o “Novo” Mundo.

(...) indo e vindo das Índias a Castela e de Castela às Índias muitas vezes, cerca de cinqüenta anos, desde o ano de 1514, somente por Deus e por compaixão de ver perecer tantas multidões de homens racionais, domésticos, humildes, mansíssimos e simplícimos, muito prontos para receber nossa santa fé católica e toda doutrina moral e serem dotados de todos os bons costumes, como Deus é testemunha de que nunca pretendi outro interesse. Por isso digo que tenho certeza e creio assim, porque creio e julgo que assim o terá a Santa Igreja Romana, regra e medida do nosso crer, que tudo quanto foi cometido pelos espanhóis contra aqueles povos, roubos, mortes e usurpações dos estados e dos domínios dos reis e senhores naturais, terras reinos e outros infinitos bens com crueldades tão malditas, foi contra a lei retíssima imaculada de Jesus Cristo e contra toda razão natural, em grandíssima infâmia do nome de Jesus Cristo e sua religião cristã, e em total impedimento da fé, em danos irreparáveis das almas e corpos daqueles inocentes povos; e creio que por estas ímpias, celerosas e ignominiosas obras, tão injusta, tirânica e barbaramente feitas neles e contra eles, Deus há de derramar sobre a Espanha seu furor e ira, porque toda ela participou pouco ou muito das sangrentas riquezas roubadas e tão usurpadas e mal tidas (...) (Testamento de Las Casas, em 17 de março de 1564. in__ SUESS, Paulo (coord.) A Conquista Espiritual da América Espanhola . Petrópolis, Vozes, 1992. p. 557.).

Através da narrativa lascasiana o índio aparece como dócil e servil, servindo como peça chave dentro dos principais objetivos de sua escrita: em *Brevíssima* faz a

denúncia da dizimação indígena e solicita a suspensão das *encomiendas*; na *Historia* a ação das conquistas e a relação entre espanhóis e indígenas. A destruição citada por Las Casas é importante também porque traz consigo documentos citados e transcritos.

Las Casas, ao questionar aqueles que consideravam os índios bestas, encobria-os com os adereços linguísticos de sua cultura. Sabia manipular o gênero trágico. Mais do que a verdade, Las Casas procurou a verossimilhança capaz de tornar o índio repositório de suas propostas doutrinárias. Tanto sua vida quanto sua obra corresponderam a um enorme esforço para transformar a história da América em espaço privilegiado para a propagação do texto bíblico. (SILVA, 1992; p. P. 89)



Figura 3-Theodore De Bry's Illustrations for Bartolome de Las Casas's

Como podemos ver ao longo das exposições de diferentes crônicas, para a conquista e a colonização, a idéia de paraíso terrestre ou mundo fantástico, as riquezas pseudo-encontradas e a barbárie social e cultural dos nativos eram descritas como convite favorável a implantação da empresa colonial em território americano. Pairando sobre uma espécie de romance cavaleiresco ou guerras da Gália, os “césares” do

“Novo mundo” superestimavam suas atividades e feitos²⁷. Estes colonizadores criaram o mito de homens grandes, corajosos e desbravadores prontos a vencerem qualquer obstáculo em nome da Santa Igreja Católica, da Coroa e de seus interesses políticos e econômicos.

Ao que chamavam de ociosidade e antropofagia, no olhar europeu eram tidas como reforço a idéia de barbárie estrangeira e bestialidade em oposição à civilidade européia. O discurso providencialista cristão europeu fortificava-se com a perspectiva de salvar as almas da escuridão e repudiar aquilo que não fazia parte de sua concepção de mundo e de cultura civilizada. Para François Hartog o espaço fora dos âmbitos civilizadores assumem o perfil de caos, caos este que precisaria ser gerido até alcançar a ordem, que só poderia vir através de uma sobreposição das culturas e crenças encontradas na América.

As Crônicas Indianas formam textos similares e partem de parâmetros verossímeis de seleção, “la crónica como género es un contratexto que há necesitado de um texto previo para existir” (SERNA, 2005; p. 55), em forma de texto híbrido entre texto histórico e literário. Fato é que as Crônicas Indianas através da sua “construção de realidade”, sob o discurso autorizado contam histórias, trazem fatos, descrevem paisagens, narram vidas, mortes e descobertas, e é neste intuito de um documento enquanto possibilidade para tecer tramas históricas que a crônica se faz valorosa para o estudo da América, sob diferentes abordagens: desde os fatos, as suas interpretações, dos escritos aos seus interesses, da defesa ao julgamento.

Las crónicas indianas son una mezcla de autobiografía, testimonio ajeno, observación de la realidad y amor por las cosas, evangelización, sorpresa ante los ritos y las creencias, admiración por el heroísmo propio y la conducta ajena. Nace de la necesidad de contar lo insólito y lo nunca visto, de la disputa entre otros conquistadores, de la nostalgia de lo pasado, de la búsqueda de la fama, del honor y la retribución esperada. En cualquier caso las crónicas reflejan la psicología del autor (SERNA, 2005; p. 56).

1.2 - Nem história, nem literatura: o gênero da crônica e suas “tipologias”

²⁷ Para Matthew Restall, exaltavam a si mesmos por meio das “Probanzas”, uma espécie de prestação de contas enviadas à Coroa. (RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Tradução de Cristina de Assis Serra. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2006.)

No XIX Congresso do Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana realizado em 1979, o historiador Walter Mignolo sob a temática das crônicas indianas apresenta o texto: “Texto y contexto discursivo: el problema de las crónicas indianas”. Abordando uma questão que há muito tempo vinha desafiando os estudiosos da área: a definição do que seria “Crônica”, Mignolo diz:

Cuando hablamos de crónicas sabemos intuitivamente que nos estamos refiriendo a un grupo heterogéneo de texto que relatan los acontecimientos del descubrimiento y la conquista, y que describen la naturaleza, pero que para la conciencia moderna – no son propiamente historia ni literatura²⁸ (MIGNOLO, 1980. Apud. RAMOS, 1996; p. 24)

Três anos mais tarde, em *Historia de la Literatura Hispanoamericana*, Mignolo adentra ainda mais neste mundo histórico e literário. Quando a palavra “texto” soava ainda demasiada vaga para o entendimento da crônica, o autor une todo o material do que seria crônica e as divide da seguinte forma: a) “Cartas Relatorias”; b) “Relaciones”; c) “Crônica” (em sua relação com a história)(RAMOS, 1996).

Enquanto “Cartas Relatorias” Mignolo fazia a leitura de que seriam mais documentos que textos propriamente ditos. Elas portariam mensagens, contudo, não seriam relatos dos descobridores ou conquistadores e sim comunicações, informes ou solicitações “que reemplazan la inevitable falta de copresencia entre el destinador y el destinatario”.

Para as “Relaciones”, a leitura que Walter Mignolo fazia era a de textos que correspondem ao “relato/informe” e, ainda que ao longo dos tempos sofra alterações, buscava colher e ordenar as informações sobre as novas terras a serem conquistadas ou que foram conquistadas.

No tocante aos limites entre a crônica e a história, Mignolo aponta que em seu entender os cronistas indianos não escreveram de fato crônicas, se não, histórias – ainda que o próprio autor aponte que em muitos casos sejam levadas a cabo enquanto sinônimos. Para o autor quem discorre acerca do descobrimento ou da conquista do “Novo” Mundo:

²⁸Crf. MIGNOLO, Walter, **en texto/Contexto en la Literatura Iberoamericana**, Memoria del XIX Congreso del I.I.L.I, Madrid, 1980, p.223.

No lo hace, como en el caso de las cartas y de las relaciones, solo por la obligación de informar, sino que lo hace aceptando el “fin” que la caracteriza e la distingue, el de ocuparse de verdades particulares o generales para la utilidad comunitaria. (MIGNOLO, Walter. Apud. RAMOS, 1996; p. 26)²⁹

Neste contexto faz-se pertinente levantar uma questão: o que seria e do que trataria uma “Relacion”, no contexto do século XVI? Ou, como se encaixaria a *Relacion de las Cosas de Yucatán*? Na introdução do livro de Landa, o padre Angel Ma. Garibay K.³⁰ põe em relevo justamente esta temática não se distanciando muito da perspectiva de Mignolo, definindo:

Es un alegato, es un informe, es una historia. Excede el concepto al vocablo. Como alegato, se reúne datos y argumentos ante quien debe oír para fallar. Como informe se acumulan noticias y hechos, para que el deseo de conocimiento pueda venir a la real concepción de lo que son las cosas. Como historia, describe y narra. Ainda segundo Garibay: “Pesaba aún sobre los escritores del siglo de la conquista la etimología griega. La “historia” no es necesariamente narración de hechos incrustados en la marcha del tiempo. Puede ser – y las más veces lo es – una descripción de hechos. (LANDA, 1978; p. XV)

Em caráter comum encontramos nas crônicas coloniais, certa ordem no tocante ao que será descrito/narrado: descrição geográfica dos locais, descrição etnológica dos povos e a narrativa dos fatos da descoberta, conquistas e colonização dos territórios.

Segundo Karnal (2004), podemos encontrar, em suma, três tipos de crônicas coloniais: a militar, a indígena e a religiosa³¹; ainda que “nenhum dos três tipos é inteiramente distinto do outro e em nenhum deles a classificação permite total e inconfundível clareza”. O que notamos é que a complexidade e o número de informações são tamanhos, que fica difícil distinguir as fronteiras ou os limites de cada um dos tipos de crônica. Todavia, não podemos esquecer que é de acordo com as instituições ou as pessoas instituídas que testemunham e escrevem os fatos, que podemos analisar os tipos de interesses e destinatários associados à crônica, seja ela de caráter “militar”, religioso ou indígena.

²⁹RAMOS, J. M. G. **Por un imaginario atlántico**: las otras crónicas. Barcelona: Montesinos, 1996. Disponível em: books.google.com.br.

³⁰Frei Ángel María Garibay Kintana (18 de junho, 1892 - 19 de outubro de 1967) foi um padre católico mexicano, filólogo, linguísta, historiador e estudioso das culturas pré-colombianas da Mesoamérica, em especial dos povos nahuas do altiplano central mexicano. Disponível em: www.wikipedia.org

³¹“Quando deparamo-nos com os títulos das crônicas coloniais, grande parte publicada e fartamente estudada por historiadores modernos vemos aparecer as palavras “história”, “anais”, “descrição”, “cartas de relação”, “memoriais” etc. Todas essas designações fazem parte do gênero da crônica.

Nas crônicas “militares” prevalece uma espécie de auto-descrição, onde militares, conquistadores ou seus escribas exaltam a figura do “eu” como justificativa para as ações e para garantir a versão gloriosa dos atos. Escritas “paralelamente ou imediatamente posteriores a conquista”, este tipo de crônica expõe bem a jogo de interesses traduzido através das narrativas. O “bom vassalo” em sua descrição de feitos notáveis e de suma importância aos interesses da empresa buscava por outro lado a sua recompensa.

Em uma narrativa recheada de subjetividade, o favorecimento de si era algo que saltava as linhas. Entre protagonista e autor, fazer e ser, o cronista militar ainda assim não perderia o “sabor e o colorido” da testemunha. Pairando sobre uma espécie de romance de cavalaria ou guerras da Gália, os “césares” do “novo mundo” ainda assim transcrevia um fato vivido, logo, o olhar acurado se faz necessário nessa verossimilhança. É o caso das *Cartas de Relación*, de Hernán Cortés; *Crônica da Conquista*, por Cieza León; e até mesmo a *História Verdadeira da Conquista*, de Bernal Díaz.

O texto organizado por Marcos de Moraes (2004)³² traz um personagem emblemático neste tipo de crônica, Hernán Cortés em suas *Cartas de Relación* endereçada ao então imperador Carlos I da Espanha³³. Para transcender a necessidade de sua pessoa e função, descreve muito bem o universo indígena assim como os percalços encontrados na empreitada de conquista. O texto era uma espécie de propaganda para o conquistador, o sucesso de suas ações seria o fortalecimento da empresa colonial e da coroa. Em sua chegada a Tenochtitlán ficam claro os objetivos: “a conversão dos indígenas a fé católica e a à obediência ao soberano espanhol; sua missão é religiosa, monetária e a busca por ouro é feita em paralelo à caça das almas para a catequese”

Em outra perspectiva a respeito de Cortés, ainda que, apenas posteriormente entrarei na óptica e ações na chegada a Yucatán, acho válido ressaltar já neste momento o que Todorov analisa: o índio e o espanhol enquanto “sujeitos”. O autor vai, a partir de Cortez, tecer teias que nos permitam indagar o papel do “indígena” no discurso hispânico. Para Cortez, o sujeito nativo era um mero produtor de objetos - se é que não

³² MORAIS, Marcus (ORG.). **Hernán Cortés: A conquista do México, a conquista da escrita e da história**. IN: Cronistas da América. Idéias, Campinas, 11 (1): 31-42, 2004.

³³ Essas cartas hoje se encontram num códice da Biblioteca Imperial de Viena.

podemos tachar o “indígena” a partir deste mesmo ponto de vista, como o próprio objeto- já que, segundo Todorov, ele entendia o “sujeito em relação aquilo que o constitui como tal, e não, com os objetos que o produz”. Então vejamos:

Quando Cortez deve dar sua opinião acerca da escravidão dos índios (ele o faz num relatório endereçado a Carlos V), encara o problema de um único ponto de vista: o da rentabilidade do negócio; nunca se leva em conta o que os índios poderiam querer (não sendo “sujeitos”, não tem querer). (TODOROV, 1987; p. 68)

Não sendo “sujeitos”³⁴ os “indígenas” e sim “sujeitados”, segundo Cortez, o que diria o mesmo quando em uma expedição - acompanhado de Francisco de Montejo e que saiu de Cuba - partindo rumo a Yucatán e chegando em “Cuzmil” “(...) supo allí que unos hombres barbados estaban caminos de seis soles em poder de un señor”³⁵; um dos “barbados” era o então espanhol Gerónimo de Aguilar que havia sido escravizado e quase devorado por “indígenas”, como bem relatou Landa e que este Aguilar “contó allí su pérdida y trabajos y la muerte de sus compañeros y cómo fue imposible avisar a Guerrero en tan poco tiempo por estar (a) más de ochenta leguas de allí”. O “objeto indígena” havia ditado ali a sua vontade, o seu querer, e assim sendo, segundo a própria lógica do Cortez, sendo “sujeitos”.

Cortés, provavelmente, não seria tão ingênuo a tal ponto. Sabia dos valores daqueles “índios”, mas seu pensamento egocêntrico/eurocentrista tomava seus discursos e suas ações. Ainda que reconheça certos valores daquela cultura, e muitas vezes fizesse citações comparativas para com a Europa, não podiam tomar o lugar primeiro, cada um deveria estar no seu devido lugar: eu “sujeito” e o outro “objeto”.

E assim, boa parte das crônicas “militares” foi exposta. Ainda segundo Marcus de Moraes (2004), o conquistador Hernán Cortés, assim como muito outros, mas em

³⁴Ainda segundo Todorov (1987), para Cortés: “(...) são sujeitos sim, mas sujeitos reduzidos ao papel de produtores de objetos, de artesões, ou de malabaristas cujo desempenho é admirado, mas com uma admiração que ao invés de apagá-la marca a distância que o separa dele (Cortez)”.

³⁵Landa ainda relata que Cortez: persuadió a los indios que los fuesen a llamar; y que halló quien fuese, aunque con dificultades, porque tenían miedo al señor de los barbados. Y escribíoles esta carta: "Nobles señores: yo partí de Cuba con once navíos de armada y quinientos españoles, y llegué aquí, a *Cuzmil*, desde donde os escribo esta carta. Los de esta isla me han certificado que hay en esa tierra cinco o seis hombres barbados y en todo a nosotros muy semejables. No me saben decir otras señas, mas por éstas conjeturo y tengo por cierto que sois españoles. Yo y estos hidalgos que conmigo vienen a poblar y descubrir estas tierras, os rogamos mucho que dentro de seis días que recibiereis esta, os vengáis para nosotros sin poner otra dilación ni excusa. Si viniereis, conoceremos y gratificaremos la buena obra que de vosotros recibirá esta armada. Un bergantín envío para que vengáis en él, y dos naos para seguridad." (LANDA, 1978; p. 9-10)

particular, “se auto-recria e pinta um retrato maravilhoso, que permanece vivo, mas que muda a todo instante, em diferentes lugares da História e continua sempre na memória.”

No que tange a crônica religiosa temos um primeiro fator preponderante na escrita: o grau de instrução dos religiosos, onde boa parte deles, com formação teológica e filosófica tecem narrativas, como ressalta Karnal, com “retóricas bem mais desenvolvidas”, levando-se em consideração as militares. Com um objetivo “corporativo-catequético”, ou seja, dentro de uma rede de interesses políticos, através de iniciativas que emanam do núcleo, principalmente, as ordens mendicantes buscavam “enaltecer suas ações e preservar sua memória”. Por outro lado, ainda que seja difícil essa busca pelo “outro” num discurso encharcado pela alteridade, nas crônicas religiosas o universo “indígena” será muito mais presente que nas militares, isso porque, os textos religiosos devem ser escritos para “eliminar ou alterar” o contexto praticado. Em outras palavras, era necessário se conhecer afincado a cultura e a religião deste “outro” para que fosse possível combater seus “vícios” e “pecados” com mais exatidão.

Leandro Karnal (2004; p.16) relata ainda que estas crônicas narram “a conquista, narra a história indígena, descreve hábitos, institui explicações sobre as origens dos nativos e tem um traço etnográfico orientado para um conhecimento pragmático”, por que, segundo ele, o conhecimento da “cultura indígena facilita o trabalho da catequese e/ou explica e justifica o trabalho já feito pela Ordem em questão”. Como é o caso de *Historia General de las Cosas de Nueva España*, de Frei Bernardino de Sahagún; José de Acosta com a *Historia Natural e Moral das Índias*; *Historia de las Indias de Nueva España e Islas de la Tierra Firme* (encontrada atualmente na Biblioteca Nacional de Madrid) de frei Diego Durán; *Recopilación Historial*³⁶ de frei Pedro Aguado; e da *Relacion de las Cosas de Yucatán* do frei Diego de Landa – qual mesma é a fonte e objeto desta pesquisa.

O frei franciscano Bernardino de Sahagún em sua obra *Historia General de las Cosas de Nueva España*, trabalha muito bem as práticas e ritos religiosos “indígenas”, mas trás em seu bojo uma temática bastante singular: o feminino no mundo “indígena”. Gláucia Montoro vai coordenar um texto que trabalha muito bem este enfoque do Sahagún. Segundo esta leitura, ao denominar de prostitutas as “indígenas” chamadas *auianime* que “exerciam uma função não só reconhecida como estimada: nas cerimônias religiosas tinham lugar reservado ao lado dos jovens guerreiros de que eram

³⁶ Recopilación Historial dedicada a Felipe II, foi publicada postumamente em dois volumes: "Historia de Santa Marta y Nuevo Reino de Granada" (1906) e "Historia de Venezuela" (1913).

companheiras” (SOUSTELLE, 2001; p.151-152) caracterizava-se uma espécie de analogia (HARTOG, 1999; p.244), pois equivalia a mulher prostituta européia a mulher *auianime* “indígena”³⁷.

O plano divino dentro de uma perspectiva do Providencialismo ainda é bastante presente nestes tipos de escrita coloniais. A vitória da fé crista sobre a escuridão norteia os ímpetus e as narrativas, que ainda traz o indígena como pré-destinados a se transformarem em súditos do rei e da fé católica; saindo de crenças e ídolos a uma religião e seus santos, sem vícios e cheia de virtudes.

A *Relacion de las Cosas de Yucatán*, do frei Diego de Landa, é outra amostra de crônica religiosa. O franciscano espanhol tem em si um antagonismo muito presente e perpassa para sua obra, contudo, a forma como reuniu/condensou seus dados; confrontando as informações vindas dos “indígenas”, chama a atenção pela sua forma didática. Para Okoshi Harada (2004) Landa conseguiu sintetizar, de forma bastante objetiva, esses dados colhidos ao longo de sua estadia na península de Yucatán, ainda que sobre interesses bastante delimitados.

No se halla el bautismo en ninguna parte de las Indias sino (sólo) en esta de Yucatán y aun con vocablo que quiere decir *nacer de nuevo u otra vez*, que es lo mismo que en la lengua latina (significa) renacer, porque en la lengua de Yucatán *zihil* quiere decir *nacer de nuevo u otra vez*, y no se usa sino en composición de verbo: y así *caputzihil* quiere decir *nacer de nuevo*. No hemos podido saber su origen sino que es cosa que han usado siempre y a la que tenían tanta devoción que nadie la dejaba de recibir y (le tenían tanta) reverencia, que los que tenían pecados, si eran para saberlos cometer, habían de manifestarlos. especialmente a los' sacerdotes; y tanta fe (habían) en él que no repetían el pecado en ninguna manera. (LANDA, 1978; p.50)

O terceiro tipo de crônica é a indígena, *crioulla* ou mestiça, como é o caso de *Nueva Crónica y buen gobierno*³⁸ Guamán Poma de Ayala ou os *Comentarios Reales* de Garcilaso de la Vega, El Inca. Nestas narrativas são encontradas memórias dos “indígenas” no período pré-hispânico, sendo os valores destes confrontados com os dos europeus vigentes no “Novo Continente”. Nobreza e origens são a todo tempo resgatadas como uma forma de mostrar o quão “virado” estava aquele mundo agora,

³⁷ Segundo o próprio texto esta “analogia” limitaria o próprio papel da mulher *auianime* já que ela “exercia uma função não só reconhecida como estimada: nas cerimônias religiosas tinham lugar reservado ao dos jovens guerreiros de que eram companheiras”.

³⁸ Partes da obra, assim como algumas digitalizações do original podem ser encontradas em idioma espanhol no site www.kb.dk/elib/mss/poma/.

com a chegada dos europeus. Valores, moral e crença reforçam a luta discursiva para mostrar nos indígenas uma espécie de “bons selvagens”, onde antes, viviam em sistemas policiados e que gozavam de organização.

Na escrita de Poma de Ayala³⁹, o “outro” era o europeu conquistador. Segundo a leitura do texto de Ana Raquel Portugal, índio peruano ladino⁴⁰, Ayala busca, através deste jogo de alteridade que se inverte, neste caso em particular, traçar soluções quanto à política colonial vigente. Em sua viagem nas tradições orais, resgata, a partir do estranhamento do “eu” e do “outro”, uma visão menos deturpada do que seria a organização e a vida dos indígenas, utilizando de ferramentas européias para tentar traduzir os valores e tradições indígenas para o “Velho” mundo. Didático e bastante retórico o Inca narra seus descontentamentos com o cotidiano colonial e o tratamento dado ao índio, com o intermédio da escrita, faz a ponte para o encontro entre o indígena e o europeu.

Apesar desta distinção entre os tipos de crônica, Leandro Karnal (2006; p.18) nos chama a atenção para uma indagação: “unicamente pela unidade corporativa da autoria religiosa (aqui acrescento militar e indígena), poderíamos eliminar as divergências profundas de estilo, época, fundamentação e experiência histórica?” Segundo o autor, quanto mais nos embrenhamos no contexto e conteúdo das crônicas, nos é caro fazer uma distinção quanto “categoria analítica” destas. Ironicamente, Karnal responde a isto com mais perguntas: “Como classificar uma crônica como a de Pedro Mártir de Angleria, que jamais pôs os pés na América?”- acrescento aqui as crônicas de Ulrico Schmidl, soldado e cronista alemão que escreveu *“Paraíso de las selvas del Paraguay y el Chaco”* ou mesmo a do calvinista francês Jean de Léry *“Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil”*, ambas do século XVI- “Onde colocar a crônica de Popol Vuh, ao mesmo tempo indígena na fonte, mas evidentemente marcada pela intermediação da transcrição para o espanhol?”. Ora, na visível confluência de temáticas, períodos, instituições, entre outros, é que nos indagamos a respeito destas distinções didáticas, já que, repetindo o exposto a algumas laudas atrás, “nenhum dos

³⁹ “Em 1615, Felipe Guamán Poma de Ayala terminou de escrever sua crônica intitulada Nueva Corónia y buen gobierno para o rei Felipe III da Espanha. Tratava-se de uma carta com 1.189 páginas solicitando ajuda para acabar com os males da colonização, que foram observados por ele ao longo de suas viagens pelo território andino. Visando facilitar a comunicação com seu receptor europeu, Guamán Poma adicionou 398 desenhos a sua carta (...)” Ana Raquel Portugal. Idéias. Pg. 61

⁴⁰ A expressão índio ladino é usada para referir-se aos índios que eram catequizados e que incorporavam os ensinamentos transmitidos pelos jesuítas durante o período Colonial. “História Global, Brasil e Geral”, por Gilberto Cotrim, Volume único, 7ª edição.

três tipos é inteiramente distinto do outro e em nenhum deles a classificação permite total e inconfundível clareza”.

Karnal continua com suas inquietações: “Haveria uma categoria efetiva e analítica que permite agrupar esse universo disperso?”. A narrativa da crônica colonial propõe uma possibilidade de tradução do universo da conquista, ainda que em sua grande maioria busquem um status de “verdade” absoluta, como nas sagradas escrituras⁴¹, finda por ser um esforço epistemológico de se fazer enxergar aos olhos do “eu” europeu o “outro” estranho, “selvagem”, “indígena”; construindo uma América e ao mesmo tempo forjando uma nova Europa, quando do novo traçado da alteridade. Para o autor, a crônica tem um endereçamento essencialmente europeu, contudo, não deixa de por em relevo as “possibilidades explicativas mais complexas do que um simples espelho do Velho Mundo”.

Nesta perspectiva crítica quanto ao gênero da crônica colonial podemos observar ainda que o jogo semiótico e epistemológico intercalam-se nas entrelinhas dos discursos. A construção dos sentidos na crônica está na mobilidade da sintaxe (forma) e da semântica (conteúdo) enquanto escrita, assim como, na relação texto-contexto que perpassa a própria figura do remetente – autor-, chegando à leitura e o julgamento feito pelo destinatário.

1.3 A crônica como fonte de documento histórico: a obra de Diego de Landa

Os discursos movimentam a história, atravessam e são atravessados pelo tempo, criam significados para acontecimentos que conquistam novos sentidos, cristalizam conceitos, preconceitos, estereótipos, ordenando o mundo com suas coisas, com seus espaços. Compreender o poder e a maneira de atuação do discurso é pensar, também, a construção do próprio sentido. O que existe está à espera de um sentido, o qual faz daquilo que existe algo existente, e isso só é possível através da linguagem, é ela que faz nascer a vida fecundada e o próprio espaço. *Harley Moreira*

⁴¹ Ainda que tenhamos de ler crônica como uma possibilidade do real vivido o texto da crônica “não se contenta com a pretensão de ser uma realidade historicamente verdadeira - pretende ser o único mundo verdadeiro” (AUERBACH, 1987; p. 10).

O resgate da crônica enquanto “gênero de documento histórico” no Séc. XIX representou uma mudança significativa dentro do campo historiográfico. O trabalho dos historiadores agora se baseava, também, numa espécie de “resgate” destes escritos, através do conhecimento do passado tecer reflexões acerca dos problemas presentes, onde a empreitada pela formação de uma identidade nacional rogava por “descortinar” os alicerces históricos do cenário que estavam presenciando.

O boom das crônicas enquanto ferramenta de estudo ou “monumentos históricos escritos” começou por uma verdadeira “revisão científica destes manuscritos”, segundo Georges Baudot (Apud. DO REIS, 1983; p. 332). Intelectuais como Carlos Maria Bustamante, Luís Garcia Pimentel, Joaquín García Icazbalceta, Capistrano de Abreu, José Fernando Ramírez, Varnhagen⁴², dentre outros foram destaques neste intuito “revisionista”.

Esta abordagem das crônicas era feita sobre uma rigorosa metodologia que partia de dois princípios básicos⁴³:

o primeiro era a avaliação da autenticidade da crônica, a partir de uma análise interna e externa da fonte, típicas da crítica metodológica do Séc. XIX; o segundo, a partir daí, buscava desvendar a realidade que pudesse dar conta dos problemas propostos naqueles anos (DOS REIS, ANDERSON & FERNANDES, LUIZ, 2006; p. 34-35).

Ainda no século XX existiriam ressonâncias desta linha de abordagem frente a crônica como fonte, como exemplo disto, Edmundo O’Gorman (1982) destinou boa parte de seus estudos quanto a *Historia de los Indios de la Nueva España* (atribuída a Motolinía) seguindo premissas como: 1) saber se a crônica tinha sido escrita por aquele frade; 2) perceber os elementos que colocavam em suspenso a autenticidade do manuscrito; e 3) discutir as possibilidades de terem sido feitas modificações por outros religiosos. Segundo Anderson Reis e Luiz Fernandes “o que estaria em jogo para O’Gorman é a validade daquela crônica a partir da discussão autoral” (Ibidem; p. 34).

⁴² Ibidem. p. 34

⁴³ Ainda no artigo a “A crônica colonial como gênero de documento histórico” para o alemão Leopold Von Ranke o tratamento dado as fontes seria a partir de quatro operações: “(1) Heurística e Crítica: identificação, rejeição, crítica interna e externa, definição da importância das fontes secundárias; (2) Interpretação: inserção dos dados organizados no contexto das intencionalidades dos agentes históricos e das perspectivas históricas; (3) Historiografia: transmissão das regras para a composição do texto (formas de representação); (4) Didática: preocupação com a utilidade pessoal e social do conhecimento de determinados dados. Cf. Wernet (s/d, p.37)

Hoje, o que buscamos neste trabalho são formas de se perceber as realidades, assuas representações, suas descrições e as tramas políticas inscritas nas crônicas. Dentro da intertextualidade que a construção da crônica nos favorece, tecer possibilidades históricas através dos fatos ou em suas práticas discursivas. Quando dizemos, com Villanueva (2004) e Carpentier (1949): a América como “Reino das Maravilhas”, pensamos que o estudo da “construção colonial da realidade americana”, ou mesmo a “invenção da América”, a partir das crônicas coloniais, não estaria no fato de encontrar o vivido ou as inverdades em suas linhas - ainda que saibamos que a escrita precede de um lugar e um fim e que é importante ressaltar a preocupação dos próprios autores em expor seu discurso enquanto verdade. A riqueza das crônicas, neste processo, estaria em interrogá-las sobre o que é pensável, sobre o que dizem. É buscar “o incompreensível que ele faz surgir” (CERTEAU, 2008) e como ele o faz. Dialogando ainda com Certeau, podemos explorar a perspectiva das práticas e dos discursos estarem intimamente ligados onde não seriam “corpos flutuantes” e não poderia se entender o que descrevem “independente da prática de que resultam” (CERTEAU, 2002; p.32).

Logo:

“O historiador, então, debruça-se sobre o texto e acredita que o seu olhar possa ser uma espécie de antídoto contra as outras interpretações e leituras que foram feitas. Ilusão: ele mesmo lança outra maldição, uma nova prisão e a cada leitura novas histórias fantásticas têm início. Verdade ou mentira, realidade ou imaginação são questões difíceis de serem trabalhadas. Nem sempre é possível responder a essas perguntas. O acontecimento que o texto nos mostra pode ser falso, mas é verdade que ele o mostra. É aqui a morada da História e de onde ela tentará buscar algumas compreensões. Porque a conquista espanhola narrada valorizando apenas alguns personagens? De que modos são narrados os indígenas e os europeus nesses relatos? Que tipo de tradição está presente nas narrativas sobre a Conquista do Peru de 1534 e que resistem até hoje?” (MORAIS, 2006; p. 82)⁴⁴

Neste sentido, se faz importante o ato de revisitar a obra do frei franciscano Diego de Landa: “Relacion de las Cosas de Yucatán”⁴⁵, trazendo a tona às representações, ações e as interpretações sob a óptica cristã e europeia que o mesmo faz acerca da cultura maia, pondo em relevo, ainda, o antagonismo da obra, os discursos ambivalentes e o conjunto de interesses em torno desta. Para J. Eric. S. Thompson a obra apresenta:

⁴⁴ MORAIS, Marcus. **As conquistas das crônicas a partir da crônicas das conquistas: história, memória e escrita**. IN: Cronistas da América. Idéias, Campinas, 13 (2): 81-97, 2006.

⁴⁵ LANDA, Diego de. *Relación de las Cosas de Yucatán*. México: Editorial Purria, 1978.

La más importante de estas (fuentes) es la historia de Yucatán que compuso (...) el obispo Diego de Landa. Se trata de toda una mina de información acerca de costumbres, creencias religiosas, e historia, a la vez que contiene una explicación detallada del calendario maya (...) Y ciertamente sin este libro es dudoso que hubiéramos podido dar ningún paso en el desciframiento de los glifos, y sabríamos mucho menos sobre los mayas. (LANDA, 1978; p.X)

Uma obra que não é autônoma e que através de uma ampla rede de relações na qual foi produzida, lê o calendário Maia, desenha toda a fauna e flora “respirada” em terras yucatecas, aprende o “batismo” que ocorria na cultura maia daquela península, traz a educação, a família, as vestimentas, numerosas temáticas referentes aos Maias do pós-clássico.

“Relacion de las Cosas de Yucatán” (1978), é uma crônica que vai além de uma descrição da organização dos povos Maias: costumes, educação, vestuário, arquitetura, jogos, política, economia, família, leis, alimentação, etc.; é também um escrito de defesa, tendencioso e com destinatários específicos. Sob a forma como reuniu os dados, Landa traça uma linha tênue entre o Landa etnógrafo: coletando e confrontando uma gama de informações a partir do contato direto com indígenas e seus espaços de convivência e o Landa Historiador: fazendo uma descrição narrativa sobre os fatos e coisas de Yucatan e seus povos através da relação causa-efeito. Trata-se ainda de uma interpretação, uma voz que pode explicar o “outro”, “indígena” pagão, a partir do “eu”, espanhol religioso legitimado, em uma alteridade lida a partir do antagonismo recorrente na figura de Landa: inquisidor e perpetuador da cultura Maia.

Entre inquisidor e estudioso, destruidor de códices hispânicos que poderiam conter diversas informações sobre os mais variados aspectos da cultura Maia e seus escritos, fato é que não nos cabe aqui julgar e sim perceber o legado deixado por Diego de Landa que é importantíssimo. Sua “Relacion” apresenta temas controversos e é atravessada por uma “crise de interesses”, mas são esses elementos que contribuem para tornar a crônica um fator no mínimo intrigante ao olhar do historiador.

Logo, não buscamos encerrar neste trabalho todas as dúvidas acerca da obra e seu autor, contudo, expor mais perguntas que respostas a respeito, tanto dos caracteres internos quanto os externos que circundam a obra. Com “la creación y consumo de las imágenes mayas” permeada pela obra, propomos fazer a leitura da obra a partir dos informantes, de sua legitimação, da justificativa do uso da força pelo texto produzido

com remetentes bem distintos, o processo e o uso da obra. Caminhando sobre estes trilhos é que faremos a apresentação desta obra ao longo do trabalho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BENASSAR, Bartolomè. "La América española y la América portuguesa, siglos XVI-XVIII". Madrid: Ediciones Akal, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. "**O poder simbólico**". Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. "**Economia das trocas simbólicas**". Sao Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRUIT. H., Hèctor. "**América en el pensamiento político de Bartolomè de Las Casas**". UNICAMP, Departamento de Historia.
- BRUIT. H., Hèctor. "**Bartolomè de Las Casas e a simulação dos vencidos**". UNICAMP, Departamento de Historia.
- BECCO, H. J. **Historia real y fantástica del Nuevo Mundo**. Caracas: Fundacion Biblioteca Ayacuch, 1992..
- BERNAND, C.; & GRUZINSKI, S. **Histórias do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia 1492-1550**. São Paulo: [s.n.], 1997.
- BETHELL, (.). L. **História da América Latina: América Latina Colonial**. São Paulo: EdUSP, v. 1, 1997.
- BREVÍSIMA relación de la destrucción de las Indias. [S.l.]: Red-ediciones, 2006. Disponível em: books.google.com.br.
- BRUIT, H. H. **Bartolomé de las Casas e a simulação dos vencidos: ensaio sobre a conquista hispânica da América**. Campinas: Iluminuras, 1995.
- BURITI, I.; DANTAS, E. **Metodologia do Ensino e da Pesquisa: Caminhos da investigação**. Joao pessoa/Campina Grande: EDUFCEG, 2008.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CERTEAU, Michel. "**El lugar del otro: Historia religiosa y mística**". Buenos Aires: Katz Editores, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.65-119.
- _____. **A operação histórica**. In. LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. (dir.) *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995. p.17-48.
- CHARTIER, Roger. "**El mundo como representacion**". Barcelona: Editorial Gedisa. 2002

COGOLLUDO, D. L. D. **Los tres siglos de la dominación española en Yucatán: o sea historia de esta provincia, desde la conquista hasta la independencia.** [S.l.]: J.M. Peralta, v. 1, 1842. Disponível em: books.google.com.br.

COGOLLUDO, D. L. D. **Historia de Yucatán.** Barcelona: Linkgua, 2007.

DOS REIS, ANDERSON & FERNANDES, LUIZ. **A crônica colonial como gênero de documento histórico. Ideias.** Campinas: UNICAMP, v. 13 (2), 2006. 25-42 p.

Duvale, *Angel de Altolaquirre Y DESCUBRIMIENTO Y CONQUISTA DE MÉXICO*
Barcelona Salvat 1954

GABLER, R.; MARTEL, P. **Yucatán a través de los siglos: memorias del simposio del 49º Congreso Internacional de Americanistas.** Quito : UADY, 2001.

GARCÍA, J. C. **Investigaciones históricas y arqueológicas en Cifuentes, villa de la provincia de Guadalajara, y sus cercanías.** Madrid: [s.n.], 6 de Diciembre de 1889.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlo. "El queso y los gusanos: El cosmos segun un molinero sel Siglo XVI". Barcelona: Editorial Peninsula, 2001.

GINZBURG, Carlo. "Raíces de un paradigma de inferencias indiciales". Mitos, emblemas, indicios. Morfología e Historia, Barcelona: Editorial Gedisa, 1989, pp.138-175.

GINZBURG, C., "Freud, el hombre de los lobos y los lobizones", Mitos, emblema e indicios. Morfología e Historia, Barcelona, Gedisa, 1989

GIORDANI, M. C. **História da América Pré-Colombiana.** Petrópolis: Vozes, 1991.

GREENBLATT, S. **Marvelous Possessions: The Wonder of the New World.** Chicago: University of Chicago, 1991.

GRUZINSKI, S. **A Colonização do Imaginário. Sociedades Indígenas e Ocidentalização no México Espanhol Séculos XVI-XVIII.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

INGA, C. **Ambivalent Conquests: Maya and Spaniard in Yucatan, 1517-1570.** New York: Cambridge University Press, 2003.

KARNAL, L. **As crônicas ao Sul do Equador. IN: Cronistas da América. Idéias,** Campinas. Campinas: UNICAMP, v. 13 (2), 2006. 11-23 p.

LANDA, D. D. **Relación de las Cosas de Yucatán.** 11º. ed. México: Porrúa, 1978.

LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII.* Prefácio de Jacques Revel. Tradução Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.

LIENHARD, M. **Testimonios, cartas y manifiestos indígenas:** desde la conquista hasta comienzos del siglo XX. Venezuela: Fundacion Biblioteca Ayacuch, 1992.

LÓPEZ-PORTILLO, R. P. **Los Mayas:** historia de un pueblo indómito. Madrid: [s.n.], 2007..

NETO, F. **Bartolomé de las Casas:** narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana. Lisboa: Annablume, 2003.

OGORMAN, E. **A invenção da América:** REFLEXÃO A RESPEITO DA ESTRUTURA HISTÓRICA DO NOVO MUNDO E DO SENTIDO DO SEU DE VIR. Sao Paulo: UNESP, 1992.

OKOSHI HARADA, T. **Relación de las cosas de Yucatán de fray Diego de Landa:** un crisol de intereses. Villahermosa, Tabasco, México: Creación y consumo de imágenes étnicas de los mayas" presentado en el VI Congreso Internacional de Mayistas, julio de 2004.

PIERA, Elisenda y CABRILLANA, Glòria. **"Antropologia de la religión: Una aproximación interdisciplinar a las religiones antiguas y contemporáneas"**. Barcelona: Editorial UOC, 2003.

P. BERNARDINO LLORCA, S. J. **"Manual de Historia Eclesiástica"**. Barcelona: Editorial Labor, 1942.

RAMOS, J. M. G. **Por un imaginario atlántico:** las otras crónicas. Barcelona: Montesinos, 1996. Disponível em: books.google.com.br.

RESTALL, M. **Sete mitos da conquista espanhola.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SERNA, M. **Crónicas de Indias:** antologia. Madrid: Guida , 2005.

SOUZA, L. D. M. E. **Inferno Atlântico.** Sao Paulo: Companhia das Letras, v. 1, 1993.

STUART B. SCHWARTZ, J. L. **A América Latina na época colonial.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

TODOROV, T. **A conquista da América:** a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VAINFAS, R. (. **América em tempo de conquista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

VAINFAS, R. **Economia e sociedade na América espanhola.** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

VILLANUEVA, D. Literatura européia e construção colonial da realidade americana. **Literatura Y História: Actas do Colóquio Internacional,** Porto, II, 2004. 319-328.

WIESENTHAL, M. **Yucatan and The Maya Civilization**. Barcelona: Geocolor S.A, 1979.

WILLY BOK, F. H. **Religiones:** sus conceptos fundamentales. [S.l.]: Siglo. XXI, 2002.

DIEGO DE LANDA, “LAS COSAS” E YUCATÁN

Williams Bartolomeu Baracho de Lima¹

O autor tem um lugar de produção, que interfere diretamente em sua escrita. Logo, ao adentrar em alguns dos aspectos da obra de Diego de Landa, *Relacion de las Cosas de Yucatán* (1978), se faz necessária uma apresentação. Ainda que seja cara a pesquisa a construção de uma “trajetória de vida”, a fazermos sem, no entanto almejar construir uma biografia, pois as nossas fontes nos limitam ainda que nossos questionamentos só aumentem.

Iremos expor como aparece na narrativa de Landa a chegada dos espanhóis e franciscanos a península de Yucatán, e logo depois, comentaremos acerca de um dos mais famosos e sangrentos atos da península: o auto de fé de Maní.

2.1– Diego Calderón: um personagem a ser descoberto

Diego de Landa foi um homem hábil, estratégico e que, não apenas buscou analisar e descrever a cultura Maia, com também a interpretou. Confiante em seus preceitos, através de suas ações como autoridade da ordem seráfica no “Novo Mundo”, cooperou com as inconstâncias e mudanças do México Colonial. Cruel e fanático, estratégico e evangelizador, um homem do seu tempo e de personalidade peculiar, a lista de sinônimos dados a figura de Diego de Landa cresce a cada nova interpretação da sua pessoa.

Inicialmente buscamos fontes que nos permitissem discorrer sobre a vida de Diego de Landa Calderón, contudo, parece-nos que os historiadores se ocuparam tanto da obra deste; *Relacion de las Cosas de Yucatán*, que de certa forma, deixaram de lado a sua figura. Vale ressaltar que em tempos coloniais alguns escritores se dedicaram a esboçar parte da biografia de Landa: Sánchez de Aguilar, Mendieta e López de

¹ Bacharel em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

Cogolludo, são exemplos destes. Nas últimas décadas podemos citar: Ángel María Garibay, Jean Genet, Barrera Vázquez e Yuri Knorozov. Mesmo diante a dificuldade do levantamento de informações, ou ainda, quando nos é acessível os desencontros de datas e nomes são corriqueiros, buscamos realizar um breve trabalho acerca da vida de Diego Calderón ou frei Diego de Landa.

Diego de Landa Calderón nasceu em 12 de novembro de 1524 na cidade de Cifuentes (Guadalajara) na Espanha. Landa pertencia a uma família cristã “ilustre” daquela região e recebeu uma educação à altura. Logo teria contato com a Ordem Franciscana, já que esta possuía um convento nos arredores da cidade. Ainda adolescente dezesseis/dezessete anos, Landa chega ao convento de *San Juan de los Reyes* localizado na cidade de Toledo na Espanha para professar na ordem seráfica.



Figura 1 - La venta del Jenaro Pérez Villamil el convento de San Juan de los Reyes en Toledo

Cabe pensar que el tiempo de residencia en el claustro toledano sirvió para moldear su carácter de obstinado defensor de la fe, y que sus preceptores inculcaron en él la intransigencia puesta de manifiesto después a lo largo de su labor evangelizadora. Sin embargo, la manera terca y decidida de afrontar las relaciones con los españoles de América es prueba seguramente de que los rasgos de su temperamento --cruel y fanático ha sido llamado por varios

autores-- no fueron producto de la formación juvenil sino cualidades peculiares de su personalidad. (FONTE: <http://www.artehistoria.jcyl.es>)

Por volta de 1547, o frei Nicolás de Albalate de Maní estava regressando a Yucatán e formou um pequeno grupo de cinco sacerdotes para ir com ele. O que acontecia era que neste momento fazia-se necessária a presença de missionários na região da Nova Espanha como educadores religiosos ou evangelizadores, no intuito de apaziguar os conflitos entre “indígenas”, encomenderos e conquistadores.

Em 1549 chegou à península de Yucatán e é prontamente nomeado Guardião de Izamal, dando-se este nome a cidade por sua relação com o deus céu *Itzamná* “el dios padre hacedor de los hombres y de todas las cosas”, uma das principais cidades da península. Posteriormente no ano de 1552, passou a ocupar-se também da construção do convento de San Francisco, como nesta época já apreciador de construções e arquitetura, Diego de Landa ainda cooperou com os demais de sua ordem ao fazer parte desta construção, pois os freis viviam em cabanas de palhas. A construção do local também não foi aleatória, uma colina onde os indígenas cultuavam em tempos pré-hispânicos, os deuses da chuva, chamada de *pa`pol chak*.

Quando a Guatemala foi unificada a província de Yucatán em 1561, no dia 13 de setembro, Diego de Landa foi nomeado Provincial, sendo que desde 1560 o frei era Guardião da cidade de Mérida. A reputação de Diego de Landa crescia constantemente:

(...) se le tenía por hombre virtuoso y prudente, y nada hacia presagiar la exaltación con que iba a cumplir los nuevos cometidos que se le asignaron como máxima autoridad religiosa de la península (ya que de 1545 a 1562 los asuntos eclesiásticos de Yucatán fueron dirigidos por los preladados franciscanos a falta de obispo residente). (FONTE: <http://www.artehistoria.jcyl.es>)

Apesar das campanhas de conversão, a antiga religião dos Maias nao havia desaparecido, como vimos no tópico anterior, e em 1562 quando Landa chega a Maní e institue um tribunal religioso. Culminando com a morte de “indígenas”, o castigo de outras dezenas e a destruição de diversos códices Maias. O então bispo de Yucatán, Francisco de Toral, escreve diretamente ao rei Felipe II sua insatisfação com as ações de Landa, fazendo com que este tenha de ir a Espanha defender-se das acusações. Antes de

Chegar a Toledo seu destino final no convento de San Juan de los Reyes, Landa passa por Barcelona onde lá estava o primeiro da Ordem Franciscana ao qual buscou conselhos para formular sua defesa. Landa foi absolvido e logo depois foi nomeado maestro dos noviços no convento de San Juan de los Reyes, onde havia começado sua carreira. Em 1568 Landa vai descansar por uma boa temporada em sua cidade natal.

Em abril de 1571 morre o bispo de Yucatán Francisco de Toral. No mesmo ano Diego de Landa recebe uma Cédula Real o convidando para a cadeira episcopal de Mérida – Yucatán e embarca no ano seguinte para tomar seu lugar como bispo de Yucatán.

O governo da sua Igreja era forte, por exemplo, chegando a excomungar o governador de Mérida após um conflito de competência, e não abandonando suas censuras ate que este abandonou o posto. Entre 1574 e final de 1575, deu início a uma viagem ao México para instalar uma doutrina cristã na língua Maia, que existem referências, mas, infelizmente, nunca foi encontrado. Voltando à sua diocese, Diego de Landa morreu na cidade de Mérida em 29 de abril de 1579, a 54 anos de idade.

Los datos de la vida de fray Diego de Landa son más bien confusos en las fuentes de información y no se ha hecho una biografía del escritor, obispo y misionero, que llene a las exigencias de la crítica. (...)Sucintamente hasta donde se definen sin pasión los testimonios, la historia de este lapso es como sigue. Sin amor ni odio, son la serenidad que pedía el romano para los hechos, puede tenerse el cuadro en grandes lineamientos. Hombre de su raza y de su época, con sangre acaso de cascós, como su nombre de familia parece insinuarlo, es natural que hirviera en él pasión y las pasiones en torno de él. Hoy callado en la tumba, nos habla sólo por medio de este escrito. Es lo que nos interesa ahora. (LANDA, 1978; p. XI-XII)

2.2 – Os deuses anunciam, Landa descreve: a chegada dos espanhóis e franciscanos em terras yucatecas.

Antes da chegada dos franciscanos, ou mesmo dos espanhóis as terras ameríndias, documentos indígenas indicavam a ocorrência de sinais e profecias que ilustrando fortes mudanças, como a volta dos deuses e até mesmo o “final dos tempos” que geraram uma verdadeira “atmosfera de terror religioso” (BETHELL, 2001) entre os

nativos. Em sua obra, Diego de Landa remonta a esta atmosfera, fazendo-se valer de suas fontes e documentos indígenas, demonstrando que assim como os povos mexicanos e de outras partes da América, como o Peru, por exemplo, os maias de Yucatán também tiveram tais sinais.

Segundo Landa na província de *Tutu Xiu* em Maní, um “índio” chamado *Ah Cambal* que tinha como ofício “dar las respuestas del demônio”, foi a público e disse: “(...) que pronto serian señoreados por gente extranjera, y que les predicarían un Dios y la virtud de un palo que en su lengua llaman *Vamonché*, que quiere decir *palo enhiesto de gran virtud contra los demonios*”². Landa ainda relata que Don Juan de Cocom, de nome nativo *Na Chi Cocom*³, uma de suas fontes mais próximas levou ao seu conhecimento um livro que havia sido de seu avô, um dos chefes assassinado em Mayapán, e em sua capa estava pintado um “venado” e seu avô o disse: “(...)que cuando en aquella tierra entrasen venados grandes, que así llamaban a las vacas, cesaría el culto de los Dioses.”

Certamente Landa era conhecedor da influência que as profecias exerciam sobre o povo Maia. Em vários trechos de sua obra o franciscano põe em relevo a figura do “Chilam”, ou “Chilan”, que quer dizer “el que es boca”(Dicionário de Motul), um dos sacerdotes que estavam encarregados de interpretar os livros sagrados e “dar las respuestas de los demônios” ou “de los deuses”. Tal era a importância destes sacerdotes no ambiente social Maia que muitas vezes “acontecia (del pueblo) llevarlos en hombros”. Eram estes sacerdotes que traziam a público os sinais e as profecias. Dentre os mais famosos destes temos *Chilam Balam*⁴ e, ao que tudo indica, viveu em Maní até pouco tempo antes da chegada dos espanhóis.

Os livros de Chilam Balam formam uma parte importante da literatura indígena na América e retrata diversas passagens da cultura Maia na península de Yucatán. Dentre os diversos assuntos encontrados nos livros, um nos chama atenção: Chilam Balam teve a visão do advento de uma nova religião e de seu sucesso. Leslie Bethell (2001; p.196) lembra uma das profecias de Chilam Balam: “Quando lançarem seu sinal

² Ainda que não apareça claramente em la “Relacion de las Cosas de Yucatán” é possível que esta informação tenha sido fornecida por uma das principais fontes indígenas de Diego de Landa: Gaspar Antonio Chi Xiu. Ainda segundo Okoshi Harada, Chi Xiu teria fornecido muito mais informação a Landa.

³ Ver: Okoshi Harada “Relacion de las cosas de Yucatán de fray Diego de Landa: un crisol de intereses”, p. 47.

⁴ Segundo Barrera Vasquéz, Alberto e Rendon, Silvia: “Balam es un nombre de familia, pero significa jaguar o brujo, en un sentido figurado.” IN: “El libro de los libros de Chilam Balam”. México, FCE, 2005, pg. 14.

para o auto com a árvore da vida, tudo de repente estava mudado e o sucessor da primeira árvore da vida aparecerá e para todo mundo ficará clara a mudança”⁵.

Then with the true God, the true “Dios”, came the beginning of our misery. It was the beginning of tribute, the beginning of church dues, the beginning of strife with purse-snatching, the beginning of strife with blow-guns, the beginning of strife by trampling on people, the beginning of robbery with violence, the beginning of forced debts, the beginning of debts enforced by false testimony, the beginning of individual strife, a beginning of vexation, a beginning of robbery with violence. This was the origin of service to the Spaniards and priests, of service to the local chiefs, of service to the teachers, of service to the public prosecutors by the boys, the youths of the town, while the poor people were harassed. (ROYS, Ralph L. *The book of Chilam Balam of Chumayel. Washington D.C.; Carnegie Institution. 1933 p. 31*)

Ardera la tierra y habrá círculos blancos en el cielo. Chorreará la amargura, mientras la abundancia se sume. Arderá la tierra y ardera la guerra de opresión. La época se hundirá entre grandes trabajos. Como será ya será visto. Sera el tiempo del dolor, del llanto y la miseria. Es lo que está por venir.

Capítulo XIV. Las últimas profecías.
Chilam balan de Chumayel.
La Interpretación Histórica de Yucatan
Profecía del sacerdote Napuc Tun.

Relatos messiânicos e elementos proféticos eram de todos os tipos e presentes em diversas partes, contudo ainda aqueles mais “laboriosos” não dariam conta do que de fato viria a ser este futuro tão próximo com a chegada dos homens barbudos, montados a cavalos, com armas de sons e efeitos desconhecidos e que traziam consigo símbolos e significações contrários aqueles acreditados pelos nativos. Na “Relacion” de Landa relatos sobre os primeiros contatos, conquistas e colonização em Yucatán estão diluídos ao longo da obra. Relatos que circulam entre contatos pacíficos e violentos, discursos que lêem a força do indígena e outros que os condenam, um terreno cheio de dualidades, inclusive quanto as atitudes de Landa são presentes em eventos deste tipo.

Landa remonta a península antes da chegada dos espanhóis onde “vivían los naturales juntos en pueblos, con mucha policia, y tenían la tierra muy limpia y desmontada de malas plantas y puestos muy buenos árboles”, fala também como eram distribuídos os espaços dos domicílios indígenas e seus cultivos. Ainda que existissem conflitos entre os próprios povos Maias de Yucatán, nada iria se comparar a mudança causada pela chegada dos espanhóis e isso será bastante visível na leitura de Landa.

⁵ Chilam Balam de Chumayel, ed. e trad. Benjamin Péret, Paris, 1995, pg. 217.

No Capítulo III, intitulado Cautiverio de Gerónimo de Aguilar - Expediciones de Hernández de Córdoba y Grijalva a Yucatán, Diego de Landa retrata o cenário da chegada dos primeiros espanhóis a Yucatán, por volta de 1511:

Que los primeros espanoles que llegaron a Yucatán, según se dice, fueron Gerónimo de Aguilar, natural de Eciija, y sus compañeros; (...) Después de muertos de hambre casi la mitad, llegaron a la costa de Yucatán, a una provincia que llaman de la Maya, de la cual la lengua de Yucatán se llama *mayathan*, que quiere decir *lengua de maya*. Que esta pobre gente vino a manos de un mal cacique, el cual sacrificó a Valdivia y a otros cuatro a sus ídolos y después hizo banquetes (con la carne) de ellos a la gente, y que dejó para engordar a Aguilar y a Guerrero y a otros cinco o seis, los cuales quebrantaron la prisión y huyeron por unos montes (LANDA, 1978; p.6).

A visão de “os deuses!”, as reverências, a acolhida e uma visão pacífica “indígena” para com os espanhóis, cedem lugar não apenas para o espanto, a luta e a defesa, mas acima de tudo, para uma leitura do “outro”. Ainda que sobre uma perspectiva de ter os espanhóis como “esta pobre gente” (neste momento, já que posteriormente, Diego de Landa irá retaliar fortemente a ação dos espanhóis para com os indígenas, caindo em mais uma contradição, já que será também um dos “malfeitores” que combatia) e retratar o acontecimento de forma pejorativa: como uma ação deliberada, violenta e anticristã, Landa traz a superfície do debate: “contato: “Indígena-Espanhol” uma voz, uma atitude do nativo Maia frente ao seu “outro”, o “eu” espanhol.

Ainda segundo o franciscano, ocorreu que um dos espanhóis, Gonzalo Guerrero, escravo dos “indígenas”, tenha trabalhado em favor de um cacique no tocante a guerras, ganhou prestígio, se casou com uma das principais mulheres da aldeia, com ela teve filhos e inclusive é possível que “fuese idólatra como ellos”.

Outra destas expedições quem faz é Francisco Hernández de Córdoba em 8 de fevereiro de 1517 - saindo do Puerto de Carenas, na costa norte- com o piloto marinheiro: Antonio de Alaminas e o soldado/cronista Bernal Diaz de Castillo – *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*. Segundo Diego de Landa, Córdoba estaria em busca de escravos para ilha de Cuba, onde já estava se esgotando a população escrava; ou que estava sendo guiado pelo espírito aventureiro/descobridor em

busca de riquezas, também para si, já que boa parte dos custeios de viagens como estas era feito pelos próprios viajantes e tripulação⁶.

Em terras Maias e Yucatecas, teriam chegado primeiramente a uma ilha nomeada de “Isla de Mujeres, (a la) que el (Hernández de Córdoba) puso este nombre por los ídolos que allí halló de las diosas de aquella tierra como Aixchel, Ixchebeliax, Ixbunic, Ixbunieta”. Ainda segundo o franciscano, as deusas estavam “vestidas de la cintura abajo y cubiertos los pechos como usan las índias” em prédios que chegaram a espantar os espanhóis por sua beleza e arquitetura, chegando a encontrar ouro e levando-o consigo. O ímpeto de escravista cede lugar à ambição, assim transformando aqueles ditos “escravistas” em exploradores daquelas terras.



Figura 2-Ruinas Punta sur Isla de Mujeres

Landa relata que seguiram viagem passando por Cabo (Punta) de *Cotoch*⁷e *Campeche*, aionde tiveram uma recepção pacífica dos nativos daquela terra. Claude

⁶“Los miembros de las tripulaciones aportan su propios recursos y personas con la esperanza de enriquecerse por medio del “rescate”, palabra que según Carl Otwin, abarca desde el trueque pacifico hasta el saqueo violento” *Los Mayas: historia de un pueblo indómito* Por Raúl Pérez López-Portillo

Baudez e Sydney Picasso, relatam que a colonização espanhola, em começar pela ilhas teve “sorte” já que “Los pueblos del continente, mejor organizados que los insulares, habrían aplastados a los europeos”, contudo, não cederiam com tanta facilidade seus domínios e suas posses, mesmo os “insulares”, como veremos na continuação desta expedição. Ainda em *Cotoch* a expedição de Hernández de Córdoba, faz circular a notícia, do contato com “outros povos”, pelos territórios Maia chegando até *Tenochtitlan* do imperador Mexica, Moctezuma II, que logo fala:

!... Regressaré! Vdrán mis hermanos
Blancos como yo y barbados!
¡Los dioses se convertirán en demonios!
¡Los reyes en vasallos!
¡Los esclavos en nada!
¡Cuando lleguen a esta tierra
Serán los señores de esta tierra!

(Profecía del Regreso de Quetzalcóatl)

Segundo Landa, ao chegar em *Campeche*:

(...)hallaron un edificio dentro del mar, cerca tierra, cuadrado y gradado todo, y que en lo alto estaba un ídolo con dos fieros animales que le comín las ijadas y una sierpe larga y gorda de piedra que se tragaba un león; y que los animales estaban llenos de sangre de los sacrificios. (LANDA, 1978; p.7)

Em *Champton*⁸, ou *Potonchán* como chamava também Bernal Diaz de Castillo, o próximo desembarque desta expedição, Landa vai relatar que os “insulares” nem sempre, ou na maioria das vezes, se comportavam de maneira pacífica para com os espanhóis. O franciscano vai trazer uma narrativa onde a luta não tem um lado vencedor, mostra que a bravura e o temor estão de mãos dadas, onde o “eu” e o “outro” se digladiam o “novo” e o “bárbaro” tropeçam em seus conceitos. Os deixo aqui com a própria fala da Crônica de Landa:

Que desde Campeche entendieron que había cerca un pueblo grande que era Champotón, donde llegados hallaron que el señor se llamaba *Mochcouoh*, hombre belicoso que lanzó a su gente contras los españoles, lo cual pesó a Francisco

⁷ Quando desembarcaram os espanhóis na ilha, os índios falavam: <<cones cotoche>> que quer dizer em língua maia: <<venid a nuestras casas>>, daí os espanhóis nomearem a ponta de “Cotoche” Ver: Landa, 1978:6.

⁸ Chamberlain defende a teoria de que os maias de *Champton*, liderados pelo señor *Mochcouoh* : “eran los mas belicosos de los Mayas”.

Hernández viendo en lo (8) que había de parar; y que por no mostrar poco ánimo, puso también su gente en orden e hizo soltar artillería de los navíos; y que aunque a los indios les fue nuevo el sonido, humo y fuego de los tiros, no dejaron de acometer con gran alarido; y los españoles resistieron dando muy fieras heridas y matando a muchos. Pero que el señor animó tanto (a los indios) que hicieron retirar a los españoles y que mataron a veinte, hirieron a cincuenta y prendieron dos vivos que después sacrificaron. Y que Francisco Hernández salió con treinta y tres heridas y que así volvió triste a Cuba, donde publicó que la tierra era muy buena y rica por el oro que halló en la Isla de Mujeres.

Que llevaron consigo al mismo piloto Alaminos, y llegaron a la isla de *Cuzmil*, desde la cual el piloto vio Yucatán; y como la otra vez, con Francisco Hernández, la había corrido a la mano derecha, quiso bojarla, (para comprobar) si fuere isla, y echó a mano izquierda siguiendo por la bahía que llamaron de la Ascensión porque en tal día entraron en ella; y que dieron la vuelta a toda la costa hasta llegar otra vez a Champotón donde sobre tomar agua les mataron un hombre y les hirieron cincuenta, entre ellos a Grijalva, de dos flechas, y le quebraron diente y medio. Y que así se fueron y nombraron a este puerto el *Puerto de la Mala Pelea*; y en este viaje descubrieron la Nueva España, y Pánuco y Tabasco, y que con esto gastaron cinco meses, y quisieron saltar a tierra en Champotón, lo cual les estorbaron los indios con tanto coraje que en sus canoas entraban hasta cerca de las carabelas a flecharlos, y que así se hicieron a la vela y los dejaron. (LANDA, 1978; p. 7-8)

Outra passagem descrita por Diego de Landa em terras Yucatecas é a de Hernán Cortés no capítulo: Expedición de Cortés a Cuzmil. – Carta a Aguilar y sus compañeros. Posterior a expedição de Gerônimo de Aguilar (1511), por volta de 1519 Cortés, segundo Diego de Landa, em uma esquadra com onze navios e cerca de quinhentos homens, dentre eles Francisco de Montejo, chega à ilha de Cuzmil (Cozumel) na península de Yucatán.

Em sua chegada, encontrou populações maias e seus edifícios de pedra para sacrifícios e adoração aos “ídolos”. Cortés desembarcou e tratou logo de saquear e se estabelecer na ilha. Segundo Landa, os maias corriam aos montes quando avistaram as “naus” e os soldados. Cortés levava consigo, uma bandeira, a mesma de sua “nau”, “una bandera de fuegos blancos y azules em reverencia a Nuestra Señora”.

Com o auxílio de um intérprete indígena chamado Melchor, que estava em companhia dos espanhóis desde o retorno de Grijalva e Francisco Hernández, obteve um diálogo pacífico com os Maias daquela ilha, devolvendo-os o que havia sido tomado. Contudo, não seria uma bondade nata de Cortés, se não uma ação estratégica, onde logo após a devolução persuadiu os Maias do pecado do “Ídolo” e incentivou a

adoração a cruz católica, a qual, ao ser retirado as imagens dos “Ídolos” era posta uma de “Nuestra Señora” e bandeiras como a sua (Cortés) que continha ainda os seguintes dizeres: *amici sequamur crucem, & se nos habuerimus fidem in hoc signovincemus*; assim pensando diminuir a idolatria pública, partindo posteriormente para Tabasco.

A idéia de certa “civilidade” “indígena”, enquanto organização política, econômica, social e cultural, era descrita pelos espanhóis. O espanto não foi apenas dos “indígenas”. Na península de Yucatán, o contato com este *outro* mundo a ser conquistado, foi no mínimo intrigante:

Em “*Punta (cabo) de Cotoche*”, no ano de 1517:

“Vieron en la costa algunas torres de piedra que eran adoratorios asentados sobre graderías, y como a dos leguas, un pueblo grande. Sus vecinos salieron en son de paz a los barcos; iban vestidos con mantas de algodón y llevaban zarcillos en las orejas y joyas de oro al cuello, y las mujeres cubiertas las cabezas e pechos, enaguas y como velos en lugar de mantos. Las construcciones de piedra y el ir vestidos los indios demostraban que aquellos pueblos estaban mucho más civilizados que los hasta entonces descubiertos.” (ALTOLAGUIRRE, Ángel e DUVALE, 1954; p. 64)

Em *Compreender, Tomar e Destruir*, Todorov faz um levantamento bastante singular onde questiona que em sendo uma “fonte da riqueza” para os espanhóis, não deveria haver uma certa conservação do “indígena”, por parte daqueles? Ora, não confundamos esta relativa “admiração” dos espanhóis com uma possível compreensão. O preço a ser pago não seria apenas pela diferença, ou pelo “eu” *versus* “*outro*”, mas sim pela incompreensão; e o saldo deste entrave foi um “genocídio”, com proporções como poucos. Tomar e destruir sim, é que seriam atos muitas vezes inerentes aos espanhóis. Mas tomar uma terra daqueles que eram seus “*señores*” não seria tarefa fácil e muito menos passaria sem rios de sangue.

Segundo Diego de Landa, a passagem de Cortés foi marcante para os de “Cuzmil” e até certo ponto “pacífica”, a veemência com que tomou o trabalho de persuadir a adoração a cruz católica e a retirada dos “Ídolos” indígenas dos templos causou “tanta impresión em los de Cuzmil, que salían a la playa diciendo a los españoles que por allí pasaban: *María, María; Cortés, Cortés*”. Mas os contatos entre estes *dois mundos* seria dado também, sobre diversos outros tipos de recepção.

Assim como a tomada, a destruição foi um fato. Contudo, há de se levar em conta as lutas, e é o que Diego de Landa retoma em seus escritos, mesmo não sendo um defensor exímio dos indígenas, nos deixou relatos que demonstram a tensa atmosfera da península de Yucatan na primeira metade do séc. XVI e as reações Maias aos espanhóis.

As incursões de Gerônimo de Aguilar (1511), Francisco Hernandez de Córdoba (1517) e Hernando Cortés (1519) retratavam como rica a ilha de Cozumel (Cuzmil) e a península de Yucatán, despertando o olhar de Francisco de Montejo, que logo visa o seu enriquecimento naquelas terras e vai em busca de apoio em Sevilla, no “Conselho das Índias” para tomar posse daquela região. Com o apoio dos citados acima, Montejo recebe o título de “adelantado”, quinhentos homens, incluindo seu filho de 28, anos Don Francisco, e três navios. Em 8 de dezembro de 1526, a viagem de Montejo que começara em Sevilla chega a ilha de Cuzmil, onde “los índios no se alteraron porque estaban domesticados com los españoles de Cortés, y que alli procurou (Montejo) saber muchos vocablos de los indios para entenderse con ellos.

Logo depois chega a Yucatán: “(...) y tomó posesión diciendo un alférez suyo con la bandera en la mano: en nombre de Dios tomo la posesión de esta tierra por Dios y por el rey de Castilla”. Os conquistadores ao perceberem que os índios “servían sin pesadumbre” passaram a impor ordens, reorganizar o espaço e os nativos de acordo com suas vontades, tornando-os “servos” frente a suas imposições. Ainda que não fosse do agrado dos nativos, “toleraram” os espanhóis e suas imposições, segundo Diego de Landa.



Figura 3 - Portada de la casa de los Montejos

A tolerância “indígena” não seria tão grande quanto sua revolta. Ainda que em uma ou outra localidade os “índios” tenham sido tolerantes frente a violência física e

simbólica dos espanhóis, de maneira geral, o fato é que, como o próprio Landa relata posteriormente, os índios “recibían pesadamente el yugo de la servidumbre”.

(...) y que a los indios, pareciéndoles cosa dura servir a extranjeros (allí) donde ellos eran señores, comenzaron a ofenderle por todas partes; y aunque él se defendía con sus caballos y gente, y les mataba muchos, los indios se reforzaban cada día de manera que les vino a faltar la comida. Que al fin una noche dejaron la ciudad poniendo a un perro atado al badajo de la campana y un poco de pan apartado para que no lo pudiese alcanzar, y el mismo día cansaron a los indios con escaramuzas para que no los siguiesen y el perro repicaba la campana para alcanzar el pan lo cual maravilló mucho a los indios pensando que querían salir por ellos; mas después de sabido quedaron corridos de la burla y acordaron seguir a los españoles por muchas partes porque no sabían el camino que llevaban. La gente que fue por aquel camino alcanzó a los españoles dándoles mucha grita, como a gente que huía, por lo cual seis de a caballo los esperaron en un raso y alancearon a muchos de ellos. (LANDA, 1978; p. 24)

Que los indios de Valladolid por sus malas costumbres o por el mal tratamiento de los españoles, se conjuraron para matar a los españoles cuando se dividían a cobrar sus tributos; y que en un día mataron diecisiete españoles y cuatrocientos criados de los muertos y de los que quedaron vivos; y luego enviaron algunos brazos y pies por toda la tierra en señal de lo que habían hecho, para que se alzasen, mas no lo quisieron hacer y con esto pudo el adelantado socorrer a los españoles de Valladolid y castigar a los indios.(LANDA, 1978; p.28)

Então como ler estas “vitórias” dos espanhóis sobre os “indígenas”, fazendo-os servos em suas próprias terras? As respostas para este questionamento não se esgotam, mas Landa aponta em trecho de sua obra uma das particularidades que fortaleciam os espanhóis neste sentido, ainda que a luta dos “indígenas” fosse constante: “los indios recibían pesadamente el yugo de la servidumbre, pero los españoles tenían bien repartidos los pueblos que abrazaban la tierra, aunque no faltaba entre los indios quien los alterase” (LANDA: 1978; p. 23).

Neste intuito, Leslie Bethell (2004) também aponta que a superioridade técnica dos espanhóis tinha importância limitada: “os espanhóis tinham pouca armas de fogo na época da conquista, e estas eram de disparo lento; seu impacto foi acima de tudo psicológico” (BETHELL: 2004; p.198). Posteriormente o autor aponta que estas vitórias espanholas deveram-se principalmente às divisões políticas e étnicas do próprio mundo indígena⁹, onde sabendo administrar bem as divisões dos espaços e suas diferenças,

⁹ Bethell aponta ainda que: “Certos grupos viram na chegada dos invasores uma oportunidade para libertar-se de uma dominação opressiva: dessa forma foram os próprios indígenas que forneceram a Cortés e Pizarro a maior parte de seus exércitos de conquista, que eram tão grandes quanto os exércitos asteca e inca contra o qual lutavam”. (BETHELL, 2004; p.199)

como Landa relata acima, os espanhóis iam vencendo “batalhas”, conquistando espaço e “almas”.

Para aquele autor, Bethell, “os índios estavam vivendo o fim do mundo”, massacres, incêndios, saques, estupros minavam a dimensão religiosa e cósmica indígena. As atrocidades eram das mais cruéis e variadas. Como relata um episódio que Diego de Landa presenciou:

(...)hicieron castigos muy crueles que fueron causa de que apocase la gente. Quemaron vivos a algunos principales de la provincia de *Cupul* y ahorcaron a otros. Hízose información contra los de *Yobain*, pueblo de los *Cheles*, y prendieron a la gente principal y, en cepos, la metieron en una casa a la que prendieron fuego abrasándola viva con la mayor inhumanidad del mundo, y dice este Diego de Landa que él vio un gran árbol cerca del pueblo en el cual un capitán ahorcó muchas mujeres indias en sus ramas y de los pies de ellas a los niños, sus hijos. Y en este mismo pueblo y en otro que se dice *Verrey*, a dos leguas de él, ahorcaron a dos indias, una doncella y la otra recién casada, no porque tuvieran culpa sino porque eran muy hermosas y temían que se revolviere el real de los españoles sobre ellas y para que mirasen los indios que a los españoles no les importaban las mujeres; de estas dos hay mucha memoria entre indios y españoles por su gran hermosura y por la crueldad con que las mataron. (LANDA, 1978; p. 26)

Hicieron (en los indios) crueldades inauditas (pues les) cortaron narices, brazos y piernas, y a las mujeres los pechos y las echaban en lagunas hondas con calabazas atadas a los pies; daban estocadas a los niños porque no andaban tanto como las madres, y si los llevaban en colleras y enfermaban, o no andaban tanto como los otros, cortábanles las cabezas por no pararse a soltarlos. (LANDA, 1978; p.26)

As desculpas ou justificativas não bastaram, e as notícias das crueldades cometidas pelos espanhóis aos “indígenas” circulavam e tomavam cada vez mais partidários em favor de sua repulsa. Fato é que, a legalização da “*encomienda*”, em 20 de dezembro de 1503, corroborava e muito para estes tipos de ações e castigos, pois fortalecia o poder dos Colonos em detrimento do trabalho forçado, pagamentos de tributos e aculturação dos indígenas.

Que los españoles se disculpaban con decir que siendo pocos no podían sujetar tanta gente sin meterles miedo con castigos terribles, y traen a ejemplo la pasada historia de los hebreos a la tierra de promisión (en que se cometieron) grandes crueldades por mandato de Dios; y por otra parte tenían razón los indios al defender su libertad y confiar en los capitanes muy valientes que tenían para entre ellos y pensaban que así serían contra los españoles. (LANDA, 1978, p.26)

Em 1511, Antonio de Montesinos, frade dominicano, fala aos colonos: “todos vocês se encontram em estado de pecado mortal, e vão viver e morrer nele, por causa da

crueledade e da tirania que estão infligindo a essas vítimas inocentes”; contudo, nem o esforço do rei Fernando com a Lei de Burgos em 1512 em tentar organizar a colonização e os comportamentos, reservando direitos aos indígenas daquela terra, fazia com que o “silêncio dos castigos” ganhasse persuasão diante a opinião dos colonos espanhóis, e aquela lei que seria para orientar os comportamentos e preservar o indígena de fato não saiu dos papéis, sendo também mais uma vítima deste silêncio imposto.

O envio de ordens eclesiásticas à América Hispânica além de responder aos interesses inerentes da própria Igreja Católica que passava por crises internas e externas, pode ser visto também como uma válvula de escape do governo na tentativa de amenizar este conflito entre indígenas e espanhóis. Perceber a chegada e atuação destas ordens é chave importante para entender o jogo político da religião e os entraves sociais que permeavam a esfera colonial, hispânica e, especificamente, mexicana no século XVI. Diego de Landa como religioso e político que era, sabia bem da importância de registrar estas passagens e seus reflexos.

Os franciscanos foram os primeiros a chegar a Yucatán (chegada no México datada por volta de 1523 – “El grupo de Los Doce), quando por volta de 1545 puderam-se estabelecer definitivamente. A chegada da ordem mendicante deu-se em grupos e momentos diferentes: Jacobo de Testera, franciscano francês, em 1537, conduziu o primeiro grupo em direção a Champotón, Campeche e Tabasco; outro grupo guiado pelo frei Toribio de Motolínea, em 1544, ia em direção Villapondo; acabaram fundando o primeiro convento em Campeche e o monastério maior em Mérida já que era a capital da península de Yucatán. Outros grupos foram se estabelecendo como é o caso do frei Lorenzo de Bienvenida, pelo lado de Chetumal, que passou a evangelizar na região de Bacalar.

Os franciscanos tiveram uma boa recepção em Yucatán por parte do ainda “adelantado” Francisco de Montejo, que segundo Diego Lopez de Cogolludo era devoto assíduo de São Francisco de Assis. Em certa ocasião Montejo diante franciscanos e um grupo de indígenas fala da vinda, o motivo e ação dos franciscanos naquelas terras:

Presentes ya, les dijo, como aquellos padres sacerdotes, que allí estaban, eran los que los habían de le enseñar los misterios de la Santa Fé que profesamos, y que habían de ser los padres de sus almas, cuya doctrina debían asentar en sus corazones con toda firmeza. Que para este fin eran enviados desde Castilla por el imperador nuestro rey e señor y que en su nombre se los daba por tales que los tuviesen todo respecto y obedeciesen en lo que les mandasen como si el mismo se los ordenase. Que los

edificasen iglesia y convento, donde habían de acudir para ser instruidos de lo que debían saber. (COGOLLUDO, 2007; p.355)¹⁰

O objetivo dos franciscanos em solos yucatecos é bem explícito na fala de Cogolludo, contudo é necessário compreender mais afundo a ação da ordem mendicante, seus métodos e como seria a convivência não apenas entre “indígenas” e missionários, mas, de ambos com os civis espanhóis, para que então venha a cabo os conflitos e as resistências.

Diego de Landa percebe a importância de relatar como era o cotidiano de Yucatán na presença dos franciscanos e começa por expor um dos métodos de evangelização utilizados pelos seculares onde o frei Jacobo de Testera em Yucatán “comenzó la adoctrinación” pelos “hijos de los índios”, reforça Gruzinski (2003) que mais especificamente pelos filhos da nobreza indígena¹¹. Um direcionamento maior aos filhos dos “indígenas”, sem esquecer dos mais maduros, era uma estratégia usada pelos franciscanos para burlar a má receptividade dos maiores. Enquanto os pais estavam trabalhando os filhos eram mergulhados em sermões e mandamentos religiosos católicos. Inicialmente os pais não gostavam muito da idéia da catequização dos “indígenas”, segundo Landa:

Al principio daban los señores de mala gana sus hijos, pensando que los querían hacer esclavos como habían hecho los españoles y por esta causa daban muchos esclavillos en lugar de sus hijos; mas como comprendieron el negocio, los daban de buena gana. Que de esta manera aprovecharon tanto los mozos en las escuelas y la otra gente en la doctrina, que era cosa admirable.(LANDA, 1978; p.31)

Mas, não nos deixemos enganar. O próprio Diego de Landa vai relatar, que apesar dessa “fuga” simbólica do trabalho, os que estavam nas “doctrinas” estavam também sujeitos a castigos severos, caso não cumprissem o que seriam, agora, seus deveres: “Y que el adelantado y las fuerzas del rey siempre han dado fiscales a los frailes para obligar a los “indios” a asistir a la doctrina y castigar a los que se tornaban a la vida pasada”.

¹⁰COGOLLUDO, D. L. D. **Historia de Yucatán**. Barcelona: Linkgua, 2007.

¹¹ Sobre a educação dos mais jovens temos que: “Acostumbraban dividirlos em dos categorias: los niños de la <<gente baja>>, reunidos cada mañana después de misa en los atrios de los templos y repartidos em diversos grupos, conforme a sus grados de conocimiento del catecismo, proseguían el apensizaje de este, junto com las oraciones principales. (...) Otra era la manera de tratar los niños de los principales. Estes niños nobles vivían en las escuelas anexas a los conventos en la calidad de internos.” (RICARD, Rober. **La Conquista Espiritual de México**, 1993, libro primero, capítulo V)

Os resultados não tardaram a se concretizar. Primeiro, a ação de evangelização começando pelos filhos rendia bons frutos aos franciscanos e a Igreja de uma forma geral. Os “indígenas” jovens começavam a voltar-se contra os pais e seus costumes, estes jovens transformavam-se agora em “vigilantes” e “soldados” da Igreja.

(...)y con estos niños se recogían los que venían a la doctrina, y con tal frecuentación muchos, con devoción, pidieron el bautismo; y estos niños, después de enseñados, tenían cuidado de avisar a los frailes de las idolatrías y borracheras y rompían los ídolos aunque fuesen de sus padres, y exhortaban a las repudiadas. (LANDA, 1978; p.31)

Leslie Bethell (1998) relata um caso em que a participação desses meninos educados pelos franciscanos, levou a morte de um sacerdote: “todos os que adoravam os ídolos e acreditavam neles ficaram horrorizados com a insolência do menino”. Andavam em grupos, caçando e destruindo os artefatos “pagãos”, ou melhor, desintegrando parte de sua própria cultura, como se já não bastasse à ação dos estrangeiros. O historiador Serge Gruzinski vai além e põe em relevo a chegada de boa parte destes mesmos jovens, ao poder dentro do espaço político e social mexicano, o que dificultava cada vez mais a manutenção das práticas “indígenas”, apesar delas existirem ainda que na clandestinidade, como veremos mais adiante.



Figura 4-Manuscrito de la Historia Eclesiástica Indiana, dibujo: un fraile explicando la doctrina a los indios

Esta relação entre “indígenas” e franciscanos não seria apreciada pelos civis espanhóis e “hacenderos”. Ora, ao não encontrar ouro em quantidade almejada em Yucatán, o corpo dos indígenas seria a própria mercadoria para se fazer comércio, em serviços ou troca e venda; como o tempo e a mente dos “indígenas” estavam sendo tomados pela “palavra de deus”, para os “hacenderos” o tempo gasto, era tempo de perdas em suas contas e produções. Mais um conflito na esfera colonial parecia inevitável, e assim o foi. Era de fato um choque de interesses, já que ambos queriam o mesmo objeto para fins diferentes. Enquanto os franciscanos buscavam o fim da idolatria e a evangelização dos indígenas, para isso precisando do tempo e dedicação dos mesmos; os colonos espanhóis favorecidos pela “encomienda”, queriam cada vez mais a exploração da mão-de-obra indígena. Aquilo que viria de certa forma para apaziguar os ânimos, terminara resultando em outro conflito de proporções maiores.

Que los soldados españoles querían servirse tanto de los mozos que no les quedaba tiempo para aprender la doctrina; y que por otra parte disgustaban a los frailes cuando los reprendían del mal que les hacían a los indios y que por esto, fray Jacobo se tomó a México donde murió (LANDA, 1978; p.29).

Outra atitude dos franciscanos vai elevar o teor do conflito. Era comum aos Franciscanos construir igrejas e conventos sobre, ou bastante próximos a templos ou locais de adoração dos maias.

Fueron a instalarse los religiosos en los más importantes lugares de adoración, o de gobierno (...). Había en estos centros de culto y política uno o varios templos, que como era normal en la vieja religión, se hallaban colocados en lo alto de una construcción piramidal. Nada más oportuno pareció al misionario que edificar que edificar sobre esa misma construcción su iglesia y su convento. Dos efectos se lograban con ello: desintegrar más el viejo modo de vida, y sustituir un culto por otro culto. (RICARD, Robert. La conquista espiritual de México, libro segundo, capítulo III, 1933)

Diego de Landa observou uma postura contrária a esta ação por parte dos espanhóis.

Que los españoles tomaban pesar de ver que los frailes hiciesen monasterios y ahuyentaban a los hijos de los indios de sus repartimientos, para que no viniesen a la doctrina; y quemaron dos veces el monasterio de Valladolid con su iglesia, que era de madera y paja; tanto que fue necesario a los frailes irse a vivir entre los indios; y cuando se alzaron los indios de aquella provincia escribieron al virrey Don Antonio (de Mendoza) que se habían alzado por amor a los frailes y el virrey hizo diligencia y averiguó que al tiempo que se alzaron aún no eran llegados los frailes a aquella provincia; (aun los encomenderos) velaban de noche a los frailes con escándalo de los indios y hacían inquisición de sus vidas y les quitaban las limosnas. ((LANDA, 1978; p.28)

Os franciscanos sentiram-se acuados frente à investida dos espanhóis e buscaram reforços em estâncias superiores que defendessem sua causa e os “indígenas”. Fizeram uso dos métodos de tratamento por parte dos “encomenderos” e civis espanhóis para com os indígenas, em seu favor.

Que los frailes viendo este peligro enviaron al muy singular juez Cerrato, Presidente de Guatemala, un religioso que le diese cuenta de lo que pasaba, y visto el desorden y mala cristiandad de los españoles que se llevaban absolutamente los tributos y cuanto podían sin orden del rey (y obligaban a los indios) al servicio personal en todo género de trabajo, hasta alquilarlos para llevar cargas, proveyó cierta tasación, harto larga aunque pasadera, en que señalaba qué cosas eran del indio después de pagado el tributo a su encomendero, y que no fuese todo absolutamente del español. (Los encomenderos) suplicaron de esto y con temor de la tasa sacaban a los indios más que hasta allí, y entonces los frailes tornaron a la Audiencia y reclamaron en España e hicieron tanto que la Audiencia de Guatemala envió a un Oidor, el cual tasó la tierra y quitó el servicio personal e hizo casar a algunos, quitándoles las casas que tenían llenas de mujeres. (LANDA, 1978; p.30)

Tais conflitos fizeram com que os indígenas estivessem cada vez mais próximos dos franciscanos e mais distantes dos “encomenderos”. Estes chegaram a acusar os da ordem mendicante de querer governar as Índias e desfrutar do que de fato não os pertencia.

Apesar de todas as ações por parte dos franciscanos, “encomenderos” e civis espanhóis na tentativa, cada um em prol de seus objetivos, de apossar-se do “indígena”, este continuou sua luta e levantou-se contra aqueles sob diversas formas. Não é de se estranhar as forças simbólicas e físicas destas lutas, sendo a conquista política e espiritual em terras Yucatecas apenas de forma superficial, frente às resistências, particularmente no quesito evangelização e extirpação dos “ídolos” “indígenas”.

Outro encaço retratado por Landa na evangelização era a idolatria, que mesmo com as ações civis, religiosas e militares continuava a acontecer. Os sacerdotes maias tornaram-se a principal arma de manutenção da cultura indígena e, concomitantemente, o principal alvo dos evangelizadores e de Landa. Os indígenas da costa do México, como os de Yucatán, diferentemente dos do centro, formaram uma resistência mais acentuada, não mais apenas contra a Espanha e sim contra o catolicismo.

A noite servia de subterfúgio para as práticas “idoltras” e os sacrifícios de sangue. O cair do sol separava, de certa forma, o passado ainda presente de um futuro

imposto. Quando descobertos, os ídolos destruíaam o símbolo, mas não sua simbologia, ou sua representação na memória daqueles nativos Maias.

El territorio entero, o a lo menos muchas de sus regiones, estaba lleno de ídolos escondidos y de pueblos secretamente idólatras. Ora son indios que disimulan sus ídolos, que llegan a practicar sacrificios humanos; ora indios que se esconden cuando los franciscanos llegan a bautizar y predicar; o que no quieren edificar iglesias, que se entregan a burlas blasfematorias y sacrílegas, que hacen propaganda de paganismo entre los niños o los jóvenes. (RICARD Robert. La conquista espiritual de México, 1933, libro tercero, capítulo II)

O fato é que a ação evangelizadora surtia mais efeito no âmbito público, onde seus “olhos” eram em maior número que na esfera privada, ainda bastante fechada a memória e aos costumes “antigos” dos indígenas. A “idolatria” não era apenas uma crença ou uma memória sem vida, ela era, acima de tudo, uma prática e como tal, inscrita no cotidiano, no pensamento dos indígenas: caça, pesca, colheita, casamento, chuva, sol, esses elementos estavam diretamente ligados as suas crenças, o que dificultava a ação mais privada dos evangelizadores. Por hora eram forçados a desacreditar em seus deuses e mesmo na existência dos mesmos, por outra eram açoitados a crerem e adorarem outras “divindades”. Assim como para os “indígenas”, vemos que para os franciscanos a dificuldade era tamanha em chegar ao seio que



alimentava estas crenças e hábitos “pagãos”.

Figura 5 - Los Franciscanos se oponen a los sacrificios humanos palacio de gobierno Valladolid

Como forma de coerção a saída encontrada por muitos franciscanos foi o uso da força física e simbólica: infringindo castigos e destruindo ídolos e templos. Há pouco, estes julgavam as ações dos “encomenderos” e agora faziam semelhantes ou piores

2.3 – *Misere mei, Deus: O auto de fé de Maní*

Diego de Landa, agora (1561) Provincial de Guatemala e Yucatán, estava cada vez mais aplicado ao ofício de combater a “idolatria”, os sacerdotes maias e os “señores” que corroboravam com estas práticas, alimentado cada vez mais a guerra entre “la fé prometida en el santo bautismo” e “el demônio”.

No convento da cidade de Maní havia um “índio” chamado *Pedro Che* que desempenhava a função de porteiro; provavelmente tenha sido um daqueles jovens “índios” a fazer parte da política de evangelização dos franciscanos; e que em um dia de domingo saiu para caçar coelhos com seu cachorro nos bosques de Maní¹².

(...)los perrillos entraron en una cueva, y sacaron arrastrando un venado pequeño, acabado de matar y arrancado el corazon. El indio admirado, entró donde los perrillos salieron, y por el olor de saumerio de copal (que es su incienso) llegó en lo interior de la cueva, donde estaban unos altares y mesas muy compuestas, con muchos ídolos que con la sangre del venado, que aun estaba fresca, habian rociado. Espantado de esto, porque era buen cristiano, salió de allí, y con celeridad dió cuenta de lo que habla visto a su guardian, que era el padre Fr. Pedro de Ciudad-Rodrigo, y este al provincial, que estaba en la ciudad de Mérida.(COGOLLUDO, 2007; p.448)

Ao ser posto a par da descoberta em Maní o então Provincial Diego de Landa vai pessoalmente, segundo as palavras de Cogolludo (2007, p.448), “poner el remedio que tan gran mal pedia”. Acompanhado do “*alcade mayor*”, Diego Quijada, Landa chega ao cenário da “idolatria” em junho de 1562 e logo trata de buscar culpados entre os

¹² Já Angel Ma. Garibay K. descreve na introdução do livro “*Relacion de las Cosas de Yucatán*” que: “*Em junio de 1562 fue descubierto por dos chicos Índios un adoratorio clandestino, en que los mayas proseguían sus cultos*”.(LANDA, 1978, p.XIII)

indígenas, já que sabia muito bem a língua maia, acionando a autoridade apostólica que teria. Prontamente foi instaurado um tribunal religioso que buscaria aqueles “pecadores” e “idólatras apostatas de la fe”, também foram enviados outros freis franciscanos aos arredores de Mérida para que verificassem a prática de “idolatria” naquela região.

A ação franciscana surtiu efeito, e “descubrió en ellas (terras de Mérida) otras idolatrías de los indios orientales de esta tierra hacia los Cúpules, Cochuaxes de Zotuta, Canules y otros” (COGOLLUDO, 2007; p.449). O que era um tribunal religioso prontamente transforma-se em Inquisição. Em 11 de junho de 1562, Diego de Landa manda aprisionar cerca de trinta indígenas, entre eles caciques, “principales” e governadores, inicialmente de Maní e nas semanas seguintes de vários outros lugares onde, segundo o Provincial, haviam sido constatadas as idolatrias. Foram realizados interrogatórios que “condujeron al decomiso de sus imágenes y piedras sagradas. Al menos seis indios huyeron a la selva y allí se ahorcaron antes que confesar la localización de las imágenes que ellos protegían”¹³. Iniciava-se um dos mais célebres atos de repreensão contra os “idólatras” na América Latina Hispânica.

Em 12 de julho de 1562, é aberto o Auto de Fé de Maní ¹⁴, com uma procissão de espanhóis e “índios” penitenciados que caminhavam ao som do salmo: “*Misere mei, Deus*”:

(...)Fue (Landa) al pueblo de Maní para hallarse presente, y llevó consigo la mas nobleza española do toda esta tierra, asi para la autoridad del acto, como para la seguridad de lo que pudiese acontecer. Concurrió aquel día gran gentío de los indios a ver cosa para ellos tan nueva, y en el auto fueron leídas las sentencias, y castigados los idólatras con el auxilio real, aunque algunos engañados del demonio impenitente se habían ahorcado, temiendo el castigo, porque parece había entre ellos, ya relapsos, y sus cuerpos de estos fueron echados á los montes. Con el recelo de esta idolatría, hizo juntar todos los libros y caracteres antiguos, que los indios tenían, y por quitarles toda ocasión y memoria de sus antiguos ritos: cuantos se pudieron hallar, se quemaron públicamente el día del auto, y a las vueltas con ellos sus historias de sus antigüedades. Fue ocasión esto de que por muchos años no se hallase ni supiese de idolatría alguna entre los indios, aunque los émulos de el bendita padre le dieron título de cruel, pero bien diferentemente sintió de la acción el

¹³ Cfr. <http://www.merida.gob.mx/historia/colonial.html>

¹⁴Auto-da-fé ou Auto-de-fé refere-se a eventos de penitência realizados publicamente ou (em espaços reservados para isso) com humilhação de heréticos e apóstatas bem como punição aos cristãos-novos pelo não cumprimento ou vigilância da nova fé lhes outorgada, postos em prática pela Inquisição, principalmente em Portugal e Espanha. (FONTE: Wikipédia.org)

doctor D. Pedro Sánchez de Aguilar en su informe contra los ídólatras de esta tierra." (COGOLLUDO, 2007, Livro 6, Capítulo 1)

Comenzaron el negocio con gran rigurosidad y atrocidad, poniendo a los indios en grandes tormentos de cordeles y agua, y colgándoles en alto a manera de tormento de garrucha con piedras de dos y tres arrobas a los pies, y allí colgados dándoles muchos azotes hasta que les corría a muchos de ellos sangre por las espaldas y piernas hasta el suelo; y sobre esto los pringaban como se acostumbra hacer a los negros esclavos, con candelas de cera encendidas y derritiendo sobre sus carnes la cera de ellas. (LÓPEZ-PORTILLO, 2007; p.323)

Que estando esta gente instruida en la religión y los mozos aprovechados, como dijimos, fueron pervertidos por los sacerdotes que en su idolatría tenían y por los señores, y tornaron a idolatrar y hacer sacrificios no sólo de sahumeros sino de sangre humana, sobre lo cual los frailes hicieron inquisición y pidieron la ayuda del alcalde mayor prendiendo a muchos y haciéndoles procesos; y se celebró un auto (de fe) en que se pusieron muchos cadalsos encorizados. (Muchos indios fueron) azotados y trasquilados y algunos ensambenitados por algún tiempo; y otros, de tristeza, engañados por el demonio, se ahorcaron, y en común mostraron todos mucho arrepentimiento y voluntad de ser buenos cristianos.(LANDA, 1978, p.33)

Cerca de “5.000 ídolos de diferentes formas y dimensiones, 13 grandes piedras utilizadas como altares, 22 piedras pequeñas labradas, 27 rollos con signos y jeroglíficos, toneladas de libros y 197 vasijas de todos los tamaños” foram destruidos no Auto de Maní, segundo o estudo de Justo Sierra publicado no século XIX. Ainda que as cifras referentes a este ato de Landa sejam desconstruídas, são válidas para termos uma idéia do tamanho da destruição cultural e histórica da sociedade Maia.



Figura 6- Mexico City - Palacio Nacional. Mural by Diego Rivera showing the History of Mexico: Detail showing the burning of Maya literature by the catholic church. FONTE: Wikipédia.org

O auto de fé de Maní foi visto, interpretado, descrito e escrito. Sob diversas formas as cartas que relatavam a ação de Landa contra a idolatria viajavam não só na América Hispânica, mas, relatada a sua Majestade o rei Felipe II¹⁵. Dentre as cartas que tem como tema ou relatam o auto de Maní a do bispo de franciscano Francisco de Toral - que apesar de pertencer a mesma ordem de Diego de Landa, relata em seu escrito uma postura bastante diferente quanto a ação do Provincial- endereçada ao rei Felipe II mostra o quão assombrosa havia sido a atitude de Landa. Toral Diz: “He dicho todo

¹⁵ No Livro “Relacion de las Cosas de Yucatán” constam no apêndice dez documentos/cartas, que relatam dentre outras coisas conversas entre Diego de Landa e os Inquisidores da Nueva España, apesar de não serem neste momento da graduação fontes primárias de pesquisa, acho válido ressaltar aqui a riqueza de detalhes que se faz presentes nestes escritos, além de possibilitar ao historiador imerso nestas leituras um confronto de perspectivas sobre um mesmo ato/fato. Exemplo disso é o documento numero um intitulado: Información hecha por Sebastián Vazques, escribiano de su Magestad sob los atropellos cometidos y tolerados por el doctor Diego de Quixada alcaide mayor de las provincias de Yucatán.

esto, para que V.M. –escribe ao rey Felipe II - sepa que en lugar de doctrina, los indios han tenido estos miserables tormentos, y en lugar de les dar a conocer a Dios, les han hecho desesperar”. O bispo ainda comenta a forma como Landa tratou a evangelização dos índios: “Lo que es peor, que quieren sustentar, (ed. tener por básico) que, sin tormentos, no se puede predicar la ley de Dios”¹⁶.

Ciente das atitudes que os franciscanos haviam tomado e, reforçado pelas queixas dos próprios “indígenas”, Toral, então bispo de Yucatán, “deshizo lo que los frailes tenian hecho y mandó soltar los presos”. Em sendo acusado (Landa) por Toral de haver excedido sua jurisdição, Landa então regressa a Espanha para defender-se das acusações diante o Conselho das Índias¹⁷.

Landa, vendo-se sem saída diante as acusações enviadas pelos próprios membros da ordem franciscana ao rei Felipe II, decide (Landa) regressar a sua terra, à Espanha, em 1563 para poder preparar sua defesa frente ao Conselho das Índias. No convento de “San Juan de los Reyes”, Toledo, por volta de 1566 o frei então escreve uma obra, baseada em suas observações e anotações da província de Yucatán e os Maias: paisagens, cultura, religião, política, arquitetura, alimentação, com intuito maior de validar suas ações frente aos membros do Conselho das Índias e da Ordem Franciscana. Levou a cabo de seu julgamento as bulas papais de Adriano IV, León X e Pablo III, que delegavam a membros inferiores das ordens monásticas certos poderes naquelas regiões onde não haviam “obispos” residentes, o que remete ao cenário de Maní no período ao qual se refere as suas acusações. Na leitura feita pelo conselho, o frei foi absolvido, de suas acusações, sob o julgo de que “el provincial hizo justamente el auto y las otras cosas em castigo de los índios”(LANDA, 1978; p. XV).

Ora, a absolvição do frei não chega a espantar no tocante aos julgamentos realizados pelo Conselho das Índias, onde muitas vezes imperava o “paternalismo” monástico, pois, à de se convir que a obra não è apenas uma defesa de Landa diante o tribunal, como acima de tudo, a defesa do intuito, “direito e dever” institucional católico/cristão naquelas terras, tendo como reforço as bulas papais. Mas, intrigante mesmo seriam dois outros fatos: o primeiro se refere a uma carta escrita em 11 fevereiro

¹⁶ Apud. LANDA, 1978:XIII. Crf. Carta a Felipe II, de 1º de maio de 1563. Ap. Documentos Inéditos. Ed. Cuevas, p. 270.

¹⁷Em Okoshi Harada (2004:44) temos que “Debido a que ésta se trataba de una causa en la que estaba involucrada la Orden Franciscana, el Consejo tomó la decisión de remitir los papeles de este proceso a fray Pedro de Bobadilla, provincial de Castilla para que hiciese justicia”

de 1567 assinada por dez caciques, solicitando o retorno de alguns freis franciscanos dentre eles Diego de Landa:

Suplicamos a V.M. (que) se compadezca de nuestras animas y nos envié frailes franciscanos que nos guíen y enseñen la carrera de Dios, y en especial algunos que han ido de estas partes a España, que sabían ya muy bien la lengua de esta tierra con que nos predicaban, que se llama Fray Diego de Landa, Fray Pedro Gumiel, de la provincia de Toledo, y fray Miguel de la Puebla y los demás que V.M. fuere servido. (1567, Febrero, 11. Yucatán. En lengua maya. 2 fols. México, 367. Archivo General de Indias. España, 1997).

E que diante a morte de Toral então bispo de Yucatán - o mesmo que levou ao Conselho das Índias as acusações á Landa – fosse nomeado como novo “Obispo” de Yucatán, em 1572, frei Diego de Landa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BENASSAR, Bartolomé. "La América española y la América portuguesa, siglos XVI-XVIII". Madrid: Ediciones Akal, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. "**O poder simbólico**". Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. "**Economia das trocas simbólicas**". Sao Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRUIT, H., Hèctor. "**América en el pensamiento político de Bartolomé de Las Casas**". UNICAMP, Departamento de Historia.
- BRUIT, H., Hèctor. "**Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos**". UNICAMP, Departamento de Historia.
- BECCO, H. J. **Historia real y fantástica del Nuevo Mundo**. Caracas: Fundacion Biblioteca Ayacucho, 1992..
- BERNARD, C.; & GRUZINSKI, S. **Histórias do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia 1492-1550**. São Paulo: [s.n.], 1997.
- BETHELL, (.). L. **História da América Latina: América Latina Colonial**. São Paulo: EdUSP, v. 1, 1997.
- BREVÍSSIMA relación de la destrucción de las Indias. [S.l.]: Red-ediciones, 2006. Disponível em: books.google.com.br.
- BRUIT, H. H. **Bartolomé de las Casas e a simulação dos vencidos: ensaio sobre a conquista hispânica da América**. Campinas: Iluminuras, 1995.
- BURITI, I.; DANTAS, E. **Metodologia do Ensino e da Pesquisa: Caminhos da investigação**. Joao pessoa/Campina Grande: EDUFCEG, 2008.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CERTEAU, Michel. "**El lugar del otro: Historia religiosa y mística**". Buenos Aires: Katz Editores, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.65-119.
- _____. **A operação histórica**. In. LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. (dir.) *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995. p.17-48.
- CHARTIER, Roger. "**El mundo como representacion**". Barcelona: Editorial Gedisa. 2002

- COGOLLUDO, D. L. D. **Los tres siglos de la dominación española en Yucatán: o sea historia de esta provincia, desde la conquista hasta la independencia.** [S.l.]: J.M. Peralta, v. 1, 1842. Disponível em: books.google.com.br.
- COGOLLUDO, D. L. D. **Historia de Yucatán.** Barcelona: Linkgua, 2007.
- DOS REIS, ANDERSON & FERNANDES, LUIZ. **A crônica colonial como gênero de documento histórico. Ideias.** Campinas: UNICAMP, v. 13 (2), 2006. 25-42 p.
- Duvale, *Angel de Altolaquirre Y DESCUBRIMIENTO Y CONQUISTA DE MÉXICO*
Barcelona Salvat 1954
- GABLER, R.; MARTEL, P. **Yucatán a través de los siglos: memorias del simposio del 49º Congreso Internacional de Americanistas.** Quito : UADY, 2001.
- GARCÍA, J. C. **Investigaciones históricas y arqueológicas en Cifuentes, villa de la provincia de Guadalajara, y sus cercanías.** Madrid: [s.n.], 6 de Diciembre de 1889.
- GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GINZBURG, Carlo. "El queso y los gusanos: El cosmos segun un molinero sel Siglo XVI". Barcelona: Editorial Peninsula, 2001.
- GINZBURG, Carlo. "Raíces de un paradigma de inferencias indiciales". Mitos, emblemas, indicios. Morfología e Historia, Barcelona: Editorial Gedisa, 1989, pp.138-175.
- GINZBURG, C., "Freud, el hombre de los lobos y los lobizones", Mitos, emblema e indicios. Morfología e Historia, Barcelona, Gedisa, 1989
- GIORDANI, M. C. **História da América Pré-Colombiana.** Petrópolis: Vozes, 1991.
- GREENBLATT, S. **Marvelous Possessions: The Wonder of the New World.** Chicago: University of Chicago, 1991.
- GRUZINSKI, S. **A Colonização do Imaginário. Sociedades Indígenas e Ocidentalização no México Espanhol Séculos XVI-XVIII.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- INGA, C. **Ambivalent Conquests: Maya and Spaniard in Yucatan, 1517-1570.** New York: Cambridge University Press, 2003.
- KARNAL, L. **As crônicas ao Sul do Equador. IN: Cronistas da América. Idéias,** Campinas. Campinas: UNICAMP, v. 13 (2), 2006. 11-23 p.
- LANDA, D. D. **Relación de las Cosas de Yucatán.** 11º. ed. México: Porrúa, 1978.
- LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII.* Prefácio de Jacques Revel. Tradução Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.

LIENHARD, M. **Testimonios, cartas y manifiestos indígenas:** desde la conquista hasta comienzos del siglo XX. Venezuela: Fundacion Biblioteca Ayacuch, 1992.

LÓPEZ-PORTILLO, R. P. **Los Mayas:** historia de un pueblo indómito. Madrid: [s.n.], 2007..

NETO, F. **Bartolomé de las Casas:** narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana. Lisboa: Annablume, 2003.

OGORMAN, E. **A invenção da América:** REFLEXÃO A RESPEITO DA ESTRUTURA HISTÓRICA DO NOVO MUNDO E DO SENTIDO DO SEU DE VIR. Sao Paulo: UNESP, 1992.

OKOSHI HARADA, T. **Relación de las cosas de Yucatán de fray Diego de Landa:** un crisol de intereses. Villahermosa, Tabasco, México: Creación y consumo de imágenes étnicas de los mayas" presentado en el VI Congreso Internacional de Mayistas, julio de 2004.

PIERA, Elisenda y CABRILLANA, Glòria. **"Antropologia de la religión: Una aproximación interdisciplinar a las religiones antiguas y contemporáneas"**. Barcelona: Editorial UOC, 2003.

P. BERNARDINO LLORCA, S. J. **"Manual de Historia Eclesiástica"**. Barcelona: Editorial Labor, 1942.

RAMOS, J. M. G. **Por un imaginario atlántico:** las otras crónicas. Barcelona: Montesinos, 1996. Disponível em: books.google.com.br.

RESTALL, M. **Sete mitos da conquista espanhola.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SERNA, M. **Crónicas de Indias:** antologia. Madrid: Guida , 2005.

SOUZA, L. D. M. E. **Inferno Atlântico.** Sao Paulo: Companhia das Letras, v. 1, 1993.

STUART B. SCHWARTZ, J. L. **A América Latina na época colonial.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

TODOROV, T. **A conquista da América:** a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VAINFAS, R. (. **América em tempo de conquista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

VAINFAS, R. **Economia e sociedade na América espanhola.** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

VILLANUEVA, D. Literatura européia e construção colonial da realidade americana. **Literatura Y História: Actas do Colóquio Internacional,** Porto, II, 2004. 319-328.

WIESENTHAL, M. **Yucatan and The Maya Civilization**. Barcelona: Geocolor S.A, 1979.

WILLY BOK, F. H. **Religiones:** sus conceptos fundamentales. [S.l.]: Siglo. XXI, 2002.

OS MORTOS EM FOTOS: A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA NA GUERRA DA SECESSÃO (1861-1865)

Faustino Teatino Cavalcante Neto¹

O presente texto tem como objetivo analisar parte do arquivo fotográfico da Guerra da Secessão (1861-1865) que é conferido a Matthew B. Brady e seus colaboradores. Procuramos perceber como a cobertura *in loco*, através da produção de imagens que procuraram registrar os horrores da guerra, foi uma maneira inovadora de se representar o conflito, o que colaborou para a constituição de uma linguagem fotográfica com características específicas. Isso por que, como afirma Kossoy (2007), a fotografia é a representação de determinada realidade: a memória enquanto registro dos fatos, cenários, objetos e personagens, documentados vivos ou mortos. Ao mesmo tempo, almejamos analisar o impacto dessa produção fotográfica sobre a sociedade que a consumiu.

INVENTO E CONSUMO FOTOGRÁFICO

É consensual entre os autores que se detiveram a analisar a história da fotografia e sua influência nas sociedades que a imagem fotográfica não é obra final de um único criador². Segundo Sougez (2001), a primeira fotografia reconhecida de fato é uma imagem produzida em 1826, pelo inventor e litógrafo francês Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) em uma placa de estanho coberta com um derivado de petróleo fotossensível chamado Betume da Judéia. A

¹ Professor de História da América do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

² Ao longo da história, foram várias as pessoas que foram agregando conceitos e processos que deram origem ao que conhecemos hoje como fotografia. Sendo que, o mais antigo destes conceitos foi o de Câmara Escura, descrita pelo napolitano Giovanni Baptista Della Porta, já em 1558, e conhecida por Leonardo da Vinci que a usava, como outros artistas no século XVI, para esboçar pinturas. Em 1604, o cientista italiano Angelo Sala observou que um composto de prata escurecia ao Sol, supondo que esse efeito fosse produzido pelo calor. Foi então que, em 1724, Johann Heinrich Schulze fazendo experiências com ácido nítrico, prata e gesso, determinou que era a prata halógena, convertida em prata metálica, e não o calor, que provocava o escurecimento. Na primeira metade do século XIX, diversos cientistas vinham tentando sistemas para fixar a imagem projetada pela luz em materiais fotossensíveis e os inventores alimentavam-se uns dos outros com suas descobertas e experimentos. Cf. Vários, 1981.

imagem foi produzida com uma câmera, sendo exigidas cerca de oito horas de exposição à luz solar. Niépce chamou o processo de "heliografia", gravura com a luz do Sol.



Joseph Nicéphore Niépce
(1765-1833)

Figura 01



Figura 02 - Primeira fotografia tirada:
Betume da Judéia

Paralelamente, outro francês, Louis-Jaques Mandé Daguerre (1787-1851), produziu com uma câmera escura efeitos visuais, denominado-o de "Diorama". Daguerre e Niépce trocaram correspondência durante alguns anos, vindo finalmente a firmarem sociedade em 1829. Após a morte de Niépce em 1833, Daguerre desenvolveu um processo com vapor de mercúrio que reduzia o tempo de revelação de horas para minutos. Seis anos depois, em 1839, Daguerre apresentou à Academia Francesa de Ciências o processo que originava o registro de imagens (o daguerreótipo)³, que mais tarde passou a se chamar de fotografia⁴.

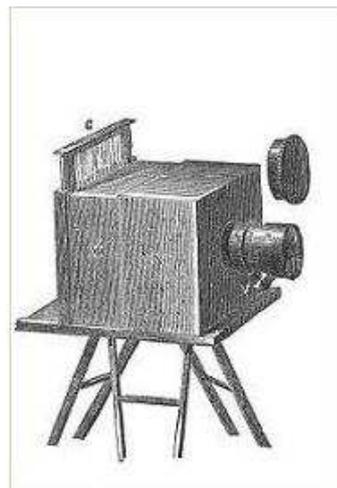
³ Uma chapa de cobre polida como um espelho recebia uma fina camada de prata através de uma reação química aos vapores de iodo. A exposição à luz variava entre três e trinta minutos. A chapa era então, revelada com vapores de mercúrio. Esta técnica tinha alguns inconvenientes: o longo tempo de exposição, a toxicidade do processo, o alto custo pelo uso de metais nobres (mais tarde o ouro passou a ser utilizado no processo); e por se tratar de uma superfície especular, não era possível ver a imagem positiva de qualquer ponto de vista. Porém, ela se popularizou rapidamente. Cf. Vários, 1981.

⁴ Segundo Kossoy (2007), antes, em 1832, na cidade de Campinas no Brasil, o pesquisador e artista francês Hercule Florence, conseguindo resultados superiores aos de Daguerre (desenvolveu negativos), já chamava o processo de *Photographie*.



Louis Daguerre

Figura 03



Daguerreótipo

Figura 04

Silva (2009) observa que a fotografia foi inventada entremeadada por descobertas em outras áreas das ciências, principalmente com os avanços das pesquisas no campo da óptica e da química⁵. Em síntese, notamos que a invenção da fotografia remete ao processo de industrialização que estava em curso nos meados do século XIX, num ambiente positivista em que proliferavam novas invenções tecnológicas e científicas⁶. Assim, como descreve Silva (2009, p. 26), a fotografia surgiu para atender às necessidades da burguesia ao proporcionar uma maneira de fazê-la ver a si própria não mais pelas artes

⁵A técnica do colódio úmido, por exemplo, inventado pelo inglês Frederick Scott Archer (1813-1857) em 1848, mas difundido somente a partir de 1851, disseminou o processo negativo-positivo e pôs fim à era do daguerreótipo que apresentava o inconveniente de cada chapa produzir apenas uma única imagem positiva. O colódio úmido era um líquido viscoso composto por nitrato de celulose dissolvido em álcool e éter. A mistura era então aplicada sobre uma chapa de vidro, e por sua vez, colocada dentro da câmara fotográfica. Este procedimento deveria ser feito rapidamente, antes que a mistura secasse, pois ao expor fotograficamente a chapa, as áreas expostas à luz secavam mais rapidamente que as não expostas, e à medida que secavam, endureciam e perdiam a sensibilidade à luz. Como a mistura evaporava e secava muito rapidamente, o fotógrafo deveria estar sempre próximo a uma câmara escura (laboratório), onde pudesse preparar as chapas, colocá-las dentro da câmara fotográfica e revelá-las após a exposição à luz, tudo em menos de 15 minutos. O tempo dessa exposição oscilava entre 20 segundos e um minuto para as paisagens e os motivos arquitetônicos, e entre 2 e 20 segundos para os retratos pequenos (FABRIS, 1991, p. 17). Munhoz (2005, p. 30) destaca ainda que o colódio úmido apresentou várias vantagens: reduziu o tempo de exposição, abrindo uma dimensão nova para os fotógrafos que até então tinham que retratar cenas ou pessoas muito estáticas; as imagens eram mais nítidas do que nos daguerreótipos, pois era usada uma base de vidro; a fotografia se tornou amplamente divulgada, uma vez que o processo não foi patenteado; o preço de uma impressão em papel era dez vezes mais barato que o da produção de um daguerreótipo.

⁶ Kossoy (2007, p. 59) lembra que "A fotografia se desenvolveu paralelamente às disciplinas científicas em formação durante o século XIX. Desde logo a técnica fotográfica foi incorporada como instrumento de registro dos objetos de estudo e pesquisa dessas ciências, evidentemente segundo preceitos positivistas".

plásticas, como ocorria com o clero e a monarquia, mas com um instrumento que fosse a síntese de tecnologia, ciência e democracia liberal, inventado por ela mesma. Diz ainda que a fotografia passou a servir de instrumento eficaz que possibilitava à burguesia o registro dos problemas sociais advindos com a industrialização nas grandes metrópoles, como segue abaixo:

Com a consolidação da burguesia industrial as cidades viram-se invadidas por uma massa populacional cujo perfil social diferenciava-se do pensamento renascentista. A vida privada, que antes era restrita ao núcleo de trabalho familiar, passou para uma vida de relações econômicas entre empresas e instituições. (...) A burguesia emergiu nos países ocidentais, principalmente na França, Inglaterra e Alemanha, e passou a necessitar de informação sobre o seu próprio meio social (SILVA, 2009, p. 26).

A fotografia era a grande invenção que representava a burguesia emergente e “Como apêndice da perspectiva positivista, a imagem fotográfica passou a ser usada e entendida como prova e verdade de fatos e acontecimentos” (SILVA, 2009, p. 31).

Depois de seu surgimento, a fotografia passou a percorrer um processo de aperfeiçoando, cuja utilização foi pensada para que o invento tivesse uso comercial. Toral (1999), diz que, a partir de 1854, quando André-Adolphe Eugène Disdèri (1819-1889) inventou sua versão fotográfica, os pequenos retratos (*carte-de-visite*) popularizaram-se, principalmente na Europa e EUA, por terem o tamanho de um cartão de visita. “Eram destinados a serem oferecidos a amigos e parentes com dedicatórias escritas no verso onde aparecia como prova de amizade, despedida, saudação ou para marcar um compromisso”. Esse autor descreve ainda que, entre 1850 e 1870, o costume de se trocar retratos com pessoas significativas formou-se explosivamente. Logo a fotografia, tomada como objeto de consumo pela sociedade burguesa, atraiu a atenção popular tornando-se acessível a um considerável número de pessoas e coube ao fotógrafo assumir o papel que até então fora do pintor ao retratar os nobres e o clero. Assim, a reprodução de sua própria imagem, antes privilégio dos que podiam fazer-se retratar por um artista, ampliou-se para um público mais amplo.

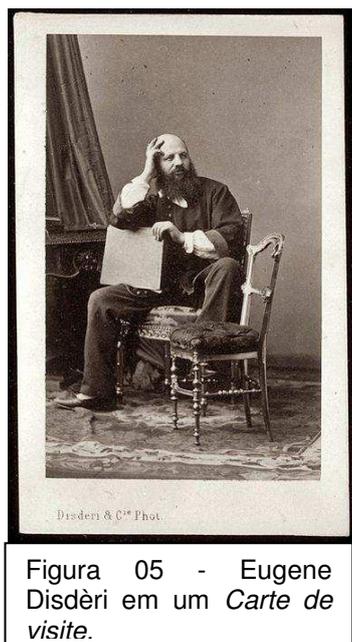


Figura 05 - Eugene Disdère em um *Carte de visite*.

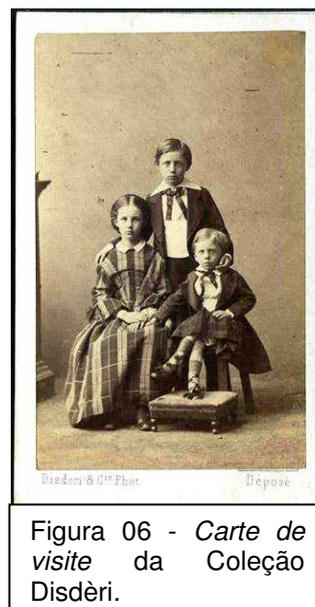


Figura 06 - *Carte de visite* da Coleção Disdère.

Kossoy afirma que “o retrato apresentado dessa forma tornou-se a moda mais popular que a fotografia assistiu em todo o século passado”. Assim, como resultado da popularidade dos *carte-de-visite*, multiplicaram-se os estúdios na maioria das capitais europeias e, principalmente, nos Estados Unidos. Ainda segundo Kossoy, nesse último país, o total de fotógrafos passou de 938 em 1851, para 7.558 em 1870. Com esse intenso crescimento do mercado fotográfico na Europa e nos EUA, a partir de meados do século XIX, era de se esperar que o mercado fotográfico se voltasse à exploração de oportunidades ainda não saturadas.

JORNALISMO E FOTOGRAFIA NA GUERRA

Foi nesse contexto de expansão comercial da fotografia que logo se pensou na utilização do registro fotográfico como documentação da guerra, uma vez que tornaria mais provável aquilo que se queria dizer à opinião pública. Para Sousa (2004), uma parcela daquilo que justificaria levar um fotógrafo para o registro do conflito, para produzir retratos de paisagens e cenas do front, estava na relação da fotografia com a verossimilhança, contribuindo seja para aceitação, seja para o

repúdio da situação bélica. Desse modo, a guerra passou a ser vista como um grande negócio para os fotógrafos⁷.



Figura 07 – Escombros após incêndio em Hamburgo. Foto de Carl Stelzner. 1842.

Segundo Silva (2009), já em 1842 ocorrera pela primeira vez a união de texto e fotografia no jornalismo como tentativa de se registrar e documentar um acontecimento e de levá-lo a público, com clara intenção testemunhal: o caso do incêndio em Hamburgo, na Alemanha⁸. Ainda segundo esse autor, o jornalismo foi um dos primeiros ramos a fazer uso da fotografia, buscando-a para funcionar como prova, já que a mesma se beneficiava do efeito-verdade: a fotografia “(...) credibilizaria os enunciados verbais e as representações da realidade que estes enunciados criavam, acompanhados, agora, pelas fotos” (SOUSA, 2004). Desse modo, a fotografia passou a ser vista e entendida como uma grande fonte apta a convencer devido a sua carga de “realismo”, tão presente naquela segunda metade do século XIX, revelando-se eficaz como uma nova linguagem informativa e disputando com o texto um lugar de destaque na transmissão de notícias. Foi nesse ambiente de se buscar representar o mundo através do recurso imagético fotográfico que se proliferaram os impressos ilustrados. Conforme Freund (1989), vinte e cinco anos depois da divulgação da fotografia, em 1864, vinte e cinco jornais especializados surgiram em seis países; fundaram-se quase outras tantas sociedades fotográficas, que se propuseram a organizar exposições, defender os interesses de seus membros e vender fotografias.

Assim sendo, verifica-se que a guerra passou a servir como tema à fotografia com vistas ao jornalismo. De acordo com Lacayo e Russel (1995),

⁷ Silva (2009) destaca que “A cobertura fotográfica de guerra começou em meados do século XIX (...), junto com a popularização da imprensa. As sociedades ocidentais viram crescer uma onda de novas publicações, influenciadas pela liberdade de expressão e pelo liberalismo. A popularização dos jornais veio ocorrer no início do século XIX, nos Estados Unidos, com a chamada primeira geração da imprensa popular (...). (...) A industrialização do jornalismo foi alavancada pelo ambiente histórico-social da época, com a alfabetização das massas que migravam para as cidades e as tecnologias de impressão, que aumentaram as tiragens”.

⁸ Em 1842, cerca de 1/4 da cidade foi destruída por um grande incêndio, que se iniciou na noite de 4 de maio e só foi extinto a 8 de maio daquele ano. O incêndio destruiu três igrejas, a prefeitura, e inúmeros outros prédios. Morreram 51 pessoas, e cerca de 20.000 ficaram desabrigadas. A reconstrução da cidade demorou mais de 40 anos. Cf. Silva, 2009.

durante a Guerra do México-Estados Unidos (1846-1848) foi feita uma série de daguerreótipos, porém desconhece-se a sua autoria, além de não existirem registros comprobatórios de que as imagens tenham sido expostas publicamente naquele momento. Assim, a primeira guerra com cobertura fotográfica que temos notícia e que foi usada na imprensa é a Guerra da Criméia (1853-1856)⁹, sendo ela, portanto, considerada a que marcou o início de uma nova especialidade no ramo da fotografia do século XIX: a reportagem de guerra.

Ferreira (2005) descreve que a inserção da fotografia como instrumento de guerra no conflito da Criméia se deu em meio ao contexto em que a fotografia entrou em contenda com o texto pelo lugar de destaque na transmissão de

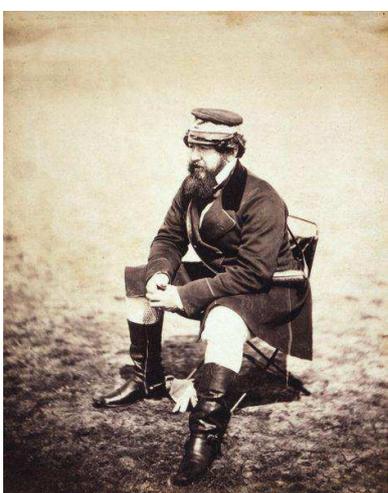


Figura 08 - William Howard Russell

notícias, cada qual querendo convencer a opinião pública. Assim, William Howard Russell (1821-1907)¹⁰, correspondente do *The Times*¹¹, em suas matérias, divulgou as terríveis condições em que as tropas britânicas se encontravam e fez com que a sociedade cobrasse do governo mudanças na administração da guerra e providências quanto ao conforto dos soldados. Numa de suas cartas do campo de batalha de Sebastopol, ele escreveu:

Agora está chovendo canivetes – o céu está preto como tinta – o vento está uivando sobre as barracas cambaleantes – as trincheiras transformaram-se em diques – nas barracas a água é às vezes o chão. Não há nenhum de nossos homens aquecido ou agasalhado – eles ficam

⁹ A Guerra da Criméia (1853-1856) foi um conflito que ocorreu na península da Criméia no mar Negro (nesta época era parte do território do Império Russo, atualmente faz parte do território sul da atual Ucrânia), no sul da Rússia e nos Bálcãs. Envolveu, de um lado o Império Russo e, de outro, uma coligação integrada pelo Reino Unido, a França, o Piemonte-Sardenha (atual Itália) - formando a Aliança Anglo-Franco-Sarda - e o Império Turco-Otomano (atual Turquia). Esta coalizão, que contou ainda com o apoio do Império Austríaco, foi formada como reação às pretensões expansionistas russas no Mar Negro e para isto era necessário tomar a importante base naval de Sebastopol, na península da Criméia. Cf. Lacayo e Russel (1995).

¹⁰ Foi um jornalista irlandês, considerado o primeiro correspondente de guerra da História da Imprensa. Trabalhou como jornalista para o jornal *The Times* a partir de 1843, e quando eclodiu a Guerra da Criméia (1854) foi enviado como correspondente especial. Apesar de suas matérias refletirem os pontos de vista do Reino Unido à época, elas foram enormemente significativas: pela primeira vez, o público britânico pôde ler sobre o que se dizia passar no campo de batalha. Chocada com o que lia, a opinião pública pressionou o governo de Londres a reavaliar o tratamento dado às tropas. Cf. Idem.

¹¹ Jornal inglês de ampla circulação nacional na segunda metade do século XIX. Não é mais editado.

fora por doze horas seguidas nas trincheiras – estão sucumbindo à miséria de uma guerra no inverno – e nem uma alma parece cuidar de seu conforto, e menos ainda de suas vidas. Estas são duras verdades, mas a população britânica tem que ouvi-las. Ela tem que saber que os pobres mendigos que perambulam pelas ruas de Londres na chuva, têm uma vida de príncipe, se comparada com a dos soldados britânicos que estão lutando tão longe por seu país (APUD GERNSHEIM; GERNSHEIM, 1954, p. 12-13).

O governo britânico tentou conter tais notícias, divulgando que as mesmas eram mentirosas e ao mesmo tempo caluniando o correspondente¹². Foi em meio a esse debate frente à opinião pública que a coroa britânica resolveu utilizar um trunfo até então pouco utilizado para contradizer as afirmações de Russel: a fotografia, já havia adquirido técnica para ir aos campos de batalha.

Munhoz (2005) observa que o crescente interesse popular pelas novas características documentais que apontavam para a fotografia fez com que a revista inglesa *The Illustrated London News*¹³, a serviço do Estado britânico, publicasse, sob forma de gravuras, o que pode ser chamado de a primeira cobertura de guerra feita por um fotógrafo; tratava-se de Roger Fenton (1819-1869)¹⁴, que foi encarregado de registrar cenas da Guerra da Criméia em 1855.

¹² “Não havia como dizer que os números estavam mentindo: do número total de baixas, 88% morreram por causa das agruras do inverno ou em decorrência de doenças como o cólera, por conta das péssimas condições de higiene; enquanto apenas 12% sucumbiram por ferimentos causados nas batalhas” (APUD GERNSHEIM; GERNSHEIM, 1954, p. 12-13).

¹³ Foi o primeiro jornal ilustrado semanal do mundo. Fundado em maio de 1842, em Londres, na Inglaterra e foi publicado regularmente até 1971. Tinha 16 páginas de texto e 32 de gravuras, feitas por artistas conhecidos, que reproduziam os acontecimentos em desenho, como fazem até hoje os média, quando não têm imagens do evento. A fórmula foi aperfeiçoada com a chegada da fotografia na imprensa e da impressão com meio-tom, por volta de 1850. Cf. Munhoz, 2005.

¹⁴ Apesar de Roger Fenton ser considerado o primeiro fotógrafo de guerra, outros o antecederam no conflito da Criméia. Cerca de dois anos antes de ele chegar à região, um pintor e fotógrafo romeno chamado Karl Baptist von Szathmari, registrou o início da Guerra Russo-Turca, que mais tarde deflagraria a Guerra da Criméia. Além deste, a própria Inglaterra já havia enviado outros fotógrafos para registrarem o conflito: Gilbert Elliott (1854), Richard Nicklin (1854), Brandon e Dawson (1855). Contudo, o mais famoso por este registro é mesmo Roger Fenton, talvez por ter sobrevivido à guerra e pelas suas imagens terem sido publicadas; sendo hoje a maior fonte pictórica acerca desta guerra. Cf. Gernsheim; Gernsheim, 1954, p. 10-12.

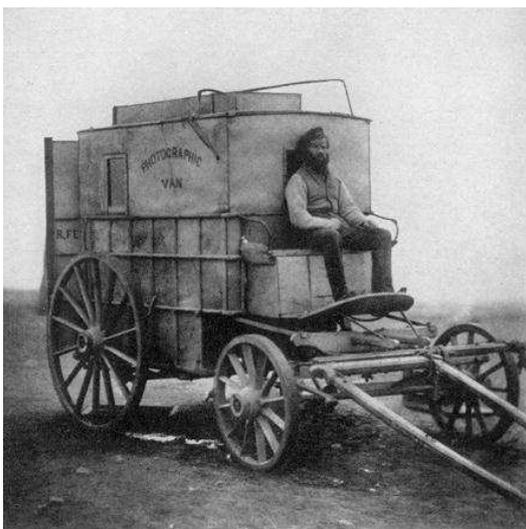


Figura 09 - A carroça laboratório que acompanhou Roger Fenton à Criméia (1855).

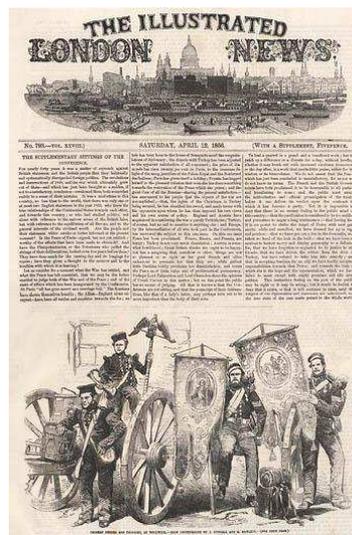


Figura 10 - Capa do *The Illustrated London News* de 12 de abril 1856. “Heróis da Criméia e Troféus”. Uma gravura copiada a partir de fotografia encomendada pela Rainha Vitória.

De acordo com Sougez (2001) o fotógrafo britânico Roger Fenton, que tinha um estúdio em *Regent's Park*, onde era conhecido por fotografar *still life* (natureza morta) de flores, embarcou para a região do conflito em 1855, acompanhado de um ajudante de fotografia, Marcus Sparling, de um servente e de um amplo equipamento fotográfico. Segundo Sontag (2003), o trabalho de Fenton na Criméia, como o primeiro fotógrafo oficial de guerra, foi encomendado pelo editor e empresário Thomas Agnew, sob a carta de recomendação da rainha Vitória e do príncipe Albert, para fotografar o conflito. Ainda segundo essa autora a expedição foi financiada pelo Estado inglês em troca de que Fenton não mostrasse os horrores que estavam sendo provocados naquele conflito bélico, para não assustar as famílias dos soldados e os cidadãos em geral. Suas fotografias seriam utilizadas especialmente como propaganda política para mostrar o ponto de vista do governo na tentativa de acalmar a pressão que os artigos antibélicos do *The Times* estavam causando na opinião pública (SONTAG, 2003). As imagens produzidas pelo fotógrafo oficial da Coroa, mais que documentar o conflito, serviram para acalmar a opinião pública britânica quanto ao estado de saúde e condições de vida dos soldados¹⁵.

¹⁵ Em menos de três meses, Fenton produziu trezentas e sessenta fotos dos bastidores da guerra e em nenhuma delas foram vistos os “horrores da guerra”. No geral, foram fotos de amplas paisagens dos campos de batalha, depois das ofensivas, sem mortos, feridos ou mutilados e,

Todos os autores analisados destacam que tanto os limites que foram impostos sobre o que poderia ou não ser mostrado, como as dificuldades técnicas



Figura 11 - Gen Brown e seus soldados na Guerra da Criméia. Fotografia de Roger Fenton.

ligadas ao colódio¹⁶, foram fatores que podem ter influenciado para que as imagens captadas por Roger Fenton não coincidisse com as denúncias que Russel havia feito poucos meses antes. Não obstante, as fotografias da guerra da Criméia são consideradas como os primeiros registros fotográficos de um conflito de proporções mundiais.

A GUERRA DA SECESSÃO PELA CÂMARA FOTOGRÁFICA

Apesar do reconhecimento da função da fotografia e sua estreita relação com a imprensa britânica durante a Guerra da Criméia, foram as imagens da Guerra da Secessão, a terceira na história a ser captada pela câmara fotográfica¹⁷, que efetivamente deram início a um pensamento jornalístico aplicado à fotografia (MUNHOZ, 2005, p. 32). Isso porque esse evento é considerado como tendo sido largamente coberto por fotógrafos-jornalistas¹⁸, cujo

portando, sem qualquer vestígio de uma contenda; retratos gerais do batalhão em formação, do alto comando em poses heróicas, de soldados rasos com a imponência de seus uniformes sempre impecáveis e por vezes reunidos em grupos em descanso ou em entretenimento. “Fenton produziu retratos de soldados em situações cotidianas dos batalhões, passando a idéia de que ir à guerra era como um acampamento no parque um grande piquenique de homens uniformizados” (FREUND, 1989).

¹⁶ Mesmo que tentasse se aproximar das áreas de ação, no calor da batalha, Fenton estava limitado pela tecnologia disponível na época: o colódio úmido, que exigia um processo de produção lento e complexo, com tempo de exposição em torno de 15 segundos. A hora exata de realizar a captação da imagem também era dificultada também pelo volumoso equipamento necessário ao fazer fotográfico. Cf. Silva, 2009.

¹⁷ Como já mencionado anteriormente, a guerra já vinha servindo como tema à fotografia com vistas ao jornalismo: Guerra México-Estados Unidos (1846-1848) e Guerra da Criméia (1853-1856).

¹⁸ “Existe uma lista de salvo-condutos, elaborada pelo exército do Potomac, autorizando trezentos fotógrafos a trabalhar. A maioria é constituída, de facto, por fotógrafos ambulantes que fazem o retrato do soldado sem fotografar a Guerra” (AMAR, S/D, p. 62). Segundo Pereira (2005), essa guerra é considerada a primeira a ter cobertura massiva de fotógrafos, quando cerca de 150 correspondentes de guerra estiveram diretamente ao lado dos soldados, reportando o decorrer

objetivo foi o de transmitir uma idéia concreta do horror e devastação produzidos pela guerra. Entretanto, Sousa (2004), analisando o estudo de William Thompson (*The Image of War*), chegou à conclusão de que essa cobertura fotográfica abrangeu também, principalmente no início, imagens idealizadas de “(...) oficiais garbosos a conduzir ordeira e heroicamente os seus soldados na frente”¹⁹. Diz ainda que o retrato duro e cruel dos mortos no conflito só aparece numa fase posterior, quando os editores perceberam que os leitores pretendiam notícias ‘factuais’ sobre o que realmente acontecia aos combatentes²⁰.



Figura 12 - Vagão e repórteres do *The New York Herald* na Guerra da Secessão.



Figura 13 - “OS ESTADOS UNIDOS EM PRETO E BRANCO. A posição geográfica dos estados leais e rebeldes. Os estados rebeldes estão em preto”. *The New York Herald* (17/12/1861).

Entre 1861 e 1865, ocorreu nos EUA a Guerra da Secessão, considerada como a que matou mais estadunidenses que qualquer outra guerra travada até hoje em que os mesmos estiveram envolvidos²¹. Eisenberg (1980) destaca que muitos historiadores dos EUA entendem esta guerra civil como um conflito entre duas sociedades diferentes: a do Norte manufatureiro (trabalho livre) e o Sul

das ações. A exemplo citamos *The New York Herald*, que foi um jornal de grande distribuição com sede em New York e que existiu entre 06 de maio de 1835 e 1924.

¹⁹ É interessante destacar que significativa parte da documentação fotográfica dessa guerra também é representada pelos milhares de *carte-de-visite* de soldados a generais que partiam para a guerra ou que já se encontravam em campanha enviados às namoradas e parentes com dedicatórias escritas como prova de despedida ou para marcar um compromisso. Cf. Sousa, 2004.

²⁰ Munhoz (2005, p. 33) destaca que “Os registros chegavam ao público através da imprensa no formato de gravuras, geralmente xilogravuras. Ainda assim, foi a primeira vez que os horrores dos conflitos bélicos atingiam vastas populações, que distantes dos acontecimentos, passavam a vivenciá-los de uma forma totalmente nova”.

²¹ Calcula-se que 618.000 combatentes morreram nos dois lados, um total que excede o de todos os estadunidenses mortos na I Guerra Mundial (1914-18, com 125.000); na II Guerra Mundial (1939-45, com 322.000); na Guerra da Coréia (1950-53, com 55.000); e na Guerra do Vietnã (1961-75, com 57.000). Cf. Eisenberg, 1980.

agrário exportador (trabalho escravo)²². Segundo esse historiador, em meio aos vários pontos de atrito entre o Norte e o Sul, a escravidão foi o que provocou as contendas políticas mais sérias, contendas essas que alcançaram seu ponto máximo após o resultado da eleição presidencial de 1860. Neste ano, vários líderes dos estados sulistas haviam proposto a secessão da Federação caso o candidato abolicionista Abraham Lincoln vencesse as eleições²³. Uma vez eleito, em 20 de dezembro de 1860, a Carolina do Sul tornou-se o primeiro estado a sair da União. Logo ela foi acompanhada por outros seis estados: Mississippi (09/01/1861), Flórida (10/01/1861), Alabama (11/01/1861), Geórgia (19/01/1861), Louisiana (26/01/1861) e Texas (01/02/1861). Os principais líderes políticos e senhores de escravos, em sucessivas reuniões ainda em dezembro de 1860, aprovaram a Constituição confederada, formalizando a criação dos Estados Confederados da América. Tais estados elegeram Jefferson Davis, do Mississippi, como presidente do país, estabelecendo, em 07 de fevereiro de 1860, uma Constituição e a capital em Montgomery (Alabama), cujo objetivo era o de manter o regime escravista. Após o deflagrar da guerra, que se deu com o ataque promovido pelos confederados ao Fort Sumter (12/04/1861), um posto militar dos EUA na Carolina do Sul, mais quatro estados sulistas se juntaram à Confederação: Virgínia (17/04/1861), Arkansas (06/05/1861), Carolina do Norte

²² Os conflitos de interesse entre Norte e Sul tinham uma longa história que remonta às origens da República (1776). Tais conflitos podem ser resumidos a partir dos seguintes pontos: 1º) As tarifas sobre as importações. O Norte queria que este imposto fosse elevado o bastante para proteger-se da concorrência inglesa; o Sul, que não tinha manufaturas tão importantes, queria que esse imposto fosse baixo para poder importar pelo preço mais barato. 2º) O acesso às terras do Oeste. Os capitalistas do Norte apoiavam as leis que estabeleciam preços elevados para aquisição destas terras, uma vez que temiam que se as terras fossem de fácil aquisição, os operários deixariam as fábricas ou forçariam um aumento dos salários; o Sul, ao contrário, apoiava as reivindicações de terra barata, porque imaginava que as terras do Oeste prestavam para a sua lavoura. 3º) Natureza de bancos e dinheiro. Os centros financeiros do Norte eram credores do Sul e, desse modo, defendiam a criação de um banco nacional forte com direitos exclusivos de emitir uma moeda para por fim as múltiplas variedades de dinheiro emitidas por bancos particulares licenciados pelos governos estaduais; ao contrário do Norte, os fazendeiros do Sul, devedores em sua maior parte, defendiam a flexibilidade das emissões de dinheiro e que esse fosse inflacionado, uma vez que, por causa de seu grande envolvimento com o comércio exterior, na hora de cambiar a moeda estrangeira, eles receberiam mais dinheiro nacional se este estivesse se desvalorizando. 4º) Os melhoramentos internos. O Norte favorecia os programas federais de melhoramentos internos (estradas de ferro) porque ele ia ganhar novos mercados; já o Sul não apoiava tais programas, pois desconfiava de que ele teria que pagar uma grande parte destes melhoramentos (impostos alfandegários) sem receber tais benefícios, uma vez que o sistema fluvial tornou o transporte terrestre menos importante no Sul. Cf. Idem.

²³ Lincoln, oponente declarado à expansão da escravidão nos Estados Unidos, venceu a pré-candidatura do Partido Republicano em 1860, sendo eleito presidente no final do mesmo ano. Cf. Id. Ibidem.

(20/05/1861) e Tennessee (08/06/1861)²⁴. A partir daí foram várias as batalhas que terminariam somente em 28 de Junho de 1865, com a rendição das últimas tropas remanescentes da Confederação.

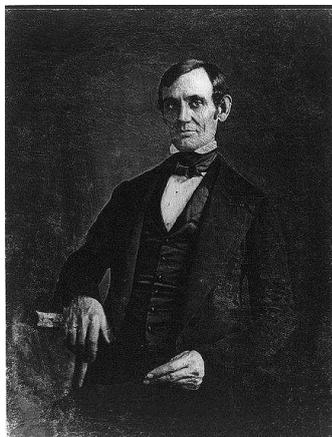


Figura 14 - A 1ª fotografia tirada de Abraham Lincoln, em 1846, por Matthew B.

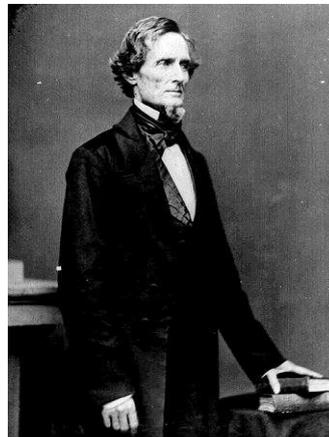


Figura 15 - O presidente da Confederação Jefferson Davis.

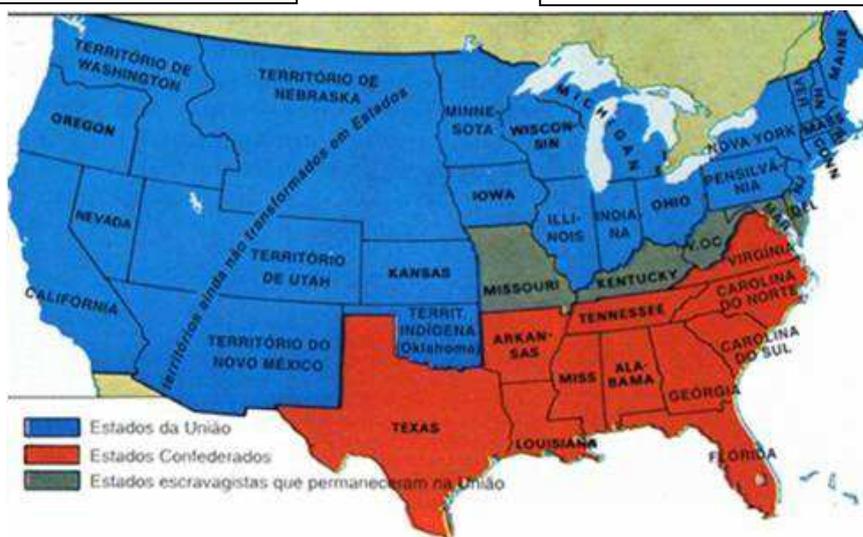


Figura 16 – Mapa dos EUA durante a Guerra da Secessão.

Dentre o conjunto fotográfico que documentou a Guerra da Secessão, nos deteremos a analisar uma pequena parte do arquivo que é conferido a Matthew B.

²⁴ Mais dois estados eram controlados por governos que apoiavam a União, mas existiram grupos em favor da Confederação que proclamaram a secessão. A Confederação admitiu-os como estados membros embora nunca fossem controlados pela mesma. Estes dois estados foram o Missouri (31/10/1861) e Kentucky (20/11/1861). Cf. Eisemberg, 1980.

Brady²⁵; um fotógrafo proprietário de vários estúdios fotográficos nos Estados Unidos que, em 1861, financiou por conta própria a expedição de alguns fotógrafos às frentes de batalha para registrarem a guerra, com o intuito de abastecer de imagens os principais jornais da época. Supervisionou nesta tarefa uma equipe de fotógrafos contratados: Alexander Gardner (1821-1882)²⁶, Timothy H. O'Sullivan (1840-1882)²⁷, William Pywell (1843-1887), George N. Barnard (1819-1902) e Thomas C. Roche (1826-1895), além de dezessete outros homens. Sousa (2004) destaca que Brady pouco fotografava e que, enquanto administrava às vendas das imagens para publicações como as revistas *Leslie's*²⁸ e a *Harper's*²⁹, a produção das imagens ficava nas mãos de seus assistentes³⁰.

²⁵ Mathew B. Brady (1822-1896) era filho de imigrantes irlandeses e nasceu no condado de Warren, New York. Em 1844, Brady abriu um estúdio fotográfico em Nova York, onde passou a fotografar e exibir fotografias dos estadunidenses famosos. Brady é considerado como o pai do fotojornalismo, pelo seu empenho durante a guerra civil. Cf. Ferreira, 2008.

²⁶ Alexander Gardner veio da Escócia para os EUA em 1855, a partir de um convite feito por Brady. Gardner trabalhou no estúdio de Brady em Nova Iorque e mais tarde tornou-se gerente do estúdio de Brady em Washington. Em 1862, saiu desse estúdio, passando a processar seus próprios negativos porque Brady se recusava a dar a ele e aos outros fotógrafos o crédito individual para as fotografias da Guerra Civil. Gardner tornou-se o fotógrafo oficial do Exército da União do Potomac até o fim da Guerra Civil. Cf. Idem.

²⁷ Timothy O'Sullivan iniciou sua carreira como aprendiz de Brady, mas pelos mesmos motivos de Gardner deixou de trabalhar com Brady e passou a fotografar a Guerra Civil por conta própria. Suas imagens da guerra civil ficaram muito famosas, especialmente aquelas em que apareciam corpos de soldados espalhados pelos campos de batalha, insepultos. Trabalhou até sua morte em 1882, como fotógrafo do Tesouro Nacional. Cf. Id. Ibidem.

²⁸ A *Frank Leslie's Illustrated Newspaper*, fundada em 1855, foi uma das primeiras revistas estadunidenses a utilizar ilustrações. Na segunda metade do século XIX, tinha uma circulação média de 100 mil exemplares. Entretanto, esse número triplicava de acordo com o assunto tratado na edição. Durante a Guerra Civil, a publicação inovou, mandando 12 correspondentes para cobrir o conflito. Cf. Munhoz, 2005.

²⁹ A *Harper's Weekly Journal of Civilization* foi uma revista estadunidense com sede em Nova York e publicada de 1857 até 1916, ela apresentava notícias nacionais e internacionais, ficção, humor e ensaios sobre diversos temas. Cf. Idem.

³⁰ A empreitada de Brady (que raramente operava a câmara) com os seus colaboradores começou a ruir quando estes passaram a reclamar do fato de Brady assinar todas as fotos, incluindo as desses últimos. Devido a esse mal estar, Gardner, por exemplo, dissociar-se-á do seu contratante a meio da guerra. Após a guerra Brady acabou indo a falência, pois a venda das suas fotos não correspondeu suas esperanças, sendo forçado a viver da generosidade de seus amigos. O governo comprou sua coleção de 5.712 placas por 25.000\$ dólares em vez de 125.000\$. Ele morreu em 1896 em situação de pobreza e isolamento. Contudo, independentemente dos seus méritos e deméritos, foi Brady a ter a idéia inovadora de montar a primeira agência distribuidora de fotos de atualidade e suas fotos sem dúvidas deixaram profundas mudanças na forma como uma nova geração de fotógrafos iria trabalhar nas décadas seguintes. Cf. Id. Ibidem.

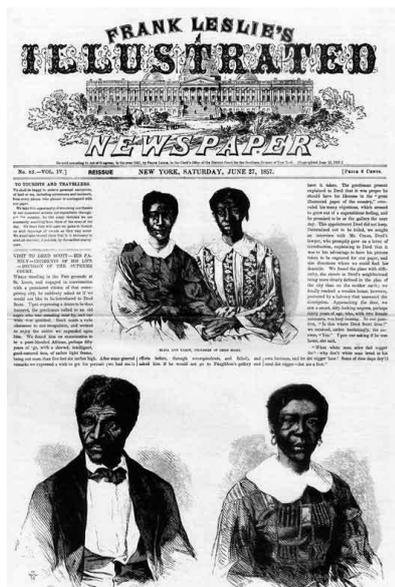


Figura 17 – *Frank Leslie's Illustrated Newspaper* (27/06/1857).

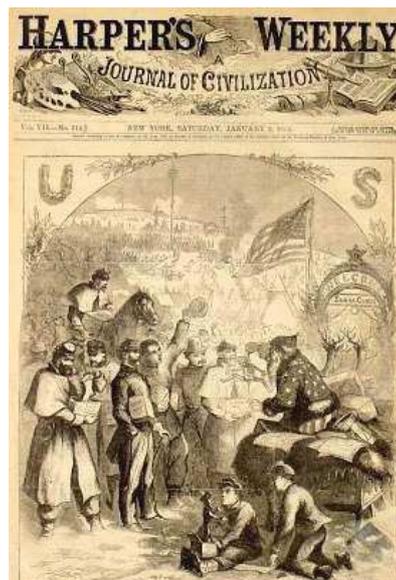


Figura 18 – “Papai Noel com presentes para soldados da União durante a Guerra Civil dos EUA”. *Harper's Weekly Journal of Civilization* (Dez. 1863).

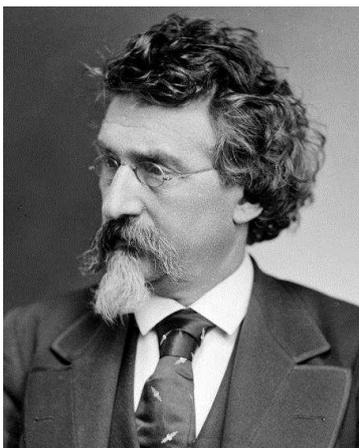


Figura 19 – Mathew Brady em 1875.



Figura 20 – Alexander Gardner.



Figura 21 – Timothy O'Sullivan, entre 1871-74.

Ao contrário de Roger Fenton, que tivera seu empreendimento financiado sob a condição de não mostrar o lado repulsivo da guerra, Mathew Brady e seus colaboradores procuraram documentar a crueza do combate. Suas fotos, que objetivavam registrar tanto a preparação para batalha como os efeitos após o combate, produziu, pela primeira vez, uma estética do horror que provocava o olhar público para o lado trágico da guerra, olhar esse destituído de qualquer nobreza ou heroísmo. A propósito das coberturas de guerra realizadas por Fenton e Brady, Freund (1976, p. 97) esclarece:

Las imágenes de Fenton, censuradas de antemano, dan una visión de la guerra como si se tratara de una jira campestre; en cambio las de Brady y sus colaboradores, entre quienes figuran Timothy O'Sullivan y Alexander Gardner, dan por vez primera una idea muy concreta de su horror. Las fotografías que obtienen de tierras quemadas, casas incendiadas, familias hundidas y abundancia de muertos responden a un afán de objetividad que se confiere a esos documentos un valor excepcional (...).

Observando o acervo fotográfico de Brady e de seus colaboradores, em especial Gardner, notamos que eles procuravam registrar “(...) temas convencionais, como acampamentos povoados por oficiais e por soldados de infantaria, cidades em estado de guerra, material bélico, embarcações e também, com enorme celebridade, soldados mortos da União e da Confederação, estirados no solo devastado de Gettysburg e Antietam (...)”, conforme observou Sontag (2003, p. 45-46). As imagens obtidas surpreenderam as pessoas por exibirem corpos de soldados mortos, pois “Com relação aos nossos mortos, sempre vigorou uma proibição enérgica contra mostrar o rosto descoberto. As fotos tiradas por Gardner e O'Sullivan ainda chocam porque os soldados da União e dos Confederados jazem de costas, com o rosto de alguns claramente visível” (IDEM, p. 61).

Sontag (2003, p. 54) destaca que “As imagens que mostravam corpos mortos foram poucas, mas suficientes para transmitir os horrores da Guerra de Secessão e impressionar a sociedade”. Analisando o impacto dessas imagens sobre a sociedade, Sontag diz ainda que em outubro de 1862, um mês após a Batalha de Antietam³¹, Brady realizou, em seu estúdio em Manhattan (New York), uma exposição com os registros fotográficos feitos por Gardner e O'Sullivan

³¹ A Batalha de Antietam, também conhecida como A Batalha de Sharpsburg no Sul dos EUA, aconteceu em 17 de setembro de 1862, em Sharpsburg, Maryland (Estado de fronteira). Foi a primeira grande batalha que ocorreu em território da União. Essa batalha ficou conhecida como uma das mais sangrentas, onde em um só dia morreu mais de 23 mil estadunidenses de ambos os lados. A vitória da batalha por parte da União deu ao então presidente dos EUA, e líder das forças da União, Abraham Lincoln, suficiente confiança para proclamar sua Proclamação de Emancipação, em 1º de janeiro de 1863. Cf. Eisemberg, 1980, p. 73.

desse conflito, cujo título foi *"The Dead of Antietam"* (*Os Mortos de Antietam*). Muitas das imagens desta exposição eram fotografias frias e nítidas de corpos de soldados jogados pelo campo, uma apresentação totalmente nova, pois foi a primeira vez em que muitos estadunidenses viram as "realidades" da guerra nas fotografias.



Figura 22 – Os Mortos de Antietam. Corpos dos soldados confederados mortos perto de uma cerca. Foto de Alexander Gardner (17/09/1862).



Figura 23 – Os Mortos de Antietam. Corpos dos soldados confederados mortos e reunidos para o enterro. Foto de Alexander Gardner (17/09/1862).

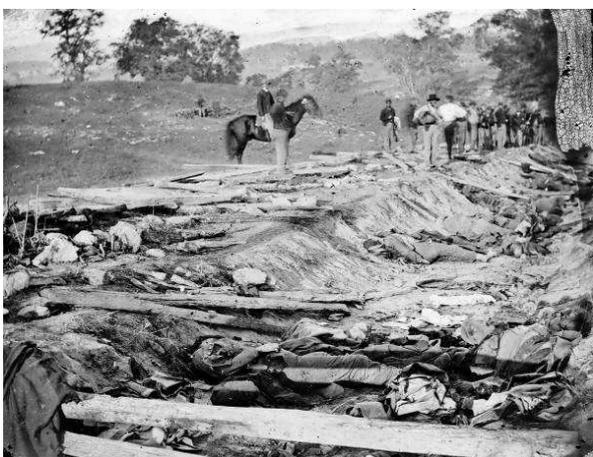


Figura 24 – Os Mortos de Antietam. Corpos dos soldados confederados mortos em uma vala utilizada como cova. Foto de Alexander Gardner (17/09/1862).



Figura 25 – Os Mortos de Antietam. Corpos dos soldados confederados mortos em uma vala utilizada como cova. Foto de Alexander Gardner (17/09/1862).

Sobre a repercussão dessa amostra fotográfica, o jornal nova-iorquino *The New York Times*³² publicou, em 20 de outubro daquele ano, uma resenha (sem assinatura) sobre a exposição, descrevendo o horror das fotos:

Os vivos que se aglomeram na Broadway talvez pouco se importem com os mortos em Antietam, mas podemos imaginar que se empurrariam com menos descaso em sua marcha pela grande avenida, e que passeariam menos sossegados, se alguns corpos gotejantes, recém-caídos no campo de batalha, estivessem estirados pela calçada. Haveria um repuxar afobado de barras de saia e uma cuidadosa escolha do local onde pisar (...)³³.

O impacto desse trazer da notícia para a sociedade através da fotografia pode ser percebido pelo continuar do texto:

Os mortos dos campos de batalha nos vêm à lembrança muito raramente, mesmo em sonhos. Vemos a lista no jornal no café-da-manhã, mas nos esquecemos logo em seguida. Contudo, o sr. Brady fez algo que traz até nós a terrível realidade e seriedade da guerra. Se ele não trouxe os corpos e os colocou nas nossas portas e nas ruas, fez algo muito parecido (...). Essas fotografias têm uma terrível clareza. Com a ajuda de uma lente de aumento, é possível distinguir até as feições do morto. Não quereríamos estar na galeria no momento em que uma das mulheres debruçadas sobre elas reconhecer um marido, um filho ou um irmão na fila inerte e sem-vida de cadáveres que, caídos, esperam pela vala comum (IDEM).

A admiração pelas fotos se misturava com a sua desaprovação em virtude da dor que podiam provocar em mulheres da família dos mortos (SONTAG, 2003, p. 54-55). Assim, notamos que essa exposição causou um impacto imenso no restrito público da cidade de New York, uma vez que a fotografia cumpriu então o papel de trazer para a população testemunhos visuais de uma situação à qual as pessoas não tinham acesso. É importante lembrarmos que o novo modo de registro da imagem feito por Brady e sua equipe foi imediatamente percebido pelo público como “realista” e “fidedigno”, mais crível que as matérias jornalísticas dos correspondentes de guerra presentes na imprensa de então. Nunca é demais

³² *The New York Times* foi fundado, em 18 de setembro de 1851, por Henry Jarvis Raymond e George Jones e publicado na cidade de Nova Iorque. Originalmente o jornal circulava todos os dias, em edições matutinas, menos no domingo. Durante a Guerra da Secessão passou a circular também no domingo, juntamente com outros grandes jornais diários da época. Cf. Munhoz, 2005.

³³ *The New York Times*, 20 de outubro de 1862, tradução livre. Disponível em <http://query.nytimes.com/mem/archivefree/pdf?res=940DE1DA173FE63ABC4851DFB667838967FDE>, acessado em 15/10/2010.

alertarmos para o fato de que a fotografia carregava naquela época uma carga de fidedignidade à realidade, sendo comum a afirmação de que “a câmara nunca mente”. O crédito em sua fidelidade era tão grande que o próprio Mathew Brady chegou a afirmar que “a câmara fotográfica é o olho da história” (FABRIS, 1991, p. 24).

É fato que a câmara fotográfica, enquanto equipamento de captação da imagem, não pode mentir. Entretanto, quem a opera pode escolher diversos elementos (luz, horário do dia, paisagem de fundo, pessoas, etc) que vão compor a cena; e este conjunto de elementos “retrata” o seu ponto de vista. O fotógrafo pode também evitar uma cena que não lhe agrada ou que entre em contradição com o que deseja transmitir e, desse modo, conforme sinaliza Sontag, “Em nome do realismo, permitia-se – exigia-se – que se mostrassem fatos desagradáveis, brutais” (2003, p. 46).

Sendo assim, observamos que o conjunto fotográfico de Brady e de seus colaboradores, durante a Guerra da Secessão, deu ênfase aos resultados após as batalhas (soldados feridos, abundância de mortos, terras queimadas e casas incendiadas), mesmo que em posição alterada, criando o que Sousa (2004) considerou como sendo as primeiras manipulações do fotojornalismo. Ainda segundo Sousa, as práticas de construção imagética tiveram influência durante a Guerra da Secessão, como, por exemplo, no caso das fotos tiradas após a Batalha de Gettysburg³⁴. Já é considerado fato o caso em que Gardner chegou a rearranjar um corpo de um sulista na famosa foto de um soldado morto intitulada “*Home of a Rebel Sharpshooter*” (*A Casa do Atirador de Elite Rebelde*). E mais, esse mesmo corpo pode ter sido usado para outra foto que foi então considerada como sendo de um soldado morto da União: “*A Sharpshooter's Last Home*” (*O Último Sono de um Atirador de Elite*)³⁵.

³⁴ A Batalha de Gettysburg (1º de Julho de 1863), ocorrida nos arredores e dentro da cidade de Gettysburg (Pensilvânia), foi a batalha com o maior número de vítimas na Guerra Civil dos EUA e ponto culminante da segunda invasão ao Norte pelo exército confederado (Sul) do general Robert E. Lee. O resultado final foi a vitória das forças federais. Cf. Nevins & Commager, 1986.

³⁵ Em 1975, o historiador estadunidense William Frassanito, analisando a série de fotografias tiradas por Alexander Gardner e seus assistentes, do pós Batalha de Gettysburg, notou que o mesmo corpo apareceu nas imagens tomadas em diferentes locais. Ele percebeu que para criar uma foto mais dramática, os fotógrafos tinham movido o cadáver de um soldado e colocaram-no em um novo local. Cf. http://www.museumofhoaxes.com/hoax/Hoaxipedia/Moving_the_Body/



Figura 26 – À esquerda “A Sharpshooter’s Last Home” (*O Último Sono de um Atirador de Elite*); à direita “Home of a Rebel Sharpshooter” (*A Casa do Atirador de Elite Rebelde*). Fotos de Alexander Gardner (Julho de 1863).

Sobre isso, nos fala Sontag que

Hoje se sabe que a equipe de Brady rearrumou e deslocou alguns dos cadáveres de soldados recém-mortos em Gettysburg: a foto intitulada “A Casa do Atirador de Elite Rebelde, Gettysburg” é na verdade a foto do cadáver de um soldado confederado que foi deslocado de onde estava caído, no campo de batalha, para um local mais fotogênico, um abrigo formado por várias rochas que flanqueavam uma barricada de pedras, e inclui um rifle cenográfico que Gardner pôs encostado na barricada, junto ao cadáver. (Parece não ser o tipo de rifle especial que um atirador de elite usaria, mas um rifle comum de infantaria; Gardner não sabia disso, ou não se importou) (2003, p. 48).

É nesse sentido que Kossoy (2002, p. 134) compreende os registros fotográficos como representações culturais, estéticas e técnicas, e por isso “não podem ser compreendidos isoladamente, ou seja, desvinculados do processo de construção de representação”. Sendo assim, sempre que tomarmos uma fotografia como fonte, é necessário fazer referência ao contexto próximo ou longínquo da imagem que foi registrada. Ao mesmo tempo, é igualmente importante investigarmos a trajetória de circulação/difusão (consumo) que teve essa imagem e a notoriedade que a mesma adquiriu. Brady e outros fotógrafos, por exemplo, devem ter influenciado a opinião do público, ao dar a conhecer fotos

do campo de prisioneiros do Acampamento Sumter em Andersonville³⁶, onde se dizia que morria um prisioneiro a cada onze minutos.

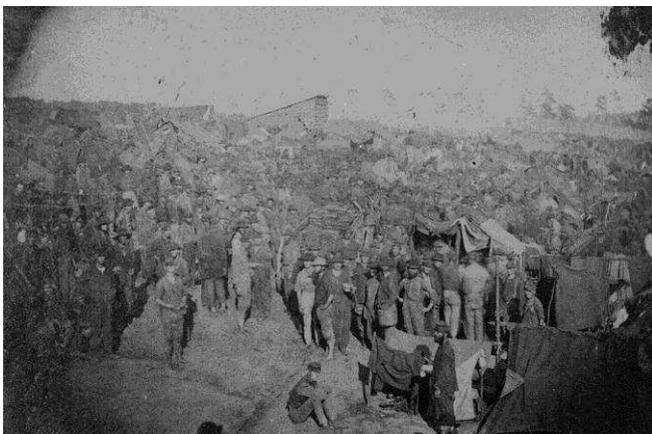


Figura 27 – Grande número de presos à espera de rações de comida na porta principal da prisão em Andersonville. Foto de A. J. Riddle (17/08/1864).



Figura 28 – Vala de escavação para os mortos na prisão de Andersonville. Foto de A. J. Riddle (17/08/1864).

Sousa (2004) observa que as gravuras (obtidas a partir das fotos) dos "esqueletos humanos" publicadas, em Junho de 1864, na *Leslie's* e na *Harper's* escandalizaram o Norte: "(...) não traziam a emoção visceral, intensa e instantânea das fotos-choque, mas saber que eram desenhos executados a partir de fotografias potenciava a sua credibilidade e dramaticidade".

Ainda sobre o impacto da produção fotográfica da Guerra da Secessão sobre aquela sociedade, se faz importante destacar que após o fim da guerra, em 1866, Gardner publicou o livro *Gardner's Photographic Sketchbook of the War*, que era composto por dois volumes, sendo que cada volume continha cem cópias fotográficas impressas manualmente. Foi totalmente editado e escrito por Gardner, que incluiu, além de suas fotografias, imagens de outros fotógrafos como Timothy O'Sullivan, George Barnard, entre outros.

³⁶ O Acampamento Sumter, em Andersonville (Geórgia), foi inaugurado em fevereiro de 1864, como campo de prisioneiros da Confederação e tornou-se uma espécie de depósito de soldados nortistas os quais eram minimamente alimentados, não havia água potável e as condições de higiene eram as piores possíveis. Os prisioneiros sofreram uma mortandade de 50%, em frente aos 10–15% do resto de prisões de ambos os lados. Cf. Pereira, 2005.

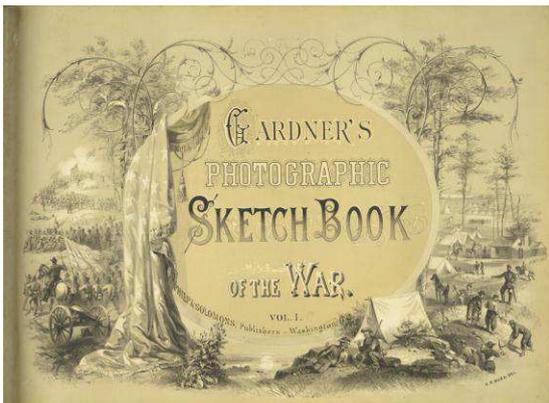


Figura 29 – *Gardner's Photographic Sketch Book of The War*. Publicado por Alexander Gardner em 1866.



Figura 30 – “A Colheita da Morte”. A Batalha de Gettysburg. Foto de T. H. O'Sullivan (Julho de 1863).

No livro, bem como em uma exposição fotográfica realizada por ele, havia textos de Gardner acompanhando cada uma das fotografias, em que ele descrevia, além de dados históricos e geográficos, as suas impressões. Abaixo, o texto que acompanha a imagem intitulada “A Colheita da Morte”, captada por Timothy O'Sullivan e editada no livro:

Lentamente, sobre os campos, a neblina de Gettysburg – relutante em expor os horrores à luz – veio uma manhã sem sol, após o recuo do exército derrotado de Lee. Através da neblina, era, certamente, uma "colheita da morte" que foi apresentada; centenas e milhares de soldados rasgados da União e soldados rebeldes – embora muitos fazendeiros já houvessem trabalhado nesta terra – agora era um quieto campo de combate, embebido pela chuva, que por dois dias inundou o país. Uma batalha foi freqüentemente o assunto de descrição elaborada; mas pode ser descrita em uma palavra simples, diabólica! E a morte distorcida relembra as antigas lendas de homens esquartejados pelos selvagens. A vida ceifada sem aviso fez os corpos quebrados caírem em todas as posições concebíveis. Os rebeldes representados na fotografia estão sem sapatos. Estes sempre eram removidos dos pés dos mortos para suprir as necessidades dos sobreviventes. Os bolsos postos para fora mostram que a apropriação não cessou nos pés. Em torno dos corpos, se vêem dispersos no campo de batalha, munição, tecidos, copos e cantis, biscoitos, etc, e cartas que podem ter o nome do proprietário, embora a maioria destes homens tenha sido enterrada como desconhecidos, em uma terra desconhecida. Mortos no esforço frenético de romper o avanço gradual do exército dos patriotas, cujo heroísmo ultrapassou os limites, pagaram com a vida o preço de sua coragem, e quando o ataque foi mal sucedido, encontraram sepulturas sem nome, longe de casa e sem compaixão (GARDNER APUD FERREIRA, 2008, p. 17).

Sobre esse mostrar fotográfico, Sontag (2003) diz que “A primeira justificativa para as fotos brutalmente claras, que obviamente violavam um tabu, residia no puro dever de registrar” e estava, como já referendado antes, consoante o Realismo então em voga no século XIX³⁷. Foto como essa “(...) faz saber uma moral útil: mostra o horror vazio e a realidade da guerra, em oposição às páginas anteriores (do livro). Estão aqui os detalhes terríveis! Deixe que estes detalhes ajudem a impedir que outra calamidade como esta, recaia sobre nossa nação” (GARDNER APUD SONTAG, 2003, p. 47). Contudo, a pretensa objetividade das fotos do *Gardner’s Photographic Sketchbook of the War*, não significava que Gardner e seus colegas houvessem necessariamente fotografado seus temas da forma como os encontraram, pois, como bem já analisado anteriormente, Gardner rearrumou e deslocou alguns cadáveres de soldados recém-mortos em Gettysburg.

Por fim, destacamos que o processo de produção-reprodução-recepção das fotografias da Guerra da Secessão em jornais e revistas, a exposição “*The Dead of Antietan*” (*Os Mortos de Antietan*) em 1862, bem como a edição do *Gardner’s Photographic Sketchbook of the War*, em 1866, tiveram um impacto significativo na sociedade que a consumiu. Acostumados com intervalos de semanas ou até meses entre o acontecimento e a notícia, os leitores não ficaram indiferentes frente à possibilidade de finalmente ver aquilo que acontecia longe de suas casas (RUMINSKI, 2007). Ao mesmo tempo, assistimos as imagens fotográficas começarem a mostrar as suas possibilidades de uso.

³⁷ Movimento artístico que se manifesta na segunda metade do século XIX. Caracteriza-se pela intenção de uma abordagem objetiva da realidade e pelo interesse por temas sociais. O engajamento ideológico faz com que muitas vezes a forma e as situações descritas sejam exageradas para reforçar a denúncia social. O realismo representa uma reação ao subjetivismo do Romantismo. Os realistas tornaram-se opostos aos românticos e não pensavam em escapar do mundo real exaltando sentimentos, naquele momento “a tendência é ater-se unicamente aos fatos” (BARDI, 1972, p. 68).

REFERÊNCIAS BICLIOGRÁFICAS

- AMAR, Pierre-Jean. **História da Fotografia**. Lisboa: Edições 70, LDA. Sem Data.
- BARDI, P. M. Introdução. In: **Gênios da Pintura III**. Do Romantismo ao Pós-Impressionismo. São Paulo: Abril Cultural. 1972.
- EISEMBERG, Peter. **A Guerra Civil Americana**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- FABRIS, Annateresa. **Fotografia: Usos e Funções no Século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1991.
- FERREIRA, Adriana. **A Imagem como Arma: O Uso Ideológico das Imagens de Guerra**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG/MG. 2008.
- FREUND, Gisèle. **Fotografia e Sociedade**. Lisboa: Vega, 1989.
- GERNSHEIM, Helmut; GERNSHEIM, Alison. **Roger Fenton: Photographer of the Crimean War: His Photographs and his Letters From the Crimea**. London: Secker & Warburg, 1954.
- KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- LACAYO, Richard; RUSSEL, George. **Eyewitness: 150 Years of Photojournalism**. New York: Time e Oxmoor House, 1995.
- MUNHOZ, Paulo César Vialle. **Fotojornalismo, Internet e Participação: Os Usos da Fotografia em Weblogs e Veículos de Pauta Aberta**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação e Comunicação e Cultura Contemporâneas, UFBA, Salvador, 2005.
- NEVINS, Allan & COMMAGER, Henry Steele. Guerra entre Irmãos. In: _____. **Breve História dos Estados Unidos**. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1986.
- PEREIRA, C. S. **Guerras da Informação**. Militares e Média em Cenário de Crise. Lisboa: Tribuna da História. 2005.
- RUMINSKI, J. **A Terrible Fascination: Civil War Photography and the Advent of the Photographic Realism**. Dissertação de Mestrado Youngtown State University. 2007.
- SILVA, Keiny Andrade. **Fotografia de Guerra no Iraque: A Contribuição da Digitalização para a Iconografia Fotográfica de Conflitos**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2009.
- SOUGEZ, Marie-Loup. **História da Fotografia**. Lisboa: Dinalivros, 2001.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SONTAG, Susan. **Diante da Dor dos Outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TORAL, André Amaral. **Entre Retratos e Cadáveres**: a Fotografia na Guerra do Paraguai. Revista Brasileira de História. Vol. 19, N. 38. São Paulo, 1999.

VÁRIOS. **Fotografia**: Manual completo de arte e técnica. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SITES CONSULTADOS:

<http://query.nytimes.com/mem/archivefree/pdf?res=940DE1DA173FE63ABC4851DFB667838967FDE>

http://www.museumofhoaxes.com/hoax/Hoaxipedia/Moving_the_Body/

FILMES SOBRE A GUERRA DA SECESSÃO



E o Vento Levou

(EUA: 1939, 241 min.)

Diretor: [Victor Fleming](#)

Atores: [Clark Gable](#) , [Vivien Leigh](#) , [Leslie Howard](#) , [Olivia de Havilland](#) , Hattie McDaniel



A Glória de um Covarde

(EUA: 1951, 69 min.)

Diretor: [John Huston](#)

Atores: [Audie Murphy](#), [Bill Mauldin](#), [John Dierkes](#), [Royal Dano](#), [Arthur Hunnicutt](#),



Três Homens em Conflito

(Espanha/Itália: 1966, 161 min.)

Diretor: [Sergio Leone](#)

Atores: Clint Eastwood, Lee Van Cleef



O Estranho que Nós Amamos

(EUA: 1971, 105 min.)

Diretor: Don Siegel

Atores: Clint Eastwood, Geraldine Page, Elizabeth Hartman, Mae Mercer, Jo Ann Harris, Darleen Carr, Pamelyn Ferdin, Melody Thomas Scott, Peggy Drier, Patricia Mattick

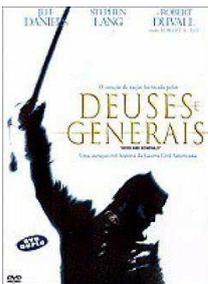


Tempo de Glória

(EUA, 1989, 110 min.)

Diretor: Edward Zwick

Atores: Denzel Washington, Morgan Freeman, Matthew Broderick, Raymond St. Jackes, Jane Alexander. 110 min., LK-Tel Vídeo/Columbia

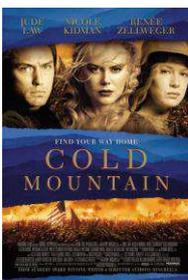


Deuses e Generais

(EUA: 2003, 219 min.)

Diretor: [Ronald F. Maxwell](#)

Atores: [Robert Duvall](#), [Stephen Lang](#), [Jeff Daniels](#), [Mira Sorvino](#), [Bruce Boxleitner](#), [Kevin Conway](#), [C. Thomas Howell](#), [Frankie R. Faison](#)



Cold Mountain

(EUA: 2003, 155 min.)

Diretor: Anthony Minghella

Atores: Jude Law, Nicole Kidman, Renée Zellweger, Jack White

SITES COM FOTOGRAFIAS COMENTADAS

<http://www.archives.gov/research/civil-war/photos/>

<http://www.sonofthesouth.net/leefoundation/battle-antietam-pictures.htm>

<http://www.civilwarphotos.net/files/photographers.htm>

<http://www.halcyon.com/treasure/virtual/civil.html>

<http://www.civilwar.net/searchphotos.asp?searchphotos=Photographers,%20Reporters%20and%20Editors>

SITES COM VÍDEOS

<http://www.youtube.com/watch?v=1YOQW1dbh6c>

<http://www.youtube.com/watch?v=JxcDLYUJndY&NR=1>

<http://www.youtube.com/watch?v=dwfeknwBm4w&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=z76LchNbCp4&feature=fvw>

<http://www.youtube.com/watch?v=DSjboURqhD4&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=XP4HzrtsBJc&feature=related>

<http://www.youtube.com/watch?v=NW51YmBjFX4&feature=related>

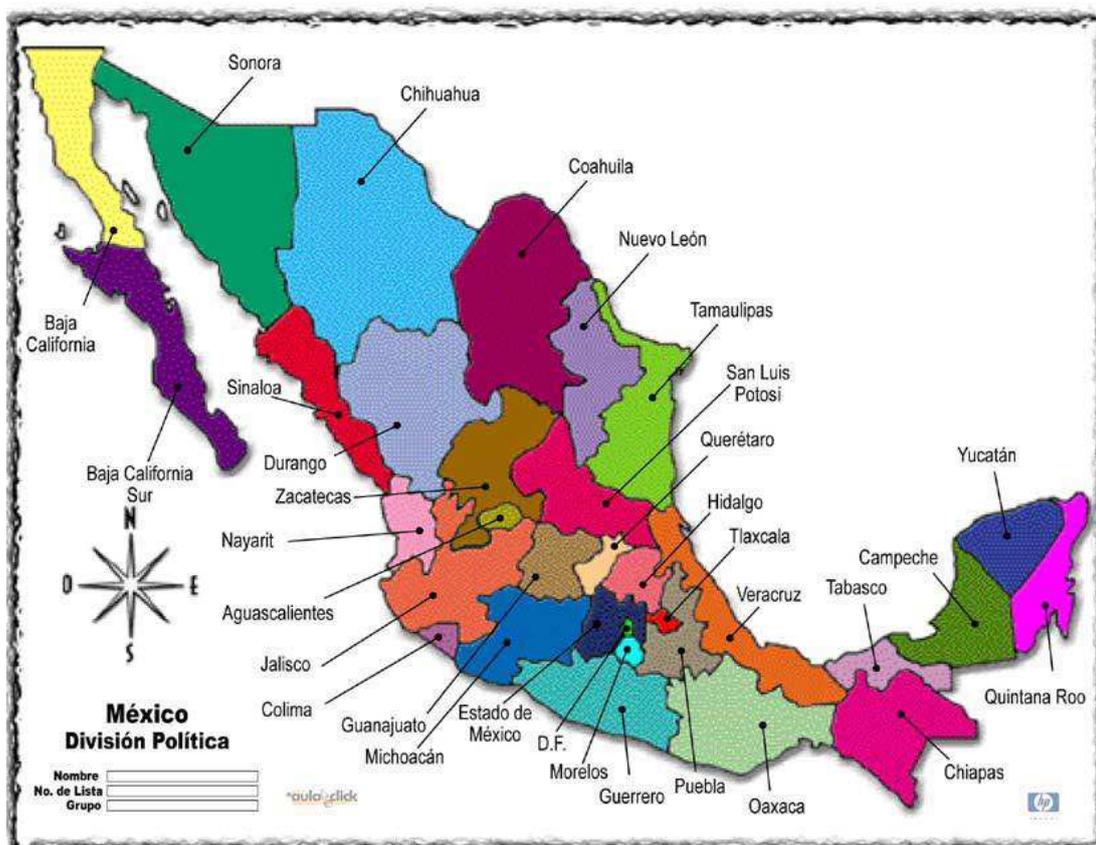
<http://www.youtube.com/watch?v=RmAdrYnf9B0&feature=related>

CEM ANOS DE REVOLUÇÃO MEXICANA

Celso Gestermeier do Nascimento¹

Introdução

A Revolução mexicana, que eclodiu em 1910 iniciou o século XX na aventura pela busca de outra realidade. Inicialmente centrada na luta contra as



Mapa 1 – O México e seus estados.

possibilidades de alternativas políticas a um presidente que completava 33 anos no poder, ela aos poucos foi se tornando muito mais importante que isso ao aglutinar

¹ Professor da Unidade Acadêmica de História e Geografia da UFCG;

não só personagens interessados em dirigir a nação no novo século, mas também outros, menos ambiciosos e mais heróicos, que viam no próprio sistema político mexicano e na modernização do país um atentado contra formas alternativas de se encarar o mundo e de se viver a vida. Falamos de figuras como Emiliano Zapata, Pancho Villa, os irmãos Flores Magón, Genovevo de la Ó, e tantos outros.

Quando em 1910 o rico empresário nortista Francisco Madero lançou sua candidatura à presidência, pensando em substituir Porfírio Díaz talvez não tivesse ciência de que seu ato marcaria a história mexicana no próximo século. Em termos políticos, dava o primeiro passo para que um partido político governasse o país por muitos anos. Ironicamente, ao exigir participação política desencadeou um processo que convergiu para um monopartidarismo, com quase “cem anos de solidão”.

Mas o problema de uma revolução, como a mexicana, é que ela se lança tão voluptuosamente à frente que não se pode freá-la mesmo que seja rumo ao abismo. Antes de deixar envolto numa pólvora e com cheiro de sangue, o velho presidente Díaz ainda teve tempo de profetizar que Madero havia liberado um tigre, o difícil seria controlá-lo. Na verdade, ele não pode controlar o tigre, acabou sendo assassinado como quase todos os personagens centrais dessa revolução, um drama que foi, ao mesmo tempo, tão mexicano e tão universal.

O problema é que no México de cem anos não eram só os liberais, os empresários, os fazendeiros “dissidentes”, os generais desprezados por Díaz que tinham algo para dizer: no meio da turba enfurecida haviam camponeses, operários, indígenas, padres, professores, mulheres, velhos e jovens que o novo México havia esquecido e que viram no discurso de Madero a possibilidade de também serem ouvidos. Daí que a revolução saiu dos trilhos, sem que o tranqüilo “homem de negócios” que era Madero pudesse perceber, pagando com a própria vida tal descuido.

Esse é o objetivo deste texto: recuperar a trajetória dos dez anos que, aproximadamente, durou a Revolução Mexicana, com um pequeno recuo para o século XIX, palco da vitória dos liberais contra os conservadores e um avanço menor ainda para o século XX do vitorioso PRI - Partido Revolucionário Institucional – na política mexicana.

Assim, acompanhar a trajetória da revolução é também apresentar ao leitor um pouco das vozes que estavam caladas há tanto tempo e que se fizeram ouvir e que continuam falando mundo afora, a partir de Quintana Roo, Oaxaca, Chiapas, Chihuahua e tantos lugares revolucionários desse México velho.

Por fim, lembremos ainda que mesmo que não fosse pela intenção de rememorar projetos alternativos de sociedade e, de mundo (ou mundos) pensar a revolução de 1910, é pensar uma causa que “quase” se tornou modelo para o continente. Tal fato não ocorreu talvez pela multifacetada ideologia revolucionária e porque, em 1917, outra revolução apresentou-se para o posto de modelo revolucionário: a russa. Durante os seus primeiros anos de lutas os revolucionários mexicanos encamparam as esperanças de toda uma América Latina que, guardadas suas óbvias diferenças regionais, também tinha milhões de bocas amordaçadas.

O conturbado século XIX: Benito Juarez

O período político que se iniciou com a independência mexicana em 1821 foi marcado pela disputa pelo poder entre conservadores e liberais. Entre os anos de 1821 e 1850 o país teve 50 governos, dos quais 11 vezes foi exercido pelo general Antonio de Santa Anna, sendo que a década de 1850 foi marcada pelas “Guerras de Reforma” e pela importância da figura do liberal Benito Juarez, homem do campo, de origem indígena e educado em seminário. O auge da luta entre liberais e conservadores deu-se em 1858 e corporificou-se na promulgação das “Leis de Reforma”:

Don Benito Juárez la concreta en leyes, en media docena de disposiciones llamadas “Leys de Reforma” que estatuyen (julio de 1859) la nacionalización de los bienes eclesiásticos, el cierre de convento, el matrimonio y el registro civiles, la secularización de los cementerios y la supresión de muchas fiestas religiosas. (VILLEGAS et al.1977, p.111)

O ataque à Igreja católica foi um elemento fundamental no pensamento liberal mexicano:

Na tentativa de enfraquecer o poder da Igreja, aprovaram (os liberais) primeiro uma série de leis reformistas e, mais tarde, a Constituição de 1857. O catolicismo deixou de ser a religião oficial do Estado. Os tribunais eclesiásticos perderam grande parte de sua jurisdição. Os casamentos podiam ser realizados por um ato civil. O clero podia ser julgado por tribunais civis. As terras da Igreja foram colocadas à venda.

[...] Com a adoção da Lei Lerdo em 1856, os liberais lançaram uma investida total contra a Igreja e contra as aldeias comunais. A nova lei proibiu que as instituições eclesiásticas possuíssem ou administrassem propriedades, a não ser aquelas com finalidade exclusivamente religiosas, e estendeu essa proibição às instituições civis. Com isso, aboliu a posse comunal da terra. As grandes propriedades das comunidades foram vendidas. Doravante, somente os agricultores individuais ou as companhias privadas tinham direito a possuir terra. (KATZ,2008,p. 23-24)

A indignação liberal pode ser vista nos versos de Ignacio Ramirez:

Guerra sin tregua ni descanso, guerra
A nuestros enemigos, hasta el día
En que su raza detestable, impía
No halle ni tumba en la indignada tierra.
(VILLEGAS et all.1977, p.111)

Os conservadores – chamados pejorativamente de “caranguejos” pelos liberais – preferiram aliar-se à autoridade francesa de Napoleão III a entregar o poder aos liberais. Suas principais idéias podem ser assim resumidas:

Su ideario lo sintetizó Alamán en siete puntos: 1° Queremos “conservar la religión católica... sostener el culto con esplendor...impedir por la autoridad pública la circulación de obras impías e inmorales”. 2° “Deseamos que el gobierno tenga la fuerza necesaria..., aunque sujeto a principios decididos contra el régimen federal, contra el sistema representativo por el orden de elecciones...y contra todo lo que se llama elección popular...”4° “Creemos necesario una nueva división territorial que confunda la actual forma de Estados y facilite la buena administración.” 5° “Pensamos que debe de haber una fuerza armada en número suficiente para las necesidades del país.” 6° “No queremos más congresos...sólo algunos consejeros planificadores.” 7° “Perdidos somos sin remedio si la Europa no viene pronto en nuestro auxilio.” (VILLEGAS et all.1977, p.105)

A mobilização liberal e a destacável atuação de Benito Juarez - que percorreu o interior do país numa carruagem cheia de mapas e documentos - valeu o crescimento de seu prestígio político com a expulsão dos franceses e o fuzilamento de Maximiliano de

Habsburgo, que governou o país de 1864 a 1867. Tal período, de 1867 a 1911, ficou conhecido como “A República Restaurada”:

Em seu escritório sobre rodas, Juárez converteu-se na própria encarnação da fatalidade indígena, da legalidade romana e do estoicismo hispânico. Quis transformar em realidade os sonhos de Simón Bolívar e José de San Martín: instituições fortes, não homens fortes; supremacia do governo civil, em que ninguém se encontre acima da lei. Mas imaginemos, uma vez mais, os sentimentos desse homem, um menino pastor indígena, depois um advogado formado nos ideais da Revolução Francesa, vendo subitamente essa mesma civilização voltar-se contra ele e negar ao México o direito à independência. Imaginemos também a vontade de Juárez, sem outro escritório além da carruagem, tendo em vista a defesa do México a qualquer preço, e a instauração do princípio pelo qual nenhuma potência estrangeira tinha o direito de determinar o governo de uma nação latino-americana. (FUENTES,2001, p.273)

No período de 1868 até 1872, Benito Juárez ocupou o centro do poder político mexicano. Conhecido como “o açoite da Igreja”, pelo fato de ter sido educado em um seminário e tornar-se um político anti-clerical, deu início a um projeto de “fundação moderna” para o país, tendo como modelo os Estados Unidos. Seus inimigos preferenciais foram a Igreja Católica, o Exército, as aldeias comunais e o caciquismo regional, antíteses da modernidade.



Figura 1 - Benito Juárez

Portanto, era fundamental para o novo país a estabilidade política, o que seria ótimo para os negócios e, de fato, Juárez conseguiu algumas vitórias em seu projeto, ao derrubar Maximiliano, enfraquecer a Igreja, a propriedade comunal indígena, substituir o antigo Exército conservador e diminuir sua importância na política mexicana. Na realidade suas ações não chegaram a produzir o resultado esperado, na medida em que as terras da Igreja Católica confiscadas pelo Estado foram parar nas mãos dos “hacendados” – latifundiários – não contribuindo para a formação da pequena propriedade, a criação de um Exército mais liberal acabou propiciando maior autonomia e poder às províncias, em detrimento do poder central, a classe média pouco conseguiu crescer e a economia mexicana acabou arrasada devido aos anos de guerra contra a França, o que levou Juárez a não reconhecer as dívidas

contraídas na Europa por Maximiliano e atrair contra si os países europeus prejudicados.

Nesse contexto, o Partido Liberal Mexicano, agremiação política composta majoritariamente por grandes fazendeiros dissidentes e setores da incipiente classe média tornou-se incapaz de proporcionar a organização de uma burguesia mexicana. Sob a bandeira da educação pública e da defesa da liberdade de imprensa – elementos fundamentais para atrair os setores liberais da sociedade – o juarismo procurou conciliar-se com a elite para poder governar, tornando-se incapaz de atenuar as tensões no campo por não ter realizado a distribuição de terras e, ao contrário, propiciou uma nova acumulação de riquezas pela Igreja, fortalecendo os “hacendados” e entregando-lhes os camponeses sob o domínio da “peonaje”². Com sua morte, em 17/07/1872, a cena política mexicana seria ocupada com mãos de ferro por Porfírio Díaz.

O conturbado século XIX: Porfírio Díaz.



Figura 2 - Porfírio Díaz

O general Porfírio Díaz, antigo aliado de batalhas de Benito Juárez, chegou ao poder após um golpe contra o então presidente Lerdo de Tejada, em 1877 e dirigiu o país por 33 anos, com base num “sistema de privilégios que beneficiava em especial os grandes proprietários, mas também contemplava os grandes homens de negócios, industriais, banqueiros e comerciantes, nacionais ou estrangeiros” (BRUIT:1988, p. 16).

Isso significou, na prática, um grande desenvolvimento econômico para o México, dentro dos princípios do sistema capitalista:

² “Peonaje” é uma forma de exploração de mão-de-obra urbano no interior mexicano, em particular no norte. Trata-se da contratação de um “peón” que, ao perder suas terras vê-se obrigado a trabalhar nas terras do fazendeiro do “peón” e comprar na “tienda de raya” – armazém da fazenda - onde se endivida, transmitindo tal dívida a seus filhos. Há dois tipos de peón: o “acasillado”, que reside na “hacienda” ou “de tarea” que pode ser contratado para tarefas específicas.

Em 1900, a classe dominante representava 0,6% da população total, estimada em pouco menos de 15 milhões de habitantes; a classe média 8,3%, e a classe popular, 91%.

A ditadura conseguiu, de fato, dar ao país um vigoroso impulso na direção do desenvolvimento capitalista. Em 1910, os investimentos estrangeiros somavam 1,2 bilhão de dólares, aplicados na indústria extrativa, especialmente a do petróleo, e em ferrovias, produção de energia elétrica, agricultura e criação de gado bovino de corte para exportação. Houve, então, aumento na capacidade de importação, assim como nas receitas fiscais e no número de empregos. Modernizaram-se os sistemas produtivos e, em conseqüência, a produção nacional cresceu 15% a preços constantes. (BRUIT,1988, p. 16)

Esse processo caracterizou-se por uma concentração fundiária nas mãos de grandes “haciendas”, dado o incentivo à produção agrícola voltada para a exportação cujo exemplo mais nítido talvez seja o estado de Morelos, onde as “haciendas” realizaram um imenso e violento processo de expropriação de terras comunais – chamadas “ejidos”³ – dos povoados. Também no norte do país, muitas terras foram expropriadas por companhias de agrimensura, para instalação de mineradoras, ferrovias ou para implantação de projetos de imigração européia, afetando “rancheros” que se depauperaram. E, para completar o quadro, a industrialização ia produzindo uma classe operária explorada e miserável, já que os empresários adotavam nas cidades o mesmo sistema tirânico de exploração de mão-de-obra que caracterizava o meio rural mexicano.

Após mais de 30 anos como a figura política mais importante do cenário mexicano, o general Porfírio Díaz assistiu ao nascimento de um movimento anti-reelecionista que evoluiu para uma revolução social que tirou a vida de quase um milhão e meio de mexicanos. Até então governando sem muita oposição, com o apoio dos “científicos”⁴ – a “pax porfiriana” – o que teria produzido esse novo cenário político da vida mexicana?

Para o autor Katz (2008), os primeiros dez anos do século XX foram marcantes para o México, o que veio a contribuir para o crescimento do descontentamento com Porfírio Díaz. O novo século inseriu o México no contexto econômico mundial, tornando mais complexa sua economia ao torná-la cada vez mais atraente para o capital estrangeiro, produzindo o conseqüente aumento de preços e desvalorização dos salários,

³ “Ejidos” são campos comuns a todos os habitantes de um povoado, segundo Boyd (1968)

⁴ “Científicos” eram como eram conhecidos os integrantes do grupo de governo de Porfírio Díaz, devido à crença no pensamento positivista e valorização da ciência como solução contra o atraso.

fato agravado pela crise econômica de 1907 e 1908 enfrentada pelos Estados Unidos, cujas ondas reverberaram no país vizinho.

Somando-se a tal crise econômica – que forçou o retorno de trabalhadores mexicanos desempregados dos USA – houve também uma forte crise agrícola que atingiu os bancos, produzindo a restrição nos créditos, aumento de juros e pressão para pagamento de empréstimos contraídos:

Em algumas partes choveu mais do que o necessário, e em outras, menos. Ocorreram também tremores de terra nefastos e terríveis geadas. A produção de milho, já insuficiente, caiu ainda mais. A escassez do feijão e tortillas de milho provocou uma situação crítica no campo, não tão grave, talvez, quanto a de quinze anos antes, mas ainda assim num momento em que qualquer perturbação provocava uma grande irritação. No biênio 1908-1909, o valor anual do produto industrial estagnara em 419 milhões de pesos, o setor manufatureiro caíra de 206 milhões para 188 milhões. Os setores de mineração e metalúrgico cresceram ligeiramente em volume, mas não em preço. Os metais preciosos, especialmente a prata, desvalorizaram-se... O mesmo aconteceu com os metais industriais, com exceção do ferro. A produção de zinco, tão importante em 1906-1907, desmoronou... Muitas mercadorias eram estocadas por falta de compradores. A demanda interna e a externa enfraqueceram e as importações caíram tanto em valor quanto em volume. O preço das exportações caiu 8 por cento. A balança comercial foi negativa em 1908. A crise econômica afetou mais severamente, como de costume, os mais pobres. A deterioração da qualidade de vida intensificou o descontentamento social, que já era forte antes da crise. O país estava maduro para o tumulto.

1908 foi também um mau ano para as relações com os Estados Unidos porque nesse ano foi criada a companhia petrolífera El Águila, com um exagero de privilégios e apoios oficiais, empresa negociada pelo governo porfirista com o truste de Weetman Pearson, posteriormente conhecido como Lorde Cowdray, da qual um dos principais acionistas era o próprio filho de Diaz. Esta foi a mais alta expressão do projeto de aliança com o capital europeu, britânico neste caso, que os porfiristas julgaram necessário para conter a dominação dos interesses norte-americanos no México. (Luiz Gonzales apud CAMÍN & MEYER: 2000, p.28)

Complementam os autores com a afirmação que os interesses norte-americanos estavam sendo prejudicados em detrimento de companhias britânicas, em particular no setor minerador e de extração de petróleo. Assim, podemos vislunbrar um perfil da sociedade mexicana no governo Porfírio Diaz:

Nos pontos terminais, os entroncamentos ferroviários e as regiões intermediárias que a ferrovia tocava, a outra sociedade se desenvolveu:

minas, *gringos* e emigrações maciças; cidades que cresciam a uma velocidade vertiginosa, consulados e proprietários estrangeiros, usurpações, greves, monopolistas, aventureiros, grandes armazéns, mulheres espartilhadas, *gringos* e cassinos. Uma classe média sem futuro garantido, uma incipiente classe operária, uma população flutuante atraída como que por um imã para a fronteira; comunidades camponesas abaladas em seu ritmo secular, modernos proprietários rurais e patriarcas rurais confrontados pelo progresso, retirados para as velhas casas de suas *haciendas*, famílias que durante décadas tinham tecido a história regional com seus caprichos e interesses e agora sentiam-se anacrônicas e adavam seu rancor. ((CAMÍN & MEYER: 2000, p.32)

Assim, a “Pax Porfiriana” começou a desmoronar: se durante o século XIX Díaz havia conseguido controlar os interesses – pouco divergentes – com uma política extremamente personalista, no amanhecer do século XX a sociedade mexicana era mais complexa, o que dificultou cada vez mais sua continuidade no poder. Algumas razões mais imediatas podem ser apontadas:

Uma questão importante foi o conflito de gerações, pois o porfiriato não permitiu a participação de outros senão os “científicos” e amigos do presidente, sob o lema “pouca política, muita administração”, o país continuou com muitos problemas internos, ao passo que o desenvolvimento econômico era obtido a um custo social expressivo: embora mirando um futuro desenvolvido, o país se transformou numa “panela de pressão social”.

Ironicamente, outro motivo de desequilíbrio político deu-se exatamente por ações dos “científicos” pois, para a elite mexicana – assim como para investidores estrangeiros – a avançada idade do presidente deixava entrever uma possível crise política. Interessava a esses setores que o velho general indicasse seu sucessor político para uma possível transição política tranqüila após sua morte. Entretanto, a pressão e o próprio personalismo de Díaz dificultaram sobremaneira esse processo, ao mesmo tempo em que gerou muitos descontentamentos entre os preteridos por Díaz, como o general Bernardo Reyes, que não só foi rejeitado como também obrigado a viajar para o exterior.

Dessa forma, no norte do país a insatisfação cresceu passo a passo, unindo classes aparentemente antagônicas, como trabalhadores das indústrias, “*hacendados*”, classes médias, peões, todos afetados pelas crises de 1907 e 1908 e inconformados com

a ineficácia do governo. Por outro lado, ao sul – em particular em Morelos – Díaz parece tomar claramente o partido dos produtores de açúcar que vinham expropriando terras das comunidades indígenas ao empossar o “hacendado” Pablo Escandón no governo.

Desnecessário dizer que os que mais sofreram foram as classes baixas e médias, mas também a segmentos das classes altas que não pertenciam ao círculo de amigos pessoais do presidente. Ou seja, para Díaz, como a economia deveria ser deixada “livre” – princípio do “*laissez-faire*” – o peso da crise caiu sobre os ombros dos mais desprotegidos, embora Katz (2008) nos diga que, mesmo que pensasse em intervir na economia, o governo não teria como fazê-lo devido à pouca arrecadação tributária da época.

É nesse contexto em que também observamos importantes atuações das classes trabalhadoras, em processo de organização. Levantando a bandeira do nacionalismo sob influência do anarcossindicalismo – como veremos a seguir – podemos citar as seguintes greves:

1906: Indústria Têxtil Rio Blanco (Veracruz).

1907: Mineração Cananea (Sonora).

1908: Ferroviários de Chihuahua.

A defesa do nacionalismo justificava-se na medida em que havia nesses movimentos uma rejeição com relação a trabalhadores norte-americanos cujos salários e condições de vida e moradia eram superiores aos trabalhadores mexicanos. Ou seja, a questão trabalhista aqui estava associada ao racismo praticado contra mexicanos dentro do próprio México, em especial em estados setentrionais nos quais muitas empresas mineradoras eram de proprietários norte-americanos. Tal questão pode ser vista a partir das próprias histórias populares, como a seguinte citada por Villa (1984):

_Você é americano?
 _Sim, senhor.
 _Aproxime-se e sente-se. O que são rodas?
 _São umas coisas redondas.
 _Onde se coloca carvão?
 _Na fornalha.
 _Para onde vão as rodas?

_ Para frente.
_ É suficiente, você pode ser maquinista.

_ Quem é você?
_ Mexicano.
_ Oh! Vocês vivem atrapalhando. Você sabe inglês?
_ Não, senhor.

_ Que quantidade de combustível consumirá uma locomotiva correndo a doze léguas por hora e subindo uma encosta de 3% em pressão de 100 libras? Qual será o número de calorías desenvolvidas? Qual é o consumo de água e azeites? Qual é a ficção sobre os trilhos? Qual é o trabalho dos discos e qual é o número de voltas das rodas? Qual é a quantidade de vapor consumida numa subida de 4% a duas léguas de longitude?

_ Senhor, não sei, porque me pergunta muitas coisas e de uma só vez.

_ Ah! Mexicanos não sabem nada! Você é muito burro, precisa de muitas patadas. Você não serve para maquinista. Você só serve para *garrotero*, num trem de carga. (VILLA, 1984, p. 75)

Assim, a repressão brutal empreendida por Díaz contra essas greves leva também a mobilização de intelectuais – muitos agora agrupados na sigla do PLM – a acusá-lo de defender os interesses do país vizinho, favorecendo a penetração de seu capital na região nortista, dentro da política da ‘diplomacia do dólar’ e alimentou temores de invasão, já que a Guerra pelo Texas ainda era uma lembrança recente. Aqui encontramos, portanto, um forte elemento da oposição ao presidente, no contexto de uma luta de classes, aliado ao sentimento nacionalista.⁵ Vale a pena refletir sobre isso:

O anarquismo magonista



Figura 3 - Ricardo Flores Magón

Segundo o autor Alexandre Samis (2003) a chegada do anarquista grego Plotino Rhodakanaty ao México em 1861 foi de fundamental importância para a formação do pensamento dos irmãos Flores Magón, em especial Ricardo. Seu primeiro intento foi fundar a agremiação anarquista La Social, com a finalidade de “Desfazer os laços existentes entre o Estado e o sistema econômico, a reorganização da propriedade, a abolição da política e dos partidos políticos, bem como a destruição completa do sistema feudal.

⁵ O curioso é que, segundo Katz (2008), apesar de ser criticado como pró-USA, na verdade Díaz procurava diminuir a dependência mexicana com esse país, aproximando-se de empresas inglesas. Ou seja, ao mesmo tempo em que é criticado por nacionalistas mexicanos, também desagradava a empresários norte-americanos.

(SAMIS: 2003, p. 14)

As ações do anarquista grego levaram à formação de Associações de Socorro Mútuo, comunidades agrícolas e escolas para camponeses, além do primeiro jornal anarquista mexicano, o *La Comuna*, de 1874. Desconsolado, Rhodakanaty retornou à Europa em 1886, deixando no país as sementes necessárias ao desenvolvimento do pensamento anarquista de Ricardo Flores Magón.

É necessário acrescentar que a visão anarquista da criminosa propriedade particular casou-se muito bem com a visão das comunidades indígenas mexicanas, desejosas de recuperar suas propriedades comunais. O século XIX mexicano, marcado pela independência política em 1821 é também o lugar de um brutal processo de expropriação das propriedades comunais indígenas em nome da criação de um moderno estado nacional mexicano, discurso que atingiu seu ápice com o porfiriato. Dessa forma, os irmãos Flores Magón fundam em 1900 o jornal anarquista *Regeneración* e, posteriormente, o Partido Liberal Mexicano.

Data de 1906 o “Manifesto à Nação Mexicana”, documento no qual o PLM expunha suas principais idéias, mostrando todo seu radicalismo, ao pregar o fim da propriedade privada, gérmen da luta entre os homens, pois para usufruí-la em proveito próprio que “os mais astutos, os mais egoístas, os menos escrupulosos, os mais duros de coração (...) (MAGÓN, 2003, p.91) vencem essa competição. Daí, segundo Magón é que surgem o governo e a Igreja, com a finalidade de ajudar a manter a propriedade privada. Dessa forma, foi lançada a bandeira do Partido Liberal Mexicano, liberal em aparência e profundamente anarquista em sua origem, ao propor que todos exerçam o trabalho útil, em prol da comunidade e não do usufruto individual dos patrões. É assim que os diferentes generais que lutam pelo poder não diferem muito para Magón:

Contra o Capital, a Autoridade e o Clero, o Partido Liberal Mexicano tem arvorada a bandeira vermelha nos campos da ação n o México, onde nossos irmãos lutam como leões, disputando a vitória com as hostes da burguesia, isto é, maderistas, reyistas, vazquistas, “científicos” e tantas outras cujo único propósito é elevar um homem à primeira magistratura do país, para fazer negócio à sua sombra, sem nenhuma consideração por toda a massa da população do México, e todas elas reconhecendo, como sagrado, o direito de propriedade individual. (Magón, 2003, p.93)

Assim, a trajetória política de Ricardo Flores Magón levou-o a conflitos constantes com o poder instituído no México, não apenas contra Porfírio Díaz, mas também com seus sucessores, já que suas idéias criticavam o próprio rumo burguês que a revolução estava tomando. Ou seja, Magón percebe claramente os rumos que a oposição a Porfírio Díaz – com Francisco Madero, sobretudo – rumo a uma revolução burguesa cujo diagnóstico é claro em seu pensamento:

Nenhuma revolução seriamente com a Igualdade; a Igualdade é a base da Liberdade e da Fraternidade. A igualdade perante a lei, que foi a conquista da Revolução Francesa, é uma mentira que a consciência moderna rechaça indignada. As revoluções foram incêndios superficiais. Podem ter ardido as árvores de um bosque, mas as raízes ficaram intactas. Igualmente as revoluções foram superficiais, não foram até a raiz dos males sociais, não escavaram a carne enferma até chegar à origem da chaga, e por isso os chamados chefes foram os culpados. (MAGÓN, 2003, p.60).⁶

Para o autor Samis (2003) é a partir do anarquismo de Flores Magón que se organizaram as idéias do zapatismo, num casamento perfeito entre as teses anarquistas do fim da propriedade privada e a defesa intransigente da tradição indígena da propriedade comunal:

As idéias de Magón, muito depressa, passaram a ser divulgadas, associando-se a elas, segundo Ángel Capelletti, o grito revolucionário de *Tierra y Libertad*. O referido lema teria sido entoado primeiro pelo poeta e militante anarquista Praxedis Guerrero e depois disseminado pelos magonistas. Entretanto, foi Soto y Gama, um magonista muito próximo a Emiliano Zapata, que viria a popularizá-lo junto ao exército revolucionário zapatista. (MAGÓN, 2003, p. 19)

Tal associação não pareceu incoerente ao anarquista que, ao usar a metáfora do arco-íris – recorrente hoje em dia – reconheceu que uma nova ordem mundial pautada pela abolição da propriedade privada só podia ser realizada com a convergência de muitos mundos, incluindo o indígena mexicano.

⁶ Outro evento digno de nota foi a criação da “República Socialista da Baixa Califórnia” em 30/01/1911, pelos irmãos Magón.

Assim, embora Magón tenha sido assassinado numa prisão dos Estados Unidos – para onde teve de se exilar devido a perseguições políticas – em 21/11/1922, suas idéias fizeram uma interessante ligação entre o pensamento anarquista e as tradições indígenas mexicanas, no tocante à defesa das terras comunitárias e, assim, ajudaram a colocar em xeque o projeto burguês “modernizante” que seria levado adiante por todo o século XX mexicano, pelos que efetivamente tornaram-se “padrinhos” do ideário revolucionário.

A reeleição detona o maderismo

Francisco Madero, político do norte do México vem à tona no cenário político mexicano quando se apresenta como uma opção política contra o continuísmo de Porfírio Díaz, com o seu Plan de San Luis Potosi. Sua ascensão política precisa ser entendida dentro desse contexto:



Figura 4 – Francisco Madero

Os filhos e netos dos caciques juaristas, rebentos ansioso de famílias de renome, tentavam agora redirecionar o curso dos fatos e abrir caminho para um novo período de dominação, ou, pelo menos, para uma participação subordinada nos negócios locais e nacionais.

Mas em vez de oportunidades encontraram vias fechadas, dinastias porfirianas e redes que estavam começando a se perpetuar no poder e a servir de parceiros ou intermediários de investidores estrangeiros, transformando territórios, cidades e mercados. A consolidação dessas oligarquias regionais nos Estados nortistas empurrou muitos desses baluartes de famílias ilustres para a oposição.

Franciso I. Madero foi uma personificação perfeita dessa história de afrontas e rejeições que a nova geração das velhas árvores patriarcais vivera durante o porfiriato. (CAMÍN & MEYER: 2000, p.26)

Em 25 de maio de 1911, Díaz renuncia e embarca para o exílio na Europa ao passo que, no mês seguinte, Francisco Madero entra vitorioso na cidade do México. No entanto, ele havia criado muitas expectativas de mudanças durante o período revolucionário e, uma vez assumindo a presidência – foi eleito em outubro de 1911 – procura conciliar os interesses daqueles que o apoiaram durante a revolução – embora não realizasse as tão desejadas reformas sociais – e os que o combateram por estarem na defesa de Porfírio Díaz. Tal postura vacilante acabaria por descontentar a ambos os

lados que não se sentiam atendidos pelo novo governo e, aos poucos, nele perderam a confiança. E isso sem levar em conta a opção de Madero de desmobilizar os revolucionários – o que descontentou principalmente os zapatistas ainda sem terras – e recompor o Exército Nacional, com muitos ex-porfiristas em seu interior, o que seria seu grande erro:

Os revolucionários tomaram posse na cidade do México e trocaram os casacos de caqui por sobrecasacas. Mas em Morelos a guerra continuava. Dois partidos revolucionários ir-se-iam disputa ao longo de todo o período de mandato de Madero a fim de decidir que tipo de revolução haveria. O objectivo dos revolucionários legalistas foi bem claro desde o início: confiando no apoio dos seus protectores da capital, pretendiam introduzir na legislação reformas populares. A partir de 15 de dezembro, data em que o Plano de Ayala foi publicado no *Diario del Hogar*, também o objectivo dos revolucionários rebeldes passou a ser claro. Ambas as partes em conflito se esforçavam por conseguir uma mudança popular, mas viviam em mundos totalmente diferentes, tendo também sofrido alteração ao longo de todo esse conflito. (WOOMACK JR., p. 121)

Assim, Madero aos poucos deixou para trás antigos aliados, como Pascual Orozco (de Chihuahua) e Emiliano Zapata (de Morelos) – unidos pelo Plan d’Ayala. Ao estourar a revolta orozquista, Madero desesperado recorreu à reconhecida capacidade militar do general ex-porfirista Victoriano Huerta, que conseguiu derrotar os principais inimigos de Madero: Pascual Orozco, Bernardo Reyes e Félix Dias (sobrinho de Porfírio).

No entanto, tal vitória custou muito cara a Madero: enquanto o prestígio de Huerta crescia no Exército por causa das vitórias militares, o seu prestígio político decaiu, corporificado numa verdadeira campanha na imprensa contra ele, retratado como incompetente, despótico, indeciso etc.⁷

Dessa forma, Madero aglutinou muitas críticas contra o seu governo, no Congresso Nacional, na opinião pública, no Exército e também entre os zapatistas, na medida em que retarda o processo de devolução de terras comunais – “ejidos” – condição central para os rebeldes morelenses. Outro erro fatal foi o fato de tentar a

⁷ Campanha essa que parecia também perturbar os representantes norte-americanos.

desmobilização das tropas zapatistas, enquanto Huerta preparava um ataque a Morelos. Assim, em 18/02/1913 ele é assassinado, junto com seu vice-presidente, Pino Suárez.

Huerta: um novo ditador

Imediatamente o governo do México passou às mãos de Victoriano Huerta, que deu início a uma sangrenta campanha contra os ex-maderistas por todo o território nacional, na qual centenas de pessoas foram assassinadas. Era de se esperar que o governo Huerta se aproximasse também de figuras ligadas ao porfirismo, ao capital estrangeiro, latifundiários e militares, o que o colocou em rota de colisão com muitos dos antigos revolucionários que haviam apoiado Madero.



Figura 5 - Victoriano Huerta

Entre os principais inimigos de Huerta poderíamos citar Pancho Villa, antigo fervoroso maderista que alimentava desejos de vingança pessoal contra ele ⁸ e passa a ter no estado nortista de Chihuahua sua base de comando. Outro opositor de Huerta surgirá no estado de Sonora: Álvaro Obregón. Nesse estado, segundo os autores Camín & Meyer (2000), articulam-se homens que entravam em choque com os privilégios de antigas oligarquias locais que as privavam de uma ascensão social. Segundo os autores:

Se não tivesse havido a Revolução, nenhum desses homens teria deixado de triunfar como gerentes, comerciantes e agricultores, mas nenhum também teria encontrado o caminho livre para alcançar – além da proeminência política – o *status* econômico e social da oligarquia porfiriana, a cujo afastamento e emulação eles se dedicaram desde os cargos e recursos que a Revolução lhes facilitou. Com o tempo, tanto em seus cargos como em suas empresas, o único projeto social consistente desses setores médios será a expulsão da velha oligarquia de latifundiários e empresários. (CAMÍN & MEYER: 2000, p.60).

É dentre esse grupo de anti-huertistas que haverá de se destacar o gênio militar Álvaro Obregón e, no nordeste mexicano, a figura de Venustiano Carranza:

⁸ Villa tinha sido condenado ao fuzilamento por Huerta e foi salvo por Madero, pouco antes da execução, o que o levou a sentir uma imensa devoção pelo presidente, até sua morte.

aliado do general Pablo Gonzáles, ele surgiu como um líder a lutar pela democracia constitucional, tendo como projeto chegar à presidência.

Não nos esqueçamos também que os zapatistas estendem seus domínios desde o sul até o centro do país, radicalizando cada vez mais o movimento em torno do Plan d' Ayala.

Estava assim formada a “Revolução Constitucionalista” que levou Huerta a renunciar em agosto de 1914. Entretanto, realizar uma coalizão entre os vários vencedores foi uma difícil tarefa, a começar pelas próprias diferenças de projetos políticos entre eles e pela desconfiança que os grupos de Villa e Zapata nutriam contra Obregón e Carranza, e vice-versa. Segundo Camín & Meyer (2000):

O coração agrário do zapatismo, com sua carga indígena e colonial e sua marca do velho México, pouco ou nada tinha a dizer ao Norte laico e empreendedor, brando, pecuarista, consumidor de trigo, para quem as demandas comunais, se algo recordavam, era a guerra contra os índios yaquis e mayas. Menos ainda tinha a dizer à oficialidade caudilhesca dos exércitos nortistas, filha das classes médias semi-rurais e semi-urbanas que o apogeu do Norte produzia nas últimas décadas da pax porfiriana. (CAMÍN & MEYER: 2000, p.68)

Dessa forma, no quadro político mexicano já se podia esperar uma divisão dentro da própria Revolução:

De fato, depois do assassinato de Madero, duas tendências políticas, duas forças antagônicas postaram-se frente a frente: a liberal-burguesa e a revolução popular. A primeira – que acabou triunfando pelas armas – em termos de desenvolvimento sócio-econômico não se diferenciava em nada do projeto porfirista, pois, como este, tratava de promover o desenvolvimentismo capitalista; por outro lado a segunda – comandada pelos camponeses e despojada de teorias políticas sofisticadas e projetos de longo alcance – alimentava-se da experiência secular dos homens do campo. Para esses homens, práticos e simples, cujo bom senso era inseparável da disciplina imposta pela natureza, que se conheciam por gerações e acostumados a dialogar para resolver de comum acordo os problemas, tudo começava no município ou povoado. Esta era a célula política principal, básica, a partir da qual se deveria construir o edifício político nacional. (BRUIT, 1988, p.26)

Aqui, cumpre-nos comentar os projetos populares que desfilaram pelo México:

Emiliano Zapata

Emiliano Zapata nasceu em 08/08/1879 na vila de San Miguel de Anenecuilco⁹ que, como o próprio nome indica, tinha no rio Cuautla um importante elemento de irrigação dos campos. Os Zapata podiam ser vistos historicamente como tendo participado de muitas lutas: Emiliano teve um avô que lutou pela independência e dois tios que lutaram pelas Leis de Reforma de Juarez.

A primeira referência que nos apresenta Boyd (1968) acerca da região é do ano 603 quando os toltecas passaram por Cuahunáhuac (atual Cuernavaca). Já com relação a Anenecuilco diz o autor que já era relatada no século XIV.

Os Zapata eram uma famílias de rancheiros – uma espécie de “classe média rural” -, Emiliano aprendeu a lidar com cavalos, atividade que o faria famoso na região. Perdendo os pais aos 16 anos de idade, cresceu com a visão das injustiças das “haciendas” que tomavam as terras das aldeias¹⁰, conforme nos diz Boyd (1968, p. 17):



Figura 6 - Emiliano Zapata

Como Anenecuilco fora um *calpulli* pré-colonial, anterior à conquista, suas terras deveriam haver sido respeitadas. Desgraçadamente não foi assim. A fazenda Hospital começou, a oeste, a ultrapassar os limites de suas terras; seguiu-se a de Coahuila, a sudeste. Não fosse a heróica resistência dos aldeões, Anenecuilco seria inteiramente engolida pelas vorazes fazendas circundantes, que fizeram todo o possível por eliminar os representantes da aldeia. De fato, conseguiu salvar-se da destruição total que aconteceu às três aldeias vizinhas de Oliantepec, Xochimilcatzingo e Ahuehuepan. Isso nos dá uma idéia da fortaleza, coragem e capacidade de resistência que havia nesses índios de Anenecuilco e nos ajuda a melhor compreender a linhagem de Emiliano Zapata.

Em fins do século XIX, Emiliano já era conhecido por seus atritos com a polícia em defesa dos “ejidos”, tendo sido até forçado a prestar serviço militar. Dessa forma, não foi surpresa quando em 1909 ele foi escolhido para o cargo de calpuleque (ou chinancaleque), que tomava conta das terras de sua comunidade e guardião de seus

⁹ Anenecuilco significa, curiosamente, “onde as águas rolam brincalhonas”.

¹⁰ Em 1906 já atuava em reuniões na vila de Cuautla.

documentos de posse¹¹. É nesse momento em que supostamente Zapata trava contato com Flores Magón:

Disponha a Junta de Defesa de alguns outros conselheiros, entre os quais Ricardo Flores Magón, que exercia grande influência sobre Zapata, e o jornalista Paulino Martínez. A conselho destes, assim como do mestre escola da Vila de Ayala – Otilio Montañón – Zapata chegou à conclusão de que devia desempenhar um papel ativo na incipiente campanha eleitoral, apoiando a candidatura do engenheiro patricio Leyva. (BOYD, 1968, p. 18)

Tais eleições foram fraudadas e Díaz empossou o fazendeiro Pablo Escandón e, ao estourar a revolução Zapata não demorou a pegar em armas:

É uma história estranha. É a história de uns camponeses que não queriam mudar nada e que, por isso mesmo, fizeram uma revolução. A única coisa que eles queriam era ficar em suas aldeias, nos lugares onde eles e seus antepassados tinham vivido durante anos e anos. (NEPOMUCENO, 1982, p. 15)

No decorrer da revolução, quando a derrota de Díaz se confirmou, aos poucos foi ficando claro para Zapata que Madero não respeitaria o seu Plan d'Ayala que, em seus antigos centrais rezava o seguinte:

6°. Como parte adicional del plan que invocamos, hacemos constar: que los terrenos, montes y aguas que hayan usurpado los hacendados, científicos o caciques a la sombra de la justicia venal, entrarán en posesión de esos bienes inmuebles desde luego, los pueblos o ciudadanos que tengan sus títulos, correspondientes a esas propiedades, de las cuales han sido despojados por mala fe de nuestros opresores, manteniendo a todo trance, con las armas en las manos, la mencionada posesión, y los usurpadores que se consideren con derechos a ellos, lo deducirán ante los tribunales especiales que se establezcan al triunfo de la Revolución.

7°. En virtud de que la inmensa mayoría de los pueblos y ciudadanos mexicanos no són mas dueños que del terreno que pisan sin poder mejorar en nada su condición social ni poder dedicarse a la industria o a la agricultura, por estar monopolizadas en unas cuantas manos, las tierras, montes y aguas; por esta causa, se expropiarán previa indemnización, de la tercera parte de esos monopolios, a los poderosos propietarios de ellos a fin de que los pueblos y ciudadanos de México obtengan ejidos, colonias, fundos legales

¹¹ Alguns ainda escritos em nahuatl.

para pueblos o campos de sembradura o de labor y se mejore en todo y para todo la falta de prosperidad y bienestar de los mexicanos.

8°. Los hacendados, científicos o caciques que se opongan directa o indirectamente al presente Plan, se nacionalizarán sus bienes y las dos terceras partes que a ellos correspondan, se destinarán para indemnizaciones de guerra, pensiones de viudas y huérfanos de las víctimas que sucumban en las luchas del presente Plan. (Disponível em <http://www.patriagrande.net/mexico/emiliano.zapata/index.html>)

Derrotar o zapatismo no campo de batalha foi uma tarefa difícil para os carranzistas, pois eles usavam o conhecimento do território a seu favor. Atacando e fugindo, cada zapatista era ao mesmo tempo soldado e camponês, zelando igualmente por seus instrumentos agrícolas e suas armas.

Na Convenção de Aguascalientes – entre 1914 e 1915 – ficou clara a desconfiança dos zapatistas - e dos villistas – com o projeto liberal democrata de Carranza e Obregón:

Todas essas belezas democráticas, todas essas grandes palavras com que nossos avós e nossos pais se deleitaram perderam seu poder mágico de atração e sua significação para o povo. Ele já percebeu que com eleições ou sem eleições, com sufrágio universal ou sem ele, com ditadura porfiriana ou com democracia maderista, com imprensa amordaçada ou com libertinagem de imprensa, sempre e de todas as formas, ele continua ruminando suas amarguras, sofrendo misérias, engolindo humilhações infundáveis; por isso teme, com razão, que os libertadores de hoje tornem-se iguais aos caudilhos de ontem que na cidade de Juarez abdicaram de seu belo radicalismo e no Palácio Nacional lançaram ao esquecimento suas sedutoras promessas". (BRUIT, 1988, p. 25)

Entretanto sem muita visão de conjunto do México, o localismo zapatista impediu a articulação de um projeto nacional ao país, o Plan d'Áyala focava basicamente na questão da devolução da terra e, embora zapatistas e villistas tivessem ocupado a cidade do México em 1914, aos poucos foram sucumbindo ao projeto carrancista e às forças de Obregón.

Francisco Villa

Pancho Villa teria sido um nome esquecido na história mexicana se não tivesse existido Doroteo Aranga, seu verdadeiro nome de batismo. Nascido em

5/6/1878 no estado de Durango viveu até os 17 anos como empregado numa “hacienda”. Quando o “hacendado” estuprou sua irmã, Villa tentou matá-lo e, a partir daí, tornou-se Francisco “Pancho” Villa, nome de um famoso bandido do século XIX:

Villa sempre fez questão de ser chamado de bandido e não de ladrão. Para ele, ladrões eram os ricos: ele era um bandido que roubava para sobreviver e para distribuir o produto dos assaltos entre os pobres e os necessitados. Tudo isso o transforma em um símbolo de resistência ao poder dos latifundiários. Percorrendo todo o norte do México, assaltando trens, rebanhos, *haciendas*, sempre perseguido pelos *rurales*, mas nunca capturado, Villa passa a conhecer a cada palmo de terra da região, o que lhe será muito útil durante a revolução. (VILLA:1984, p. 14)

Sua vida pessoal refletiu, portanto, o contexto histórico do norte do México de fins do século XIX, com as companhias de agrimensura demarcando terras, o governo de Díaz expulsando os “rancheros”¹² e entregando as propriedades a fazendeiros, estrangeiros e para projetos de imigração. Através da “peonaje” o fazendeiro tinha o poder total sobre vida e morte de seus peões.



Figura 7 - Francisco "Pancho" Villa

No entanto, Villa foi um personagem difícil de ser definido e, segundo o autor Villa (1984) ele foi descaracterizado pela história por uma campanha difamatória por seus inimigos – chamado de açougueiro, assassino, bêbado – por causa de seu projeto radical de reforma agrária, que não podia ser “cooptado” pelo governo, como ocorreu com o Plan d’Ayala de Zapata, embora realmente tivesse sido um personagem difícil de ser enquadrado:

Ramón Puente, um de seus colaboradores, assim definiu Villa: “Coragem até a temeridade; desprendimento até a ganância; ódio até a cegueira; raiva até o crime; amor até a ternura; crueldade até a barbárie; tudo isso é Villa em um dia, em um momento, em todos os momentos da vida”(p. 564). Paco Ignacio diz que “Villa era o produto das forças mais obscuras da sociedade porfiriana, porém não daquelas superficiais, mas destas mais profundas que faziam de um camponês pobre um condenado a uma vida de presídio, carne de troca nas grandes fazendas, carne de canhão do exército, operário faminto das novas minas e das indústrias”. (RAMPINELLI, 2007, p. 6)

¹² “Rancheros” eram os que habitavam ranchos no norte do México, local onde, devido ao clima semi-árido, as terras precisavam ser maiores para sustentar uma família.

O fato é que Villa expropriou latifúndios, entregou terras a órfãos e viúvas, construiu hospitais e escolas, tabelou preços de alimentos e propôs para o México uma República Camponesa:



Figura 8 - Zapata e Villa na Cidade do México

Quando for estabelecida a nova República no México, não haverá mais exército. Os exércitos são os maiores sustentáculos da tirania. Não pode haver ditador sem exército. Poremos o exército a trabalhar. Em todos os lugares da República estabeleceremos colônias militares, integradas por veteranos da revolução. O Estado lhes garantirá terras aráveis e instalará grandes empresas industriais para dar-lhes ocupação. Trabalharão três dias por semana e arduamente, porque o trabalho honrado forma bons cidadãos. Nos outros três dias, receberão instrução militar e ensinarão o povo a lutar. Então, se a pátria for invadida, unicamente com uma ligação telefônica do Palácio Nacional, na cidade do México, em meio dia, todo o povo mexicano estará de prontidão, vindo dos campos e das fábricas, vem armado, equipado e organizados para defender seus filhos e seu lar” (BRUIT, 1988, p. 26-27)

O exército villista era bem mais heterogêneo que o de Zapata: reunia bandidos, rancheiros, peões, profissionais liberais, professores etc. Mas o general Villa – assim como Zapata – também iria sucumbir a seus inimigos, armados com a traição.

Após a derrota de Huerta, os revolucionários reúnem-se na Convenção de Aguascalientes em fins de 1914. Rapidamente os carrancistas se retiram, deixando o palco aberto para villistas e zapatistas apontarem Eulálio Gutierrez como presidente interino. Desnecessário afirmar que isso contrariou os desejos pessoais de Carranza. A Convenção encontrou-o forte o suficiente para ocupar a cidade do México em fins de 1914, mas não para arquitetar um projeto de nação para o México como um todo, ao contrário de Carranza:

Nem villistas nem zapatistas conceberam suas lutas (na medida em que foram sempre exércitos fundamentalmente camponeses) como uma disputa pela hegemonia nacional. Para Villa, o país terminava onde começava a correr perigo sua extensíssima linha de suprimento ligada à fronteira; o norte o chamava e não se separou dele. Para Zapata, o mundo terminava onde a organização popular de seu exército perdesse as raízes peculiarmente agrárias e militares que o caracterizavam.

(...)

Para Carranza, o país era uma totalidade conceitual, política e administrativa da qual ele acreditava ser o único representante legítimo, sem lhe importar no momento o quanto desse território controlava. Não precisava de “pessoas instruídas” ou “gabinetes” de fora para vigiar – tinha seus próprios homens – sem sentia que o rancho era grande demais para subir em suas calçadas”. (CAMÍN & MEYER: 2000, p.79).

Carranza prepara-se para um novo enfrentamento com os exércitos populares de Villa e Zapata ao mesmo tempo em que busca assumir muitas de suas bandeiras de luta¹³.

Outro elemento digno de nota é a aproximação entre Carranza e Álvaro Obregón, cujo acordo com os operários da Casa Del Obrero Mundial deu uma imagem mais “popular” ao novo governo. O ano de 1915 tornou-se o fiel da balança para a Revolução, travando-se uma batalha que iria decidir os rumos da política de um país totalmente fragmentado e exaurido: exércitos esfarrapados cruzavam os estados, além de bandoleiros, assassinos, camponeses desterrados, legiões de mulheres – as “soldaderas” – que acompanhavam os exércitos¹⁴. O país se fechou, ensimesmado e indiferente a guerra mundial que arrasava a Europa.

Aos poucos o projeto constitucionalista burguês representado por Carranza e Obregón foi se impondo ao México pobre e revolucionário. O general Emiliano Zapata foi assassinado em 10 de abril de 1919: incapaz de vencer o zapatismo em sua própria região, a traição foi a solução adotada pelos constitucionalistas que encontraram em Jesus Guajardo o traidor perfeito. Fazendo-se passar para o lado zapatista com armas e munições atraiu o general para a fazenda Chinamecas, onde os soldados o esperavam. O filme “Viva Zapata”, de 1952, assim retratou o suposto últimos diálogo entre Zapata e seus homens, antes de encontrar o traidor:

- Se alguma coisa te acontecer, o que acontecerá com essa gente? Pergunta Josefa.
- Eles mudaram, é como as coisas mudam: lentamente. Um homem forte é para um povo fraco, um povo forte não precisa de homens fortes.
- E se alguma coisa me acontecer? Pergunta Zapata a Hernandez.

¹³ Como viria a ocorrer posteriormente com a chamada “família revolucionária”, que criou a imagem da revolução mexicana e a defendeu durante todo o século XX “em nome” de Zapata e Villa.

¹⁴ Tal vez a mais famosa tenha sido Adelita – “a mulher que foi com outro” - que lutou nas tropas villistas e foi eternizada em “corridos”, canções populares mexicanas.



Figura 9 - Morte de Emiliano Zapata

– A gente se arranja, e um dia voltamos para o nosso vale e até lá a gente vai ter de sobreviver, responde Hernandez. (NASCIMENTO, 2006, p. 93)¹⁵

O primeiro a sentir os ventos que sopravam ao México do futuro foi Pancho Villa, derrotado seguidas vezes por Obregón, refugiando-se para as serras de Chihuahua, de onde saiu apenas para receber uma anistia em 1920, tornar-se um fazendeiro e ser assassinado em Parral em 1923:

Ao mesmo tempo em que o corpo de Emiliano Zapata foi exposto em praça pública começou a lenda de cavalo que procura pelo seu dono pelos campos de Morelos, pois o general dos camponeses não morre nunca. Isso ouviu Francisco Julião – fundador das Ligas Camponesas - quando viajou por Morelos:

Eu estava olhando com cuidado quando saiu o sentinela. E me leva, e lá dentro tiram a toalha que cobria o morto, e tinha gelo no estômago, e gelo na mão, e eu comecei a reparar: este dedo não é do chefe, este dedo ele não tinha, pois um arreio de cavalo bravo tinha levado a ponta e este estava todinho ali... Não, aquele morto não era. E o general Zapata era moreno, comprido, com bigodes... e tinha uma pinta...não, aquele não era meu general. E então vem um deles e pergunta:

“É ele?”, e eu respondo: “Sim, é ele sim”. E um deles me pergunta:

“De verdade?”, e eu digo: “Sim, sim, de verdade, é ele sim”. E me deixam ir embora.

– E o senhor diz que não era?

– Não, não era. Perguntaram, disse que sim, mas eu conhecia meu general e aquele morto não era.

– E o que terá sido feito do general?

– Pois ele foi-se embora. Parece que foi com um compadre para a Arábia. O compadre dele era árabe, andava com a gente por aqui.

E quando Sandino esteve lutando, lá estava Zapata, com ele. E Sandino triunfou porque Zapata estava dizendo para ele o tempo inteiro como é que deveria ser conduzida aquela luta.

– E Zapata já morreu ?

– Pode ser que sim. Dizem que voltou a Cuautla, voltou para sua casa.

– Mas, se não morreu deve estar bastante velho, não é?

– Está velho. Velho, e depois tirou os bigodes. Dizem que quando chegou vinha disfarçado de mendigo... Chegou de volta em sua casa, sem avisar ninguém, mas acho que sua gente já sabia... (NEPOMUCENO, 1982, p. 81)

¹⁵ Usamos tal citação a título de exemplo de como a imagem de um projeto que não morre foi apropriada pelo cinema a partir de uma realidade mexicana.

O mito de Zapata persiste, na memória popular mexicana, como podemos ver pelo “corrido” abaixo:

¡ ZAPATA ! HOMBRE
DE LA TIERRA.

Letra y Música: Juan Robles Castro.
Procedencia: Palmira, Morelos, 1953.

Canto al hombre de la tierra
que siempre sufrió humillación,
aquel que en silencio esperaba
hasta que hubo rebelión.

¡ Zapata ! Hombre de la tierra
su puño alzó con valor,
para que el peón ya tuviera
lo que labró con ardor.

Tierra regada con sangre
con lágrimas y sudor,
hasta que llegó Emiliano
¡ Gran líder !
¡ Gran luchador !

Su lema muy conocido
hasta el infinito azur,
lo tremolo convencido
el gran paladín del sur.

La lucha no ha terminado
siguen sufriendo más parias,
persisten los hacendados
contra luchas libertarias.

¡Campesinos siempre unidos:
por nuestros hijos luchar,
iremos a la campiña
a más tierras conquistar!

Con nuestra revolución
por la tierra lucharemos
¡ Zapata!: la inspiración
para que unidos triunfemos.

Tenemos fe y esperanza
en la nueva educación
tengamos plena confianza
¡ Zapata ! es revolución.¹⁶

Com o refluxo do zapatismo, após a morte de seu líder, coube a Venustiano Carranza cair em sua própria armadilha e, reeditando Francisco Madero iniciou um processo de aproximação com a velha burocracia mexicana que parecia ter estado sempre no palácio presidencial e que, com certeza, governara pouco tempo com Huerta. Logo o carrancismo começou a desagradar seus antigos camaradas de armas, liderando um governo corrupto, ao mesmo tempo em que iniciou uma onda de perseguição a trabalhadores, entrando em conflito com a Casa Del Obrero Mundial e, ao tentar incentivar o crescimento da economia mexicana, apostou na “hacienda” enquanto unidade produtiva para a exportação, abandonando as frágeis promessas de reforma agrária e na rápida reorganização da mineração, pressionando e multando as companhias estrangeiras que não se encaixassem em suas exigências.

É nesse contexto em que Álvaro Obregón, conhecido pelas façanhas militares e, principalmente, por vencer o aparentemente invencível “centauro do norte”, como era conhecido Pancho Villa, conseguiu capitanear apoio político para aspirar à presidência:

No final de 1917, assim que a Assembléia constituinte sancionou o novo código fundamental do país, o altivo e irritado ministro da Guerra, reconhecido guia político da ala radical daquela assembléia, apresentou sua renúncia ao gabinete carrancista para tornar públicas suas incompatibilidades e retirar-se para sua terra natal.

(...) O dirigente capaz de aglutinar as pontas soltas do carrancismo, o chefe reconhecido da ala jacobina que introduzira na Constituição os artigos-chaves da conciliação de classes, do desenvolvimento do Estado pós-revolucionário, da apropriação nacional dos recursos estratégicos e da secularização da educação e da cultura foi Álvaro Obregón, líder da nova aliança política que surgia dos escombros da era carrancista. (CAMÍN & MEYER: 2000, p.93)

¹⁶ Mais “corridos” podem ser vistos em <http://www.bibliotecas.tv/zapata/corridos/libro2.htm> , de onde retiramos o acima citado.

Em 1920, um Carranza abandonado mas ainda esperançoso de voltar ao poder, após abandonar a capital é assassinado a caminho de Veracruz. Caberia a Álvaro Obregón governar o país como presidente eleitor entre os anos de 1921 e 1924, para também ser assassinado. Enquanto Obregón ia se tornando a principal liderança política mexicana, a sombra do “Centauro do Norte” – Pancho Villa – começou a incomodar. Afastado da política desde 1920, quando se rendeu em troca de anistia, a fazenda de Canutillo e uma escolta pessoa:

Para quem veio ao mundo para lutar, parecia que, finalmente, chegava o tempo da paz. Como revolucionário que lutava para transformar o México havias sido derrotado. Mas, em Canutillo, poderia colocar em prática as suas idéias. E foi o que Villa fez nos três anos que ali viveu. Voltou a ter uma vida regular, desenvolve a propriedade, que estava em estado de completo abandono, instalou uma rede elétrica, construiu escolas e casas para os camponeses. Poderia ter feito muito mais, não fosse o fatídico 20 de julho de 1923. (VILLA, 1984, p.80)

Nesse fatídico dia, Villa foi fuzilado quando passeava com seu carro pelas ruas da cidade de Parral. O motivo provável? Elogios feitos ao candidato à presidência Adolfo de La Barra, inimigo político do presidente Obregón e seu candidato, Plutarco Elias Calles, além de certa disposição de retornar à cena política, demonstrada numa entrevista. No entanto, segundo Marco Antonio Villa, somente sua morte física não seria suficiente:

Com a morte de Villa, em Parral, estava eliminado o último líder revolucionário de maior expressão dos camponeses. Vivo, El fora um risco permanente à consolidação da “família revolucionária”, no novo Estado nascido da revolução. Mas, vitoriosa a sua eliminação física, ainda restava a necessidade da sua destruição política.

Durante o processo da revolução, o comandante da Divisão do Norte fora continuamente caluniado. Retratado como bandido, sanguinário, analfabeto, bêbado, sem ideologia e oportunista. Mas, após a sua morte, as acusações e calúnias ainda adquiriram maior virulência. (VILLA, 1984, p. 86)

Obregón e o “estado revolucionário”

Os principais líderes revolucionários que se uniram contra Porfírio Díaz não tiveram, como o velho caudilho, a oportunidade de morrer de causas naturais: Zapata, Villa, Carranza, Obregón e Ricardo Flores Magón foram tragados por um redemoinho que lançou o México na modernidade do século XX. Os herdeiros da Revolução de 1910 iriam compor a “família revolucionária” que governaria o país pelo resto do século forjando, para isso, partidos políticos que controlariam as eleições e o governo, tornando dispensável até mesmo o militarismo que se abateu sobre o restante da América Latina no século XX ¹⁷.

No entanto, se os líderes populares – Villa e Zapata – foram assassinados nada impediria que as questões agrárias que eles levantaram continuassem na pauta de reivindicações populares pelo resto do século, corporificando-se novamente nos campos



Figura 10 - Álvaro Obregón

de batalha no ano de 1994, quando eclodiu uma revolução em Chiapas, liderada pelo emblemático Exército Zapatista de Libertação Nacional. Ou seja, ao completar-se um século da Revolução Mexicana podemos perceber que os problemas agrários ainda persistem e repensar a revolução de 1910 é uma maneira de tentar entender o México atual.

¹⁷ Em 1929 foi criado o PNR (Partido Nacional Revolucionário), substituído em 1939 pelo PRM (Partido Revolucionário Mexicano) e em 1946 pelo PRI (Partido Revolucionário Institucional), que só veio a perder uma eleição presidencial em 2000, para Vicente Fox.

PARA SABER UM POUCO MAIS DO MÉXICO

ALGUNS SITES A SEREM PESQUISADOS:

Sobre corridos mexicanos:

<http://www.bibliotecas.tv/zapata/corridos/libro2.htm>

<http://www.musica.com/letras.asp?letras=22939>

Sobre o artista construtor de murais Diego Rivera:

<http://www.diegorivera.com/murals/>

<http://www.todo-sobre.com/diego-rivera/obras.php>

<http://www.elportaldemexico.com/arte/artesplasticas/vidayobradiegorivera.htm>

http://www.latinartmuseum.com/diego_rivera.htm

Filmes sobre a revolução mexicana:

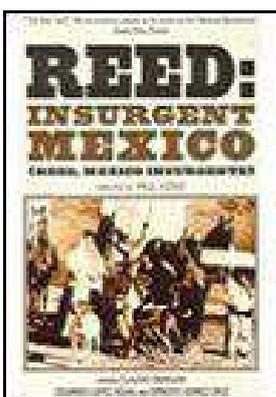


Viva Zapata

(Estados Unidos: 1952, 113 min)

Direção: Elia Kazan

Atores: Marlon Brando, Anthony Quinn.

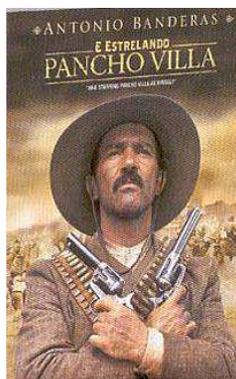


Reed, México Insurgente

(México: 1973, 124 min.)

Diretor: Paul Leduc

Atores: Claudio Obregon, Eduardo López Rojas, Ernesto Gómez Cruz, Juan Ángel Martínez, Carlos Castañón



E estrelando Pancho Villa

(Estados Unidos: 2003, 112 min.)

Direção: Bruce Beresford

Atores Antonio Banderas, Eion Bailey, Michael McKean



Gringo Velho

(EUA, 1989)

Direção – Luis Puenzo

Elenco – Jane Fonda, Gregory Peck, Jimmy Smits,
Anne Pitoniak, Jenny Gago, Jim Metzler, Annie
Pitoniak, Pedro Armendariz Jr.

REFERÊNCIAS

BOYD, Lola E. Zapata. In **Revista Américas – OEA**. Agosto 1968, vol. XX, nº 8.

BRUIT, Hector. **Revoluções na América Latina: o que são as revoluções?** São Paulo, Atual, 1988.

CAMIN, Hector Aguilar; MEYER, Lorenzo. **À sobra da Revolução Mexicana**. São Paulo: Edusp, 2000. (Ensaio Latino Americanos 5).

FUENTES, Carlos. **O Espelho Enterrado: reflexões sobre a Espanha e o Novo mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

KATZ, Friedrich. O México: A República Restaurada e o Porfiriato, 1867 – 1910. In BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: de 1870 a 1930**. Vol. V. São Paulo: Editora da USP; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. (P. 23-105).

MAGÓN, Ricardo Flores. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Editora Imaginario, 2003.

NASCIMENTO, Celso G. do. O filme “Viva Zapata”, modernização mexicana e resistência camponesa em inícios do século XX: algumas questões. In **Raízes**, Campina Grande, vol. 25, nº 1 e 2, p. 86–96, jan./dez. 2006

NEPOMUCENO, Eric. **Zapata: Tierra y Libertad**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

RAMPINELLI, Waldir José. **Francisco Villa: Bandido ou Herói?** In **Revista Eletrônica da Anphlac - número 6**, 2007. Disponível em http://www.anphlac.org/periodicos/revista/revista6/villa_waldir_rampinelli.pdf . Acesso 02 nov 2010.

SAMIS, Alexandre. Apresentação. In MAGÓN, Ricardo Flores. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.

VILLA, Marco Antonio. **Pancho Villa: o herói desfocado**. São Paulo: Brasiliense, 1984). (Coleção Encanto Radical 56);

VILLEGAS, Daniel C. et all., **Historia Mínima de Mexico**. Mexico, El Colegio de Mexico, 1977.

WOOMACK JR., John. **Zapata e a Revolução Mexicana**. Lisboa: Edições 70, 1980.

FIGURAS

Figura 1 - Benito Juárez in http://pt.wikipedia.org/wiki/Benito_Ju%C3%A1rez

Figura 2 - Porfirio Díaz in <http://mexicanhistory.org/diaz.jpg>

Figura 3 - Ricardo Flores Magón in
<http://www.patriagrande.net/mexico/ricardo.flores.magon/ricardo.flores.magon.jpg>

Figura 4 – Francisco Madero in <http://www.latinamericanstudies.org/mexican-revolution/villa5.gif>

Figura 5 - Victoriano Huerta in
<http://www.woodrowwilsonhouse.org/Timeline/Images/VHuerta.jpg>

Figura 6 - Emiliano Zapata in
http://www.freedomarchives.org/La_Lucha_Continua/images/e_zapata.jpg

Figura 7 - Francisco "Pancho" Villa in
http://irapuato.files.wordpress.com/2009/11/pancho_villa.jpg

Figura 8 - Zapata e Villa na Cidade do México in
<http://www.emersonkent.com/images/VillaZapataPresPalace.jpg>

Figura 9 - Morte de Emiliano Zapata in <http://www.latinamericanstudies.org/mexican-revolution/zapata-cadaver.jpg>

Figura 10 - Álvaro Obregón in
http://4.bp.blogspot.com/_gOqg1kS7xfU/S8wghfXA_FI/AAAAAAAAADxE/OF3-RA0wio4/s1600/Alvaro+Obregon+sentado.jpg

Mapa 1 - http://masalto.com/masalto_db/imagenes_db/Oque/mapa_mexico.jpg

OS LOUCOS ANOS 50: A GERAÇÃO BEAT

CELSO GESTERMEIER DO NASCIMENTO¹

INTRODUÇÃO

Uma abordagem comum ao tratar-se de um grupo de vanguarda artística é querer projetá-lo sobre o pano de fundo dos acontecimentos históricos que lhe acompanhou nos momentos mais importantes, entendendo-se, assim, que os tais acontecimentos tenham sido primordiais para o surgimento de uma “geração”. O perigo aparece quando a obra de arte, neste caso a literária, passa a ser entendida enquanto “reflexo” de uma realidade imediata e, dessa forma, corre-se o risco de sufocar a beleza e a liberdade artística em função de uma realidade “concreta” que a tudo explica.

Neste trabalho procuraremos unir esses dois aspectos: a literatura e a História dos Estados Unidos, para que ambas possam ajudar o leitor a entender que o momento histórico vivido no país abriu espaço para um tipo de manifestação artística no qual o usufruto da liberdade recebeu uma imensa valorização. Isso não implica dizer que, uma vez encerrado um ciclo de repressão e violências que caracterizou a década de 50, a chamada geração beat tivesse que desaparecer. Pelo contrário, ela tinha ajudado a forjar as bases de uma geração que iria forçar mais ainda os limites da sociedade americana na procura de liberdade individual, rumo ao projeto da geração “Power & Flower” que caracterizou os anos de 1960.

Entendemos a geração beat como uma manifestação de jovens artistas que, mais do que preocupação com sua arte – em particular a literatura – e com um engajamento sócio-político que inevitavelmente levava à confrontação com o “status quo” voltava-se para a vida em si, para um ideal de liberdade que estava sendo reprimida por uma onda de consumismo que afetava os Estados Unidos. Dado o fato que o tema é ainda pouco difundido no Brasil, valeremo-nos de citações, tanto de autores que estudam tal movimento – e cuja leitura recomendamos – quanto também dos próprios beats a partir de suas entrevistas, produções e biografias.

¹ Professor da Unidade Acadêmica de História - UFCG

A SEGUNDA GUERRA E O FIM DAS GUERRAS

Ao acabar a Segunda Guerra, o mundo foi sacudido pela experiência pavorosa da explosão de duas bombas atômicas em território japonês, em Hiroshima e Nagasaki. O evento marcou o fim de uma era e o início de outra pois, após a morte instantânea de milhares de pessoas podia-se perceber/imaginar que muita coisa mudaria na próxima década, e que tais mudanças seriam irreversíveis: nunca mais o homem poderia esquecer do cogumelo fantasmagórico que matou tanto imediatamente quanto continuaria matando por anos à fio, devido a radiação. O ato de apertar um botão, condenando imediatamente milhares de seres humanos à morte deixava definitivamente para trás os tempos em que os guerreiros se enfrentavam à busca de desafios e de honra, matar tornou-se uma tarefa fria e economicamente rentável, pois as indústrias bélicas – particularmente dos Estados Unidos – muito lucraram com as guerras.

Os cogumelos atômicos iniciaram o despertar de um novo tempo: sob as cinzas de uma Europa arrasada, a fome, a tristeza e a descrença num futuro melhor pareciam marcar o futuro. O continente que até então havia sido o centro econômico do mundo cedeu espaço a uma jovem potência que “assumiu a tarefa” de liderar o chamado “mundo livre” e impedir a expansão da ideologia socialista, centralizada na URSS, dando início à Guerra Fria, conceito que subentende a guerra sem enfrentamentos diretos, pois as superpotências iriam rivalizar-se indiretamente em todas as partes do planeta.

Entretanto, ser alçado à condição de centro econômico, político e militar do mundo capitalista revelou-se uma tarefa por demais formidável para os Estados Unidos, ainda um país voltado às suas contradições internas, ainda com uma forte tradição rural – a “América Caipira” – e isolacionista, ao mesmo tempo de uma histórica ideologia do “destino manifesto” que tomava a idéia de fronteira como algo mágico, a atrair e instigar, desde séculos.

Dessa forma, a década de 1950 seria conhecida nos Estados Unidos pelo ser forte anti-comunismo, visto como o grande perigo para a humanidade, a Guerra Fria transformou-se numa luta fatalista entre o bem e o mal, da civilização contra a barbárie e a criação da CIA (Central Americana de Inteligência) em 1947 foi um marco na criação de relatórios sobre as atividades soviéticas e dos próprios cidadãos americanos, pois o inimigo “subversivo” poderia estar no próprio solo americano. Assim, os EUA

deveriam exercer uma pressão constante no “mundo livre” para evitar a perda de aliados para o inimigo soviético.

Essa atitude norte-americana corporificou-se na criação do “Plano Marshall”, que se caracterizou pelo investimento maciço de capital no esforço de reconstrução da Europa. Atitude semelhante foi reservada ao Japão, visto como um aliado fundamental devido à posição estratégica no continente asiático. Enquanto isso, a União Soviética acelerou a expansão ideológica em direção à Europa Oriental – a chamada “cortina de ferro” – olhando com atenção aos países do Terceiro Mundo.

Um momento crítico nesse contexto foi a Guerra da Coreia (1950-1953), país dividido entre o norte – socialista – e o sul – capitalista – que, após a Revolução Socialista Chinesa de 1949, pareceu tornar-se ponto estratégico para o socialismo.



Figura 1: O consumismo americano nos anos 1950

Surpreendendo os EUA, tropas norte-coreanas romperam o paralelo 38 e entraram em território sul-coreano, levando a um conflito que se desenvolveu em escaramuças durante 3 anos, encerrando com a retirada das tropas invasoras – com auxílio chinês – e o estabelecimento de uma zona de divisa entre os países. Paralelamente ao conflito militar, os Estados Unidos viveram uma crise política, envolvendo o presidente Eisenhower (1952-1960) e o General Douglas MacArthur sobre a questão da guerra, ficando claro que interessava ao país negociar com a União Soviética e

evitar um conflito armado.

Associado ao “temor vermelho”, o país viveu o medo de um possível ataque nuclear por parte do inimigo, ao mesmo tempo em que a tecnologia era supervalorizada, o pavor do conflito atômico pairava sobre a sociedade americana, virando tema de inúmeros filmes de Hollywood e mesmo curtas de propaganda elaborados pela Defesa Civil.

A década de 1950 também pode ser caracterizada como o grande momento do crescimento dos subúrbios, muitos centros de cidades passaram a ser abandonados: o alvo do americano de classe média era a casa do subúrbio com todas as suas facilidades ditadas pelo consumismo, tais como aparelhos de TV – que ajudavam a vender o

“american way of life” – além de rádios, carros, geladeiras, fogões, torradeiras e comidas enlatadas:

O que já se insinuava antes da guerra foi acentuado depois dela, graças a um parque industrial intocado pelos conflitos e ansioso para atender uma demanda crescente. Mas a cultura de consumo na década de 1950 representou não apenas uma transformação econômica, mas uma inovação estética. O que é peculiar, essa inovação não significou o rompimento com um padrão anterior, mas, ao contrário, cravou as bases de um modelo conservador levando a sociedade americana a uma homogeneização generalizada. (TOTA: 1990, p. 190)

Foi a época do chamado “baby boom”, quando um grande crescimento populacional foi verificado acompanhando o período de paz, levando as famílias a exigir automóveis e casas maiores, assim como eletrodomésticos, vagas em universidades etc. O “perigo vermelho” foi levado ao extremo pelo conservadorismo americano no processo conhecido por “caça às bruxas” – comunistas – levado à frente pelo senador Joseph MacCarthy e seu Comitê de Atividades Antiamericanas que obrigou pessoas a comparecer ao senado para interrogatório e acusações:



Figura 2: Joseph MacCarthy

MacCarthy começou sua cruzada em fevereiro de 1950 com a alegação de que tinha uma lista de 205 comunistas, conhecidos do Secretário Acheson, que trabalhavam para o departamento de Estado. O governo negou veementemente a acusação e a Subcomissão de Relações Exteriores do Senado considerou-a como “uma fraude e um embuste”. Em meio ao crescente furor público, McCarthy mudou duas vezes o número de “vermelhos” do Departamento de Estado (para 57 e 81) e nunca exibiu a tal lista. Mas ousadamente (e sem provas), deu o nome de outros “agentes, “inocentes úteis” e “traidores” comunistas, incluindo o general Marshall e o Secretário Acheson. Todo o Partido Democrata, declarou alto e bom som, estava maculado por “traições que remontam à história”. (SELLERS; MAY; MCMILLEN: 1990, p.375)

O macartismo conseguiu atingir a população americana: livros foram queimados, professores, escritores, atores e diretores de cinema espionados e demitidos e a própria idéia de “campos de concentração” para subversivos foi ventilada a partir da aprovação da Lei McCarran de Segurança Interna, de 1950. Enquanto isso, a União Soviética investia na tecnologia da bomba de hidrogênio e lançava o primeiro satélite espacial em 1957, o Sputnik.

Além do macartismo, cumpre também citar o Subcomitê Senatorial sobre a Delinqüência Juvenil, que fiscalizava possíveis visões de uma sociedade perturbada em história em quadrinhos – algo profundamente anti-americano – impedindo a identificação do público jovem com criminosos, marginais ou vagabundos.

A defesa do “american way of life” também significou afastar das manchetes os incômodos casos de segregação racial que, no entanto, pipocavam pelo país nessas duas décadas, citemos apenas como exemplo o caso de Rosa Parks em 1955², no Alabama, uma empregada negra que, ao recusar ceder o lugar no ônibus a um branco foi



Figura 3: O american Way of Life

presa e causou uma imensa manifestação da parte dos negros da cidade de Montgomery. Da mesma forma, convém citar a ação

de Martin Luther King e Malcolm “X”, que viriam a ser mortos nos anos 60 e a luta pelos direitos civis.

Ou seja, o “modo americano” precisava ser imposto aos próprios americanos, ser “diferente” tornou-se perigoso, o “não fazer nada” também, já que todo cidadão deveria estar contribuindo para o bem do país, os dissidentes podiam ir para a cadeia ou para alguma instituição psiquiátrica, onde seriam “tratados” e aprenderiam a ser bons americanos.

² Esse episódio foi filmado em 1955, tornando-se o filme “Uma História Americana” (The Long Walk Home), do diretor Richard Pearce, tendo no elenco Sissy Spacek e Whoopi Goldberg, dentre outros.

A GERAÇÃO BEAT



Figura 4: Os Beats

O trecho do poema mais famoso do beat Allen Ginsberg é um bom começo para a reflexão:

Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, históricos, nus.

Arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca de uma dose violenta de qualquer coisa.

Hipsters com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato celestial com o dínamo estrelado da maquinaria da noite.

Que pobres, esfarrapados e olheiras fundas, viajaram fumando sentados na sobrenatural escuridão dos miseráveis apartamentos sem água quente, flutuando sobre os tetos das cidades contemplando jazz,

Que desnudaram seus cérebros ao céu sob o Elevado e viram anjos maometanos cambaleando iluminados nos telhados das casas cômodos,

Que passaram por universidade com olhos frios e radiantes alucinando Arkansas e tragédias à luz de Blake entre os estudiosos da guerra... (GINSBERG: 1999, p. 27)

A riqueza e a diversidade dos temas explorados pelos autores beat são tão extraordinários que torna muito difícil a tarefa de selecionar temas, autores e obras para encaixá-los numa seqüência plausível para o leitor. Dessa forma, optamos por destacar algumas temáticas dos beats que se opunham diretamente aos ideais da sociedade norte-americana nos anos de 1950 e, a partir deles, inserir um pouco dos autores e de suas obras. Começemos pelo fim:

Em 1997, o poeta Allen Ginsberg morreu, despedindo-se de um mundo que, de certa forma, ajudou a transformar e enriquecer. O também poeta Lawrence Ferlinghetti escreveu um poema em sua homenagem:

Estou lendo poesia grega
Nela cavalos choram
Os cavalos de Aquiles
Nela choram
Aqui à beira mar
Em San Francisco

Onde as ondas choram
 Eles fazem um som sibilante
 Um som sibilino
 “Allen”

Suspiram

“Allen”

(ALMINO: 1997)

Talvez o mundo de hoje não fosse o mesmo sem Ginsberg, sem a importância que ele representou para a Geração Beat dos anos 50 ou para a contracultura dos anos 60, desde aquele dia de 1955 no Six Gallery de San Francisco quando foi realizada uma sessão pública de leitura de poemas, cuja data marca simbolicamente a geração beat:

(...) a revolução que se projetou na sociedade, promovida por Ginsberg e seus parceiros, foi engendrada a partir da literatura. Foram leitores, acima de tudo. Por isso, tornaram-se autores. Tornando-se autores, passaram a ser revolucionários. Procederam à devoração antropofágica da cultura oficial, e à incorporação e revitalização daquela que estava à margem do sistema, que o establishment havia varrido para baixo do tapete. Por exemplo, está demonstrado que Jack Kerouac procurou ambientes e situações que originaram o seu *Os Subterrâneos* por estar impregnado de leituras de Dostoiévski: ele se movia, não só da vida para o texto, relatando o que lhe havia acontecido, mas fazia o movimento oposto, do texto para a vida. (WILLER: 1999, p. 9)

Mas, em primeiro lugar, o que significa ser um beat? O que é essa palavra?

Várias são as possibilidades para se explicar o termo beat. Vejamos para Goes & Bueno (1984):

O nome Beat Generation foi criado por aquele que é considerado o maior escritor e romancista dessa geração, Jack Kerouac, e chegou ao conhecimento do público em geral através do *New York Times*, em novembro de 1952, num artigo escrito pelo jornalista e também escritor Clellon Holmes.

O termo Beatnik é uma fusão de Beat com Sputnik, a nave soviética que foi pioneiramente para o espaço na segunda metade da década de 50.

A metáfora resultante da fusão de Beat com Sputnik não poderia ser mais precisa, já que os poetas e escritores Beats eram, de fato, verdadeiros foguetes, inquietos, ligados, criativos, absolutamente em contraste com a pasma e a carece da década de 50 americana. (BUENO & GOES, 1984,p.8)

No entanto, beat pode também referir-se a algo mais amplo, como a batida e o ritmo do jazz, o balanço do corpo ao mesmo tempo ligado à idéia de beatitude. Ou, para Willer (2009):

De onde viéramos vocábulos “beat” e “geração beat”? Qual foi a sua origem?

Dentre todas as versões, a definitiva é mesmo aquela confirmada, entre outras fontes importantes, por Allen Ginsberg em um de seus últimos textos, o prefácio de *The Beat Book*, de 1996:

A expressão “beat generation” surgiu em uma conversa específica entre Jack Kerouac e John Clellon Holmes em 1948. Discutiam a natureza das gerações, lembrando o glamour da *lost generation* (geração perdida), e Kerouac disse: “Ah. Isso não passa de uma geração beat”. Falavam sobre ser ou não uma “geração encontrada” (como Kerouac às vezes a denominava), uma “geração angélica”, ou qualquer outro epíteto. Mas Kerouac descartou a questão e disse “geração beat” – não para nomear a geração, mas para desnomeá-la. (WILLER:2009,p.7)

Da mesma forma usava-se o termo “hipster” - como Ginsberg o fez em “Uivo” – advindo da obra de Norman Mailer (“Reflexões Superficiais sobre o hipster”), que se refere a “outsider”, marginal e cujo diminutivo – hippie – marcou a contracultura da década seguinte.

Aqui estaremos entendendo a geração beat como um grupo artístico de vanguarda que não abandonou a realidade das ruas e das estradas dos Estados Unidos para existir. Ou seja, para experimentar a vida e a liberdade os beats mergulharam fundo na realidade americana e, além de uma vanguarda intelectual anti-dogmática e anti-acadêmica experimentaram ao extremo o sabor pela vida, não se afastando da sociedade, mas associando literatura e comportamento, arte e vida. Ao contrário de muitas tendências artísticas, os beats valorizaram ao extremo a vida, o que pode ser comprovado pelo fato da maioria de seus membros morrerem em idade avançada. Vamos refletir a partir de alguns temas centrais para eles:

Podemos delimitar cronologicamente os beats entre 1944 e 1959, de forma que seus autores no auge do movimento contavam em torno de vinte e poucos anos e que, portanto, haviam vivenciado a América da Depressão, assim como a América do Pós Segunda Guerra e da Guerra Fria. E vivenciavam também o nascimento de um novo país: a América das pequenas cidades, das rodoviárias e postos de gasolina de beira de estrada deixava espaço para a América do consumismo e do artificialismo – do “pesadelo refrigerado”, como nos apontam Goes & Bueno (1984), segundo Henry

Miller. Mas a dureza da vida, o sofrimento das famílias de classe média baixa e dos mais pobres, embora parecesse ter desaparecido do cenário americano, ocultado pela opulência e pelos subúrbios, ainda resistiam.

Neal Cassady (1926-1968) foi um grande inspirador do movimento beat que, ironicamente só publicou um livro, póstumo. Mais personagem do que autor, ele esteve

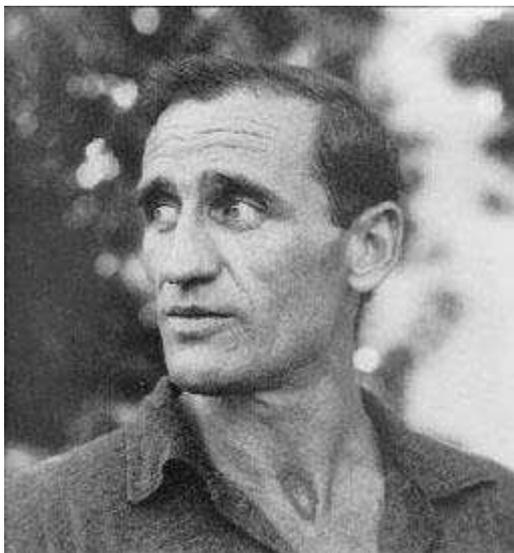


Figura 5: Neal Cassidy

presente direta ou indiretamente em muitas obras de Allen Ginsberg e de Jack Kerouac – talvez as máximas expressões da geração – inclusive tornando-se personagem central na “bíblia beat”, o livro “On the Road”. Morto prematuramente por overdose no México e encontrado caído entre trilhos de trens – onde ironicamente viveu boa parte de sua vida, como trabalhador ou clandestino – ele foi a primeira chama a se apagar, mas que trouxe a realidade dura da vida americana e de sua infância, marcada pela separação da família e

convivência com o pai alcoólatra e desempregado, mostrando toda a dureza da vida americana no Oeste – Denver, em particular – principalmente quando viveu no edifício Metropolitan, um prédio condenado que, segundo ele próprio, “abrigava cerca de 100 vagabundos”:

Na miséria do Metropolitan, dormíamos lado a lado, meu pai e eu, numa cama sem lençóis. Não havia relógio, de forma que eu dependia da gigantesca torre da Daniels e Fisher, para me acordar para ir à escola, o que ele conseguia. Ou pelo menos acho que era isso que me acordava, pois quando soavam as sete horas, sempre abria meus olhos e espichava a cabeça alerta para fora do cobertor imundo, respirando o ar gélido do nosso quarto. Meu pai roncava, e geralmente indiferente a tudo. Desviando-me do mau hálito que saía de seu roto inchado pela bebida, eu deslizava nu para fora da cama, que gemia numa quietude trêmula. (CASSADY:2007, p.64)

Nesse sentido, a crítica à América aparece fortemente na literatura beat, a América doente, consumista. Allen Ginsberg é que mais a critica explicitamente, em 1994:

que então ninguém te incomoda e você segue em frente, livre, leve e solto – para fazer o que quiser! Concordei. Ele estava atingindo suas decisões do TAO, e de uma maneira simples e direta. “Qual é a sua estrada, homem? – a estrada do místico, a estrada do louco, a estrada do arco-íris, a estrada marítima, qualquer estrada. Há sempre uma estrada em qualquer lugar, para qualquer pessoa, em qualquer mente, sob a chuva. (KEROUAC: 1999, p.263)



Figura 7: Jack Kerouac

Entre os beats, escrever é sinônimo de viver, a arte funde-se com a vida, a partir dos poemas, dos contos e romances, pode-se sentir o prazer de estar vivo, a partir das coisas mais simples que o consumismo despreza, como nessa passagem de Kerouac:

Dei adeus ao sujeitinho de Santa Tereza no cruzamento onde descemos e fui para a praia passar a noite sobre a areia com meus cobertores, entrei areia adentro e parei ao sopé de um rochedo, onde os guardas não poderiam me ver nem me mandar embora. Cozinhei salsichas espetadas em galhos recém-cortados sobre o carvão de uma grande fogueira, e esquentei uma lata de macarrão com molho de queijo nos espaços ardentes entre brasas, e bebi o vinho que acabara de comprar, e exultei em uma das noites mais agradáveis da minha vida. Entrei na água até os joelhos e me agachei um pouco e fiquei lá olhando o céu noturno esplendoroso, o universo esplendoroso, o universo de escuridão e de diamantes da Avlokitesvara com suas dez maravilhas. “Bom, Ray”, digo, contente, “só faltam mais alguns quilômetros. Você conseguiu de novo.” Feliz, só com meu calção de banho, descalço, com os cabelos desgrenhados, na escuridão avermelhada pelo fogo, cantando, bebendo vinho, cuspidando, correndo, pulando – isso sim é que é viver. Completamente sozinho e livre na areia macia da praia com o suspiro do mar bem ali, as estrelas virgens calorosas e falopianas, refletindo nas embarrigadas águas fluidas do canal externo. E se o metal das latas estiver pelando e não for possível segurá-las com as mãos, é só usar as velhas e boas luvas industriais, só isso. (KEROUAC: 2004, p.11).

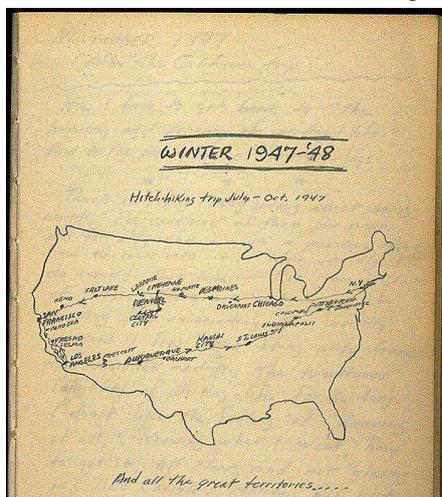


Figura 8: Suposto mapa rascunhado por Kerouac

Mais tarde ele (o pai de Hubbard) diria: “Houve um tempo em que os melhores entre os americanos viviam no centro da cidade, o homem da casa podia dar a volta na esquina e transar todos os seus negócios e seus baratos. Quando a chamada elite começou a se mudar para fora da cidade, isso significou que a cidade, e de

fato a civilização inteira, estava começando a decair. O gordo negociante burguês com seu martini diário antes do jantar, nos subúrbios, não só perdeu o contato com os prazeres e o mundo, mas, as estatísticas mostram, morria em média aos 55 com regularidade cronométrica, de hipertensão e doenças cardíacas. Naturalmente”. (CASSADY: 2007, p. 178).

Liberdade é também sentido ao pé da letra: andar, viajar, experimentar. Numa sociedade onde o importante é “ter”, esses valores aparecem como subversivos, como podemos ver no sarcasmo da letra da música escrita por Michael McLure(1932-) e gravada por Janis Joplin em 1971, no álbum Pearl, da banda “Full Tilt Boogie Band”:

Mercedes Benz

Oh Senhor, você não vai me comprar uma Mercedes benz ?
 Todos meus amigos dirigem porsches eu preciso compensar.
 Trabalhei duro a vida toda, sem ajuda dos meus amigos,
 Então Senhor, você não vai me comprar uma Mercedes Benz?

Oh Senhor, você não vai me comprar uma TV a cores ?
 "Dialing For Dollars"(Prog.deTV) está tentando me encontrar.
 Eu espero pela entrega cada dia até as três,
 Então Senhor, você não vai me comprar uma TV a cores?

Senhor, você não vai me comprar uma noite na cidade ?
 Eu estou contando com você, Senhor, por favor não me desaponte.
 Prove que você me ama e pague a próxima rodada,
 Então Senhor, você não vai me comprar uma noite na cidade ?
 (Disponível em
<http://letras.terra.com.br/janis-joplin/63072/traducao.html>.
 Acesso 10 fev 2011)

A aproximação da literatura e da música foi outro elemento forte da cena beat: a leitura coletiva de poemas, acompanhada de músicos de jazz, que significava também a liberdade, do corpo, da dança, do “free jazz”, associada à marginalidade, na aproximação com um grupo alvo de preconceitos, os negros, assim como a latinos e mulheres, a liberdade de não ter preconceitos.³

A religiosidade é um elemento fortemente presente na geração beat⁴:

A polaridade traduzida por binômios como santidade e licenciosidade, ascese e desregramento: poderia ela ser tomada como um eixo central da beat? Nesses dualismos, gnósticos ou orientais, há um monismo de fundo: a busca da unidade, da superação de antinomias, contradições fundamentais, como aquela entre desejo, sonho, imaginação, de um lado, e realidade imediata, o mundo das coisas, de outro; entre subjetividade e objetividade. Certamente, foi esse o sentido, em Ginsberg, da alternância de poemas religiosos e de sexo explícito, das expressões da devoção e da devassidão, conforme já citado aqui. Em McClure, a

³ Era como se eles antecipassem a metáfora dos anos 60: “pedra que rola não cria limo” e marcaria a existência da grande banda de rock, os Rolling Stones.

⁴ Veja-se no excelente trabalho de Willer (2009), por exemplo, a possível relação dos beats com o agnosticismo, chegando a sugerir sua visão como “agnósticos modernos”.

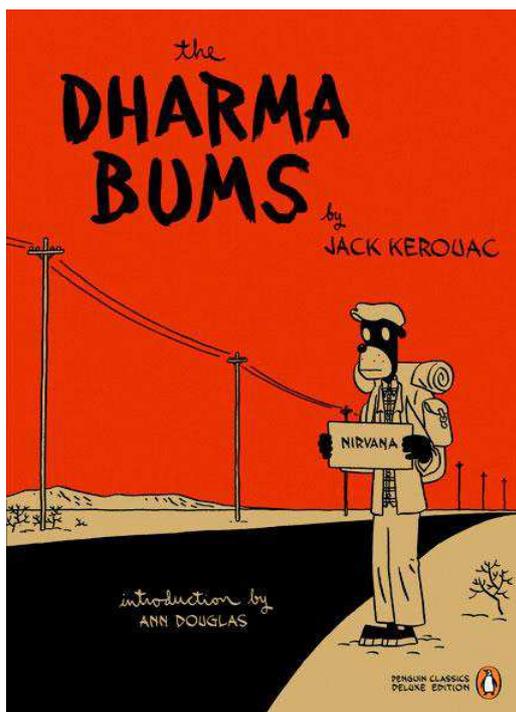


Figura 9: Capa do livro "Vagabundos Iluminados"

sacralização do sexo é evidente; daí um de seus títulos ser Ghoso Tantras, Tantras fantasmas; além disso, refere-se explicitamente ao agnosticismo.

Em Kerouac, são reiteradas a busca da santidade, da iluminação, e a sacralização dos marginais e excluídos. A imagem do vagabundo angelical e iluminado é partilhada por Ginsbrg e Kerouac. (WILLER:2009, p.60)

Esses elementos podem ser facilmente encontrados nas obras dos beats: “Escrevo tudo o que escrevo no espírito em que me imagino como um anjo devolvido à Terra, que a vê com olhos tristes” (KEROUAC: 2008, p.7).

E então pensei, mais tarde, fumando deitado por cima do saco de dormir: “Tudo é possível. Eu sou Deus, eu sou o Buda, eu sou o imperfeito Ray Smith, tudo ao mesmo tempo, sou o espaço vazio, sou todas as coisas. Tenho todo o tempo do mundo e vida para fazer o que deve ser feito, para fazer o que está feito, para fazer o feito atemporal, infinitamente perfeito em si mesmo, por que chorar, por que se preocupar, perfeito como a essência da mente e a mente da casca de banana”, acrescentei, rindo, lembrando-me dos meus amigos Vagabundos do Darma zen-lunáticos poetas de São Francisco, de quem eu já começava a sentir falta. (KEROUAC: 2004, p.127)

Santo! Santo!

O mundo é santo! A alma é santa! Apele é santa! O nariz é santo! A língua e o caralho e a mão e o cu são santos!

Tudo é santo! Todos são santos! Todo lugar é santo! Todo dia é eternidade! Todo mundo é um anjo!

O vagabundo é tão santo quanto o serafim! O louco é tão santo quanto você minha alma é santa! (GINSBERG: 1999: p. 46)

A referência a visões também é constante em Ginsberg, que o levaram a descobertas e “iluminações”. A mais famosa é quando ele afirma ter ouvido a voz de William Blake enquanto lia e se masturbava:

E meu olho na página, ao mesmo tempo a alucinação auditiva, ou seja lá qual for a terminologia usada, a voz que apareceu no quarto me acordou para um entendimento mais profundo do poema, porque a voz era terna, linda, antiga... Como uma voz da Antiguidade dos Dias. Mas a qualidade especial da voz era algo inesquecível, porque era como se Deus

tivesse uma voz humana, com toda a ternura, antiguidade e gravidade mortal de um Criador vivo falando ao filho: “Onde a juventude apinhada de desejo, / e a Virgem pálida coberta de neve, / Levantam de seus túmulos e aspiram / Onde meu Girassol deseja ir”. Isto significava que existia um lugar, existia um lugar dourado e doce, e o dourado e doce, o que era aquilo... E junto com a voz havia uma emoção que apareceu no meu espírito como uma resposta à voz, e eu tive uma compreensão visual daquele mesmo incrível fenômeno. Ou seja, olhando pela janela, através da janela ao céu, eu estava vendo nas profundezas do universo, só de olhar para o céu antigo (GINSBERG: 2010, p.144)

Em “Uivo” – principal poema beat - podemos encontrar claramente importância da religiosidade entre os beats: “ que caíram de joelhos em catedrais sem esperança rezando por sua salvação e luz e peito até que a alma iluminasse seu cabelo por um segundo (GINSBERG: 1999, p.36). A busca de uma transcendência é um elemento forte em seu trabalho:

SUTRA DO GIRASSOL

(...) Nós não somos nossa pele de sujeita, nós não somos nossa horrorosa locomotiva sem imagem empoeirada e arrebatada, por dentro somos todos girassóis maravilhosos, nós somos abençoados por nosso próprio sêmen & dourados corpos peludos e nus da realização crescendo dentro dos loucos girassóis negros e formais ao pôr do sol, espreitados por nossos olhos à sombra da louca locomotiva do cais na visão do poente de latas e colinas de Frisco sentados ao anoitecer. (GINSBERG: 1999, p.57).

A religiosidade aparece associada à simplicidade, à marginalidade, à superação, à beleza que emerge de um mundo feio e podre. Allen Ginsberg, ele mesmo, foi um peregrino à busca de visões, descobertas, iluminações. De origem judaica, teve uma vida marcada pelo sofrimento pela doença mental de sua mãe – Naomi – para qual escreveu o poema Kaddish – entre 1957 e 1959 – referência ao canto de lamento fúnebre da tradição judaica⁵:

Estranho pensar em você que partiu sem espartilhos & olhos, enquanto percorro a calçada ensolarada de Greenwich Village.

Na direção do centro de Manhattan, meio-dia claro de inverno e passei a noite toda acordado, falando, falando, lendo o Kaddish em voz alta, escutando o grito cego dos blues de Ray Charles na vitrola.

⁵ Por sinal, a morte é um tema constante do trabalho de Allen: “(...) viver é defrontar-se com a morte, seja como acontecimento real, objetivo, a exemplo dos suicidas mencionados em Uivo, seja no plano metafísico!”, como nos diz Willer in (GINSBERG:1999, p. 16).

O ritmo, o ritmo – e sua lembrança na minha cabeça três anos depois – E li em voz alta,, sozinho, os triunfantes versos finais de Adornais – chorei ao perceber o quanto sofremos.

E o quanto a Morte é o lenitivo sonhado, cantado, por todos os cantores, profetizado como no Hino Hebraico ou no Livro Budista das Respostas – e uma folha murcha na minha própria imaginação – ao amanhecer –

(GINSBERG: 1999, p. 67).

Convém recordar a referência ao Deus fenício Moloch, ao qual se faziam sacrifícios humanos, e que agora consome os humanos que se sacrificam em suas próprias fábricas, cidades de fumaças e também reparar nos constantes usos de termos como “anjos”, “beatitude”, “angelicais”, “santidade” etc. Essa visão religiosa remete à apropriação do pensamento zen budista, principalmente a partir de Gary Snyder que, nascido na Califórnia em 1930, tornou-se estudioso do zen budismo no Japão e passou a defender a crença da necessidade do retorno a uma vida simples:⁶

Viver perto da terra, viver com simplicidade, viver de forma mais responsável, estão todas literalmente no fluxo das coisas. É voltar para nós próprios, de um jeito ou de outro, gostando ou não – quando os suprimentos da energia excessiva se forem. Eu reforço e continuarei reforçando essas coisas, porque uma das mensagens que sinto que tenho que transmitir – não como sermão, mas como uma demonstração escondida dentro da poesia – é de harmonias mais profundas e simplicidades mais profundas, que são essencialmente sanidades, embora pareçam irrelevantes, impossíveis, passado, futuro, ou agora. “Agora” é também uma ilusão. (SNYDER: 2010, p.208)

E isso se alia a uma projeção para o futuro:

A poesia zen e a chinesa demonstram que uma pessoa verdadeiramente criativa é mais verdadeiramente sã; que esta visão romântica do gênio louco é apenas mais um reflexo da loucura da nossa época. Em um mundo utópico, pós revolucionário, obviamente, os poetas não terão que ser loucos e todos, se quiserem, poderão se dar bem com seus pais; isto seria do jeito como as coisas são. Então, aspiro e admiro uma sanidade na qual, como em um ecossistema clímax, tem-se energia sobrando para se ir em direção a maiores desafios – o que significa coisas mais espirituais e mais profundamente físicas. O que não é negar o fato de que o comportamento insensato, tolo, doido, não seja divertido e útil. Em sociedades primitivas maduras, o elemento tolo irracional está presente e é apreciado. (SNYDER: 2010, p.220)

A recorrência ao zen budismo é a confrontação com o modelo de sociedade ocidental, já que nele valoriza-se contemplação, sabedoria, silêncio, revelação, tranqüilidade etc. Através do zen budismo de Snyder percebe-se também a retomada de

⁶ Algo que ele ainda busca atualmente, ao viver em uma casa que ele próprio construiu, numa floresta.

um sentido de comunidade, de tribo, de camaradagem mesmo. Os beats se enxergam como amigos solidários e, em Snyder isso pode ser visto claramente:

O que precisa ser construído são redes comunitárias – não necessariamente comunas ou nada fantástico. Quando as pessoas, de maneira simples, são capazes de definir certa unidade que os reúne e um compromisso para ficarem juntos por um tempo, podem começar a corrigir seu uso de energia e encontrar uma maneira de estarem mutuamente empregadas. E isto, é claro, traz um compromisso com o lugar, que significa relação correta com a natureza. (SNYDER: 2010, p.205-6).

Essas idéias de Snyder impregnaram os outros beats, exemplificando a convivência comunitária que ele defende, como em Ginsberg:

Para nós o mais importante não eram as afinidades literárias, mas o fato de formarmos uma autêntica comunidade, na qual todos se amavam muito. Eu tinha 18 anos quando conheci Kerouac, em 1944, e ele morreu em 1968. Hoje, William Burroughs e eu somos os remanescentes mais ativos daquele grupo. Estive com Burroughs poucas semanas atrás, quando ele veio à Califórnia visitar um filho. (...) O que contava realmente para a geração beat era a “camaradagem intensa e amorosa” a que se referia Walt Whitman em um texto de 1873 (Democratic Visas). Whitman escreveu que a democracia americana não poderia se desenvolver sem essa camaradagem, sem que houvesse afeição entre as pessoas – caso contrário, ela destruiria a si mesma. (TRIGO:1994, p.52)



Figura 10: Gary Snyder

Essa influencia do zen budismo pode ser claramente observada no personagem Japhy Ryder de Kerouack:

“O segredo desse tipo de escalada”, disse Japhy, “é como o zen. Não pense. Simplesmente dance de acordo com o ritmo. É a coisa mais fácil do mundo, aliás, é mais fácil do que andar em terreno plano, que é monótono. Probleminhas meigos se apresentam a cada passo e no entanto a gente nunca hesita e se vê um outra pedra escolhida sem nenhuma razão especial, igualzinho ao zen.” O que era mesmo. (KEROUAC: 2004, p. 69)

Enfrentar seus demônios, confrontá-los com os seus anjos, combater a “falta de humanidade”, como disse Gregory Corso, apontava para uma defesa da comunidade. Os beats foram, mais do que tudo, uma tribo! Souberam viver em comunidade e amaram-se

por isso, para cada um o outro era importante e sempre solicitado, como a referência de Kerouac a Cassady em “On the Road”:

O velho Dean se foi, pensei, e disse alto e bom som: “Tudo bem, isso não é problema para ele”. E lá fomos nós para o concerto triste e absurdo para o qual, é claro, eu não tinha estômago, e o tempo inteiro fiquei pensando em Dean e em como ele voltaria a pegar aquele trem e rodaria cinco mil quilômetros sobre aquela terra medonha e colossal sem jamais saber o motivo pelo qual viera, exceto para me ver.

Assim na América quando o sol se põe e eu sento no velho e arruinado cais do rio olhando os longos, longos céus acima de Nova Jersey e posso sentir toda aquela terra crua e rude se derramando numa única, inacreditável e elevada vastidão até a costa oeste, e toda aquela estrada seguindo em frente, todas as pessoas sonhando nessa imensidão, e em Iowa eu sei que agora as crianças devem estar chorando na terra onde deixam as crianças chorar, e você não sabe que Deus é a Ursa Maior? E a estrela do entardecer deve estar morrendo e irradiando sua pálida cintilância sobre a pradaria, reluzindo pela última vez antes da chegada da noite completa que abençoa a terra, escurece todos os rios, recobre os picos e oculta a última praia e ninguém, ninguém sabe o que vai acontecer a qualquer pessoa, além dos desamparados andrajos da velhice, eu penso então em Dean Moriarty, penso até no velho Dean Moriarty, o pai que jamais encontramos, eu penso em Dean Moriarty”. (KEROUAC: 1999, p.325-6)

Sem dúvidas, outro elemento que muito chamou a atenção sobre os beats e foi motivo de preconceitos e de críticas foi a questão sexual. A liberdade desse cenário marginal não poderia deixar de se estender aos relacionamentos sexuais, que marcariam profundamente os anos 1960. Nesse sentido, duas questões podem ser destacadas:

Em primeiro lugar, se a geração beat compreendeu um número bastante expressivo de pessoas, as mulheres sempre tiveram um lugar secundário e em algumas obras aparece:

MILO

Tudo bem Tommy...Você chega mais para a ponta aí, Tommy meu caro, isso mesmo, Buck senta no chão e então eu e meu velho amigo comprido Slim Summerville aqui podemos retomar nossa melhor de sete do campeonato mundial de xadrez (OLHANDO PARA VICKI)... Ah, é isso que eu gosto de ver de manhã, garotos e garotas. Tem café aí, Vicki?

VICKI

Tem um pouco, vou esquentar

MILO

Só um pouquinho de açúcar no meu, Vicki querida

VICKI

Sim *senhor*.

(KEROUAC: 2008,p.14)

(...) Claro, respondeu Japhy, com a voz engraçada que ele usava para contar piadas, uma grande, profunda e ruidosa imitação de um lenhador que ele conhecera no Noroeste, na verdade um guarda florestal, o velho Buernie Byers, “claro, venha conosco e nós todos vamos te foder a trezentos metros de altura”, e a maneira como ele disse aquilo foi tão engraçada e descompromissada, e na verdade séria, que a garota não ficou nem um pouco chocada e sim um tanto satisfeita. (KEROUAC: 2004,p.31)

Em segundo lugar, referências implícitas e muitas vezes explícitas ao homossexualismo são constantes em seus trabalhos. Neal Cassady aparece como uma

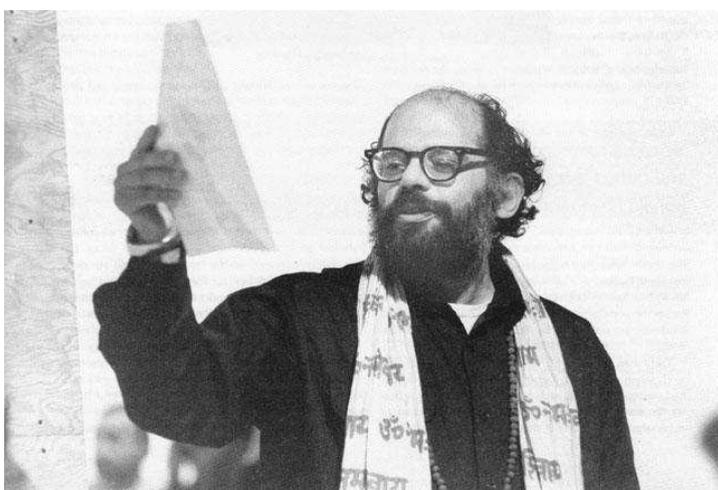


Figura 11: Allen Ginsberg

fonte de inspiração constante não apenas literariamente como também fisicamente: é inegável a paixão de Allen por ele e inclusive com relação ao próprio Kerouac.⁷

Para os beats falava forte a necessidade de experimentar alternativas ao tipo de sociedade moribunda que eles vivenciavam,

castradora e repressiva. Dessa forma, tudo aquilo que podia ser encarado como possibilidade de libertação poderia ser usufruído. Em primeiro lugar, salta aos olhos para um leitor dos beats, o homossexualismo principalmente através de Allen Ginsberg: “acredito que o melhor ensino é feito na cama” (WILLER: 2010, p.75). E aqui vale a pena ressaltar os trabalhos de Wilhelm Reich que não só influenciaram os beats como posteriormente a geração hippie. Nascido no Império Austro-Húngaro em 1897, Wilhelm Reich teve uma infância solitária, perdendo os pais aos 14 anos, e uma vida de contato íntimo com a natureza. Lutou na Primeira Guerra Mundial no exército alemão, para posteriormente estudar Medicina e Psiquiatria, tentando fazer uma associação com o pensamento freudiano e o marxismo.

Em seu “Escuta, Zé Ninguém”, Reich corporificou seu desprezo pelo indivíduo que caracteriza essa sociedade do pós guerra:

⁷ Aqui também os beats precederam os anos 60, principalmente na leitura e na prática de Wilhelm Reich.

Perguntas-me como sei eu tudo isto? Eu digo-te:
 Conheço-te. Experimentei-te e experimentei-me contigo. Como terapeuta libertei-te da tua mesquinhez, como educador orientei-te no sentido da tua mesquinhez, como educador orientei-te no sentido da espontaneidade, da confiança. Sei como te defendes da espontaneidade, sei o terror que te toma quando te pedem que sejas tu próprio, autêntico e genuíno. (REICH:1981, p.36)

Para Reich, a frustração sexual é o elemento que produz tal indivíduo doentio:

Um outro exemplo que demonstra a forma como destróis a tua liberdade: tu sabes e eu sei e todos sabemos que vives num estado de permanente frustração sexual; que facilmente encaras com avidez qualquer membro do outro sexo, que as conversas que tens com os amigos sobre temas sexuais se resumem ao repertório de anedotas obscenas; que, em suma, a tua imaginação é sobretudo pornográfica. Uma noite ouvi-te passar berrando com os teus amigos pela rua fora:

Nós queremos mulheres! Nós queremos mulheres! (REICH:1981, p.56);

Reich centrou seus estudos na questão sexual, afirmando que:

O indivíduo saudável não tem moralidade compulsiva pelo fato de não ter impulsos que possam requerer qualquer inibição moral... O coito com uma prostituta torna-se impossível. As fantasias sádicas desaparecem. Esperar o amor como um direito ou mesmo violar a companheira sexual seriam coisas inconcebíveis, como o seria, também, qualquer idéia de seduzir crianças. Perversões anais, exibicionistas ou quaisquer outras também desaparecem, e com elas, naturalmente, também a ansiedade social e os sentimentos de culpa. A fixação incestuosa nos pais e nos irmãos perde o seu interesse; isso libera a energia que estava presa nessas fixações. Em resumo, todos esses fenômenos indicam o fato de que o organismo é capaz de ser auto-regulador. (A Revolução Sexual, p.6) (RYCROFT,1971, p.28)

Assim, viver plena e livremente sua sexualidade é o principal caminho para a sanidade e, o contrário também seria verdadeiro, ou seja, a repressão sexual provocaria o desenvolvimento de uma personalidade autoritária. Dessa forma, o orgasmo tornou-se central em sua obra (como em “A Função do Orgasmo” e “A Revolução Sexual”), já que o sexo não satisfeito leva ao aparecimento de neuroses, ansiedades e sadismo. Os princípios da Economia Sexual podem ser resumidos da seguinte forma ⁸:

1. A saúde mental depende da capacidade de experimentar o orgasmo, no significado psicossomático que Reich dá ao termo.

⁸ Para ver as críticas à visão de Reich leia-se o texto de Rycroft (1971), que não serão alvo de comentários aqui.

2. A doença mental é o resultado da inibição da capacidade de experimentar o orgasmo.
3. A inibição da capacidade orgástica é instituída e mantida pela armadura de caráter, que é uma estrutura psicológica defensiva.
4. A armadura de caráter é representada fisiologicamente por tensão muscular e perturbações postura.
5. A armadura de caráter desenvolve-se dentro do indivíduo em reação às pressões externas que antagonizam a expressão sexual.
6. Essas pressões anti-sexuais nascem dentro de uma forma específica de família, a “família autoritária”, que não se mantém unida pelo amor parental, mas pelo uso opressivo e repressivo do poder por parte do pai.
7. Esta forma de família só ocorre em sociedades patriarcais e é uma das técnicas usadas por tais sociedades para produzir uma população submissa, incapaz de se rebelar contra seus governantes. (RYCROFT,1971, p.44)

Uma sociedade repressora gera indivíduos reprimidos e doentes, que se escondem atrás de uma “armadura de caráter”:

Os indivíduos são treinados, desde a sua infância, para serem falsamente modestos, intencionalmente apagados e mecanicamente obedientes, treinados para suprimir suas energias instintivas naturais. Como resultado disto, o estudo de caráter da maioria “corresponde aos interesses dos governantes políticos e econômicos” (A Revolução Sexual, p. XX) In (RYCROFT,1971, p.49)

Indivíduos doentes e reprimidos são mais facilmente controlados por uma sociedade elitista e repressora. Portanto, controlar o sexo é fundamental para se evitar contestações sociais e, por outro lado, a luta pela liberdade é, também e fundamentalmente, a luta pela liberdade sexual”. (HIGGINS IN RYCROFT,1971, p.44)

A influência de Reich nos beats nos é trazida por Willer (2010, p.74):

Na prolongada relação de Ginsberg e Orlovsky, sessões a três, acompanhados por uma mulher, e orgias foram um padrão regular. Tais episódios não são apenas petite histoire, circunstancial. Correspondem ao pansexualismo, uma ideologia valorizando o sexo, atribuindo-lhe alcance político e peso ontológico. Estão ligados ao prestígio ganho na época pelas idéias de Wilhelm Reich sobre a existência de uma energia ao mesmo tempo sexual e cósmica, e sobre a relação entre autoritarismo e repressão sexual.

Independentemente do balanço de erros e acertos, Reich merece ser reconhecido pela contribuição ao promover a aceitação do corpo nas práticas terapêuticas e como militante e mártir da liberdade sexual.

A obra de Ginsberg, em particular, reflete a sensibilidade homo-erótica, em particular sua paixão por Neal Cassidy:

Que foram transar em Colorado numa miríade de carros roubados à noite, N.C., herói secreto destes poemas, garanhão e Adônis de Denver – prazer ao lembrar suas incontáveis trepadas com garotas em terrenos baldios & pátios dos fundos de restaurantes de beira de estrada, raquíticas fileiras de poltronas de cinema, picos de montanha, cavernas ou com esquiladas garçonetes no familiar levantar de saís solitário à beira da estrada & especialmente secretos solipsismos de mictórios de postos de gasolina & becos da cidade natal também. (GINSBERG: 1999, p.33)

Ou, ainda mais explicitamente: “Meigo Espírito, obrigado por me teres tocado com mãos meigas / Quando eras jovem, num corpo belo, / Toque tão puro que era esperança além da carne ilusória.” (GINSBERG: 1987, p 79):

AS CINZAS DE NEAL

Olhos delicados que piscavam azuis Rochosas tudo cinzas
mamilos, Costelas que eu tocava com meu dedo agora cinzas
boca que minha língua tocou uma vez ou duas tudo cinzas
faces ossudas macias no meu ventre agora cinzas
orelhas & pálpebras, ponta de pica juvenil, púbis crespa
peito quente, mão de homem, coxa adolescente,
bíceps de beisebol, cu sedoso de unguentos
tudo cinzas, cinzas outra vez.

Agosto de 1968

(GINSBERG: 1987, p 103)

Sem dúvidas, a luta por igualdade de direitos dos homossexuais muito deve a Ginsberg, que algumas vezes chegou a tirar as roupas em público, a exemplificar algum sentido de sua poesia.

Em se tratando de radicalismos, o nome de William Burroughs (1914-1997) sempre se destacou: embora se recusasse a ser classificados como beat, foi um transgressor por natureza:

O exercício de poder para os seus próprios fins é precisamente a máquina de destruição. Isso parece ser algo que possuímos através da história, o que de certa forma é verdade. A diferença é uma questão de intensidade. A antiga força, de um general matar o seu governador de província através da sua mesa com um tiro, tem um limite de alcance, e ao menos uma medida de auto-preservação. Confundir essa força antiga com as manifestações insanas de controle que possuímos atualmente no planeta é o mesmo que confundir um pequeno machucado com um câncer terminal. É o mesmo que preservar uma medida de moderação, ou ao menos de auto-preservação, do vírus da raiva que morre junto com o hospedeiro, missão cumprida. O que vemos agora é o poder exercido puramente para fins destrutivos. Saibam ou não disso, os controladores atuais estão direcionados para a destruição. (COHN: 2010, p.169)

Mergulhando fundo nas transgressões, tanto intelectual quanto na vida pessoal, alimentando experiências das mais radicais, como indo de antropólogo formado em Harvard quanto a de ladrão de becos escuros, e as experiências bizarras como quando matou a esposa ao tentar acertar um copo sobre sua cabeça. No entanto, seu nome destacou-se facilmente pela relação com as drogas, a partir de “Almoço Nu” e “Junk”, onde a abordagem de Burroughs sobre as drogas é direta, brutal:



Figura 12: David Bowie e William Burroughs

Vivia num quarto no Bairro Nativo de Tânger. Não tomava banho há um ano, nem trocava minhas roupas ou as tirava do corpo, exceto para espetar uma agulha de hora em hora na carne de madeira fibrosa e cinzenta do vício terminal. Nunca limpei ou espanei o quarto. Caixas de ampolas vazias e lixo se empilhavam até o teto. Luz e água tinham sido cortados há tempos por falta de pagamento. Eu não fazia absolutamente nada. Conseguia olhar para a ponta dos meus sapatos durante oito horas seguidas. Só me movia quando terminava a dose de *junk*. Se um amigo vinha me visitar – e raramente alguém aparecia, pois quem ou o que restava para ser visitado? – eu ficava ali sentado, sem me importar que ele tivesse entrado no meu campo visual – uma tela cinza cada vez mais pálida e fraca – ou que saísse do campo. Se morresse ali na minha frente, eu ficaria olhando para o meu sapato, esperando para revistar seus bolsos. Você não? Pois eu nunca tinha suficiente droga – ninguém jamais tem. Trinta grãos de morfina por dia e ainda não era o bastante. E longas esperas em frente da *drugstore*. O atraso é uma regra no negócio da droga. O Homem nunca chega na hora. E não é por acaso. Não existem acasos no mundo da droga. O viciado aprenderá vezes seguidas exatamente o que acontece se ele não juntar o suficiente para sua razão de droga. Arranje o dinheiro ou então... E de repente meu vício começou a crescer e crescer. Quarenta, sessenta grãos por dia. E ainda não bastava. E eu não podia pagar. (BURROUGHS:1992, p.8)

Também sua prática de experimentação deve ser colocada em confronto com sua visão ácida da política, responsável pela alienação dos jovens através das drogas, desmobilizando seu potencial libertário e fazendo com que a repressão apareça como consequência das leis anti-drogas. Ou seja, para ele trata-se de uma sociedade que destrói o seu próprio potencial desde a infância:

Em primeiro lugar, família significa que as crianças são criadas pelas mulheres. Em segundo, significa que qualquer tipo de problema que os pais sofram – qualquer tipo de neurose ou confusão – é imediatamente passado para uma criança indefesa. Todo mundo considera que os pais

possuem o direito de infringir nas crianças qualquer tipo de problemas perniciosos que sofram, e que por sua vez foram passados a eles pelos seus próprios pais.

Então a humanidade é estropiada já na infância, e isso é feito pela família. Mais do que isso, as nações, os países, são meras extensões das famílias, e se existe algo que impede o progresso do mundo são as nações. Não iremos chegar em nenhum lugar enquanto essa unidade ridícula não seja desfeita. (BURROUGHS:2010, p.8)

Portanto, consciente de sua crítica radical a uma sociedade dominada pela tecnologia e pulsão pela morte, seus escritos se assemelham mais a tratados sobre as diversas drogas que usou do que à sua apologia:

Nem venhamos com moralizações antecipadas. O limite aqui é composto pela membrana frágil que recobre a pulsação febril de uma vida. Que instituição, que metafísica vale mais que essa latência irrequieta, que esse ardor efêmero e encabulado? A lógica implacável da repressão policial tem o seu avesso simétrico na ganância espúria do traficante. Comprimido entre os dois, o viciado é a presa universal, o pária por excelência da sociedade, vista de cima para baixo ou de baixo para cima. Quanto a si mesmo, ele é a presa da droga, reduzido à compulsão do seu vício. Sua vida não é mais dirigida pelas sensações, pela emoção e pela dúvida. Só pela sede. Como relata Burroughs: “Esqueci o amor, a agudez de todos os prazeres do corpo, sou um espectro cinza aderido à droga.” Sua narrativa aniquila todo o charme de que certos meios pretendem cercar a figura do viciado, reforçando o processo de sua desumanização. Não há nenhuma verdade definitiva sobre a agonia do vício, nem beleza de espécie alguma: só sede, angústia e medo. (SEVCENKO: 1992, p.4)

A experiência vivida transparece num tom professoral, já que ele era considerado o “orientador” dos beats:

Vi exatamente como opera o vírus da droga durante quinze anos de vício. A pirâmide da droga, em que cada nível devora os que estão abaixo (não é por acaso que os “de cima” sejam sempre gordos enquanto o viciado de rua é sempre magro) e assim até o cume ou cumes, pois existem muitas pirâmides de droga alimentando-se dos povos do mundo e todas construídas sobre os princípios básicos do monopólio:

Nunca dê nada de graça.

Nunca dê mais do que você precisa dar (sempre apanhe o comprador faminto e sempre o faça esperar).

Sempre que puder, tome tudo de volta.

O traficante sempre consegue tudo de volta. O viciado precisa de cada vez mais droga para manter a forma humana...comprar seu próprio “bode”. (BURROUGHS:1992, p.6)

Ou seja, a proliferação das drogas é algo que des-potencializa a rebeldia – juvenil – em nossa sociedade, produzindo doença, alienação e criminalização, ao mesmo passo em que enriquece seus setores mais privilegiados.

CONCLUSÃO

A importância da geração beat é notória num contexto de contracultura que marcou a década de 1960 nos Estados Unidos e no resto do mundo pois, se Jack Kerouac se recolheu, bebendo até a morte e se voltando a valores considerados



Figura 13: Bob Dyla e Ginsberg visitam túmulo de Kerouac

conservadores e reacionários, o inverso acontece com Allen Ginsberg que veio a se tornar uma espécie de guru para a geração hippie e continuou descontentando ambos os lados da Guerra Fria, ao atacar também a falta de liberdade que caracterizava o socialismo soviético. Ou seja, para ele não se tratava de assumir o socialismo como bandeira de luta, mas igualmente de lutar pela liberdade individual, contra os preconceitos de todos os tipos: sexo, religião, cor, credo etc. Simplesmente ao

vermos uma imagem de Ginsberg com Bob Dylan visitando o túmulo de Kerouac podemos nos dar conta da dívida que todos os que prezam a liberdade e a vida têm para com ele.

REFERÊNCIAS

- ALMINO, João. O Silêncio do lobo. In **Folha de São Paulo**, 13/1br/1997.
- BUKOWSKI, Charles. **Hollywood**. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- BUKOWSKI, Charles. **Notas de um velho safado**. Porto Alegre: L&PM, 1991.
- BURROUGHS, William. **Almoço Nu**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- BURROUGHS, William. A Linguagem é um vírus. In COHN. Sergio (org.). **Geração Beat**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.
- CASSADY, Neal. **O primeiro terço**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- COHN. Sergio (org.). **Geração Beat**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.
- FERLINGHETTI, Lawrence. **Um Parque de Diversões da Cabeça**. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- GINSBERG, Allen. A arte da poesia. In COHN. Sergio (org.). **Geração Beat**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.
- GINSBERG, Allen. **A Queda da América**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- GINSBERG, Allen. **Uivo, Kaddish e outros poemas**. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- GOES, Fred & BUERNO, André. **O que é Geração Beat**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- KEROUAC, Jack. **Geração Beat**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- KEROUAC, Jack. **On the Road**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- KEROUAC, Jack. **Os Vagabundos Iluminados**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- REICH, Wilhelm. **Escuta, Zé Ninguém**. Lisboa: Martins Fontes, 1981.
- RYCROFT, Charles. **As idéias de Reich**. São Paulo: Cultrix, 1971,
- SEVCENKO, Nicolau. Sabor de Veneno. In BURROUGHS, William S. **Almoço nu**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- SNYDER, Gary. Meditar e varrer o jardim. In COHN. Sergio (org.). **Geração Beat**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.
- TRIGO, Luciano. Allen Ginsberg. In **O Globo: grandes entrevistas, os escritores**. São Paulo: Globo, 1994.
- WILLER, Claudio. **Geração Beat**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- WILLER, Claudio. Introdução. In GINSBERG, Allen. **Uivo, Kaddish e outros poemas**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

FIGURAS:

Figura 1:

Disponível em http://www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=1287. Acesso em 09 mar 2011.

Figura 2:

Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Macartismo>. Acesso em 09 mar 2011.

Figura 3

Disponível em <http://www.colband.com.br/ativ/nete/cida/linh/temp/crise29.htm>. Acesso em 09 mar 2011.

Figura 4:

Disponível em <http://beatnews.jackmagazine.com/wp-content/uploads/2009/04/one.jpg> . Acesso em 09 mar 2011.

Figura 5:

Disponível em <http://www.nndb.com/people/198/000085940/>. Acesso em 09 mar 2011.

Figura 6:

Disponível em http://www.fridge.gr/wpcontent/uploads/2010/10/jack_kerouac_on_the_road.jpg . Acesso em 09 mar 2011.

Figura 7:

Disponível em <http://www.britannica.com/blogs/wp-content/uploads/2007/09/image.jpg>. Acesso em 09 mar 2011.

Figura 8:

Disponível em <http://bigthink.com/ideas/21148> . Acesso em 09 mar 2011.

Figura 9:

Disponível em content.artofmanliness.com/uploads/2008/05/dharma_bums.jpg. Acesso em 09 mar 2011.

Figura 10:

Disponível em <http://www.ianclaridge.co.uk/blog/?cat=23&paged=7>. Acesso em 09 mar 2011.

Figura 11:

Disponível em http://blog.cleveland.com/top_entertainment/2007/08/medium_burroughs.jpg. Acesso em 09 mar 2011.

Figura 12:

Disponível em http://4.bp.blogspot.com/_lIGrOV1 IEA/R8dQDp2oo1I/AAAAAAAAAgk/Vowban6577Q/s400/burroughs3.png . Acesso em 09 mar 2011.

Figura13:

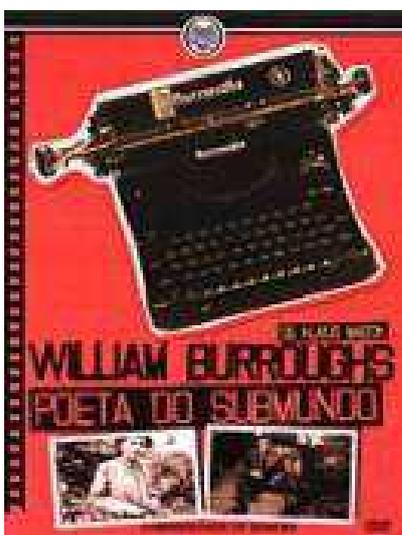
Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=BAzm0eEANMQ>. Acesso em 09 mar 2011.

PARA SABER UM POUCO MAIS SOBRE OS BEATS:**ALGUNS SITES A SEREM PESQUISADOS:**

<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2811,1.shl>

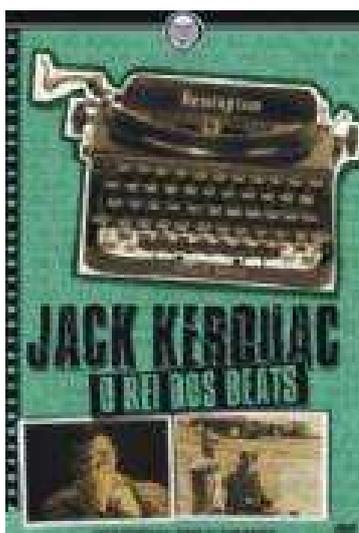
<http://paginas.terra.com.br/arte/literaturabeat/resenhas.html>

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2008200604.html>

FILMES SOBRE A GERAÇÃO BEAT:

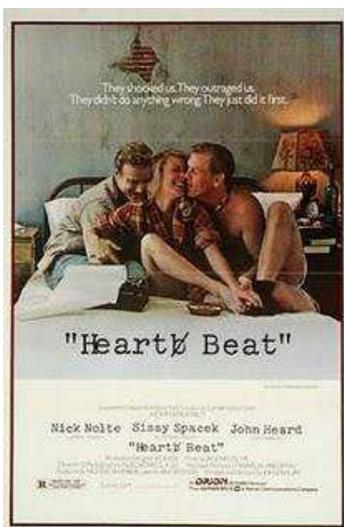
William Burroughs, poeta do submundo

Dir: Klaus Maeck (1991)



Kerouac, o rei dos beats

Dir: John Antonelli (1984)

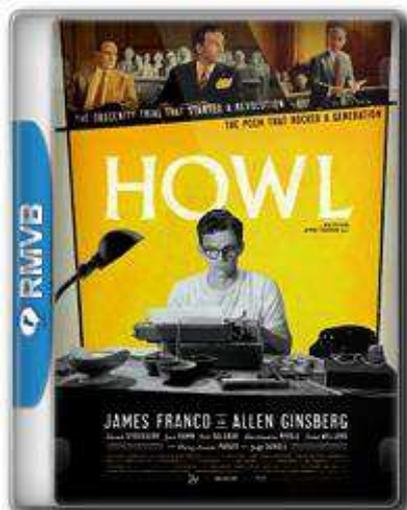


Os Beatniks

(EUA: 1980, 109 min.)

Diretor: John Byrum

Elenco: Sissy Spacek, Nick Nolte, John Heard, Ray Sharkey, Anne Dusenberry, Tony Bill, Margaret Fairchild, Kent Williams, Stephen Davies, Jenny O'Hara, Ray Vitte.



Howl,

(EUA: 2010)

Dir.: Rob Epstein e Jeffrey Friedman

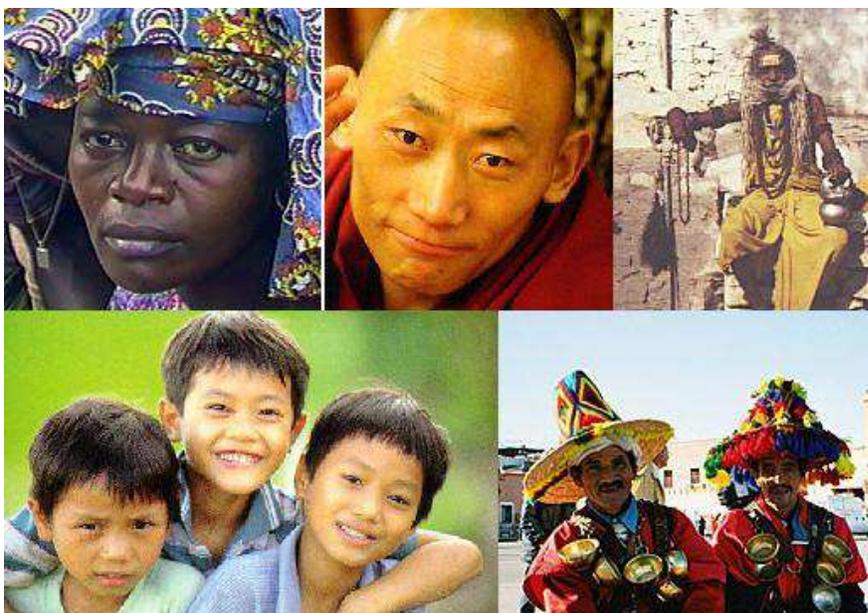
Elenco: James Franco, Jon Hamm, Aaron Tveit, David Strathairn, Alan Alda, Jeff Daniels, Mary-Louise Parker e Paul Rudd.

MULTICULTURALISMO E GLOBALIZAÇÃO: DUAS FACES DOS MOVIMENTOS INDÍGENAS NA AMÉRICA LATINA

Faustino Teatino Cavalcante Neto¹

1. SOBRE *MULTICULTURALISMO* E *GLOBALIZAÇÃO*

Refletir sobre o *multiculturalismo* é pensar sobre a idéia da *diferença* nas nossas sociedades; remete a um discurso em defesa da *diversidade* de formas de vida nas sociedades atuais. No *multiculturalismo* se pretende a convivência, em um país, região ou local, de diferentes culturas e tradições e, portanto, o reconhecimento da não-homogeneidade étnica e cultural. Pretende-se o pluralismo cultural, pois se aceita os diversos pensamentos sobre um mesmo tema, abolindo o dito único. Deseja-se o diálogo entre as culturas diversas para a convivência pacífica e com resultados positivos às mesmas.



Fonte: http://html.rincondelvago.com/multiculturalismo_1.html

¹ Professor de História da América do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).



Will Kymlicka

O filósofo canadense Will Kymlicka (1995) identifica três tipos de *multiculturalismo*, a saber: o multiculturalismo como comunitarismo; o multiculturalismo dentro de uma estrutura liberal; e o multiculturalismo como uma resposta à construção do Estado.

Segundo ele, o primeiro pode ser descrito a partir da idéia de minorias *versus* a concepção do individualismo liberal. Alguns isolacionistas querem defender seu estilo de vida incondicionalmente e são considerados radicais. De acordo com o autor, o extremismo desta corrente pode levar a restringir as liberdades individuais e, conseqüentemente à opressão de alguns grupos dentro das comunidades culturais. Por exemplo, em algumas culturas as mulheres são forçadas a se casar e obrigadas a ficar em casa.

A segunda linha de pensamento e ativismo defende que os grupos em desvantagem devem ser incluídos socialmente, no entanto, sem abrir mão de suas *diferenças*. Neste caso, o multiculturalismo é compatível com a democracia e os princípios liberais. O autor denomina este tipo de “cultural liberal”.

Os adeptos do terceiro tipo defendem a criação de instrumentos específicos para “pluralizar” o Estado. Isto é, o Estado liberal tradicionalmente considerado neutro, na verdade não é neutro e gera a dominância de um grupo homogêneo e a exclusão de todos os outros. Existe implícita aqui a idéia de reconstrução de um projeto que não deu certo e, portanto, não simplesmente a sua negação ou a inclusão dos excluídos como no primeiro e segundo caso.

Kymlicka destaca dois pontos principais que devem ser resguardados e respeitados: as liberdades individuais dentro dos grupos e as relações igualitárias entre os diferentes grupos.



Joanildo Albuquerque Burity

Já Burity (1999) observa que para entendermos a crescente sensibilidade para o tema da *diferença* e sua articulação em termos socioculturais sob a forma de uma reivindicação de direitos para grupos “subordinados”, se faz pertinente observar dois aspectos da cultura

ocidental. O primeiro diz respeito a matriz colonialista e imperialista que se difundiu mundo afora entre os séculos XVI e início do século XX, levando com ela modelos de organização social, desenvolvimento e mudança política que em larga medida se institucionalizaram no atual sistema de Estados Nacionais e numa economia mundial dominada pelo capitalismo. Práticas, valores e instituições historicamente construídas a partir da modernidade europeia e estadunidense se espalharam pelo mundo, tornaram-se ideais de progresso e emancipação, procurando se impor onde à resistência se fez mostrar. Como tarefa, tais Estados Nacionais encarregaram-se de procurar dobrar a resistência, forjando uma uniformidade que atendia pelo apelo da *Nação* em busca de seu futuro no “mundo moderno”, atribuindo lugares aos que se posicionavam – contra ou a favor – frente às formas concretas de implementação destes projetos de modernização. Este avanço do Ocidente que levou ao modelo do Estado Nacional e à trajetória da modernização representa o grau zero das disputas multiculturais.



Estados Nacionais na América Latina.

www.mundovestibular.com.br/.../Paacutegina1.html



Charge onde se representa a Inglaterra e seu imperialismo.

professoraclara.com/neocolimp.htm

O segundo aspecto é que a história do século XX foi acumulando uma crescente desconfiança ou recusa aos modelos modernizadores – tanto liberais como socialistas. Tais modelos sofreram, a partir dos anos 1960, uma importante inflexão através de movimentos sociais e intelectuais de contestação política e

cultural, ocorridos em várias partes do mundo, os quais contribuíram para deslegitimar, questionar e enfrentar a idéia hegemônica de Ocidente. Este posicionamento crítico se expressou na emergência de novas formas de identificação coletiva – povos “indígenas”, afros-descendentes, mulheres, homossexuais, ecologia, pacifismo, juventude, movimentos religiosos – e novas formas de pensamento, que puseram em questão o etnocentrismo e o caráter excludente da ordem liberal vigente. A emergência destas formas sociais e intelectuais que leva à afirmação da pluralidade de esferas públicas, dos direitos dos grupos historicamente excluídos social ou culturalmente, representa o primeiro momento de emergência de bandeiras multiculturais.

Desse modo, as discussões acerca do multiculturalismo acompanham os debates sobre o pós-modernismo e sobre os efeitos da pós-colonização na cena contemporânea, o que se verifica de forma mais evidente a partir dos anos 1970.

Mais recentemente, entretanto, uma nova onda de expansão ocidental tem se verificado, a qual é capturada pela idéia de *globalização*². Segundo Featherstone (1995, p. 95-96) duas modalidades se apresentam em face à *globalização*: a associada à emergência/afirmação dos Estados Nacionais e seus símbolos e cerimônias; outra que reflete pressões para que os Estados Nacionais reconstituam suas identidades coletivas em moldes pluralistas e multiculturais, que confirmem espaço para diferenças regionais e étnicas. Nesse sentido, o que se verifica é que o caráter da *globalização* parece intensificar os dois aspectos acima mencionados, ao mesmo tempo em que reforça o paradoxo entre suas duas modalidades. Pois, ao mesmo tempo em que a *globalização* representa certa forma de interconexão e interpenetração entre regiões, Estados Nacionais e comunidades locais que está marcada pela hegemonia do capital e do mercado,

² Giddens (1990) define *globalização* como “(...) a intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice versa”. Santos (2002) observa que uma revisão dos estudos sobre os processos de *globalização* mostra-nos que estamos perante um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo. Diz ainda que a *globalização* das últimas três décadas, em vez de se enquadrar no padrão moderno ocidental de *globalização* – *globalização* como homogeneização e uniformização – parece combinar a universalização e a eliminação de fronteiras nacionais, por um lado, o particularismo, a diversidade local, a identidade étnica e o regresso ao comunitarismo, por outro.

ela também se faz acompanhar por uma potencialização da demanda por singularidade e espaço para a diferença e o localismo. O discurso multiculturalista, neste sentido, tanto se beneficia como impulsiona a globalização, embora em direções nem sempre favoráveis às falas dominantes sobre a mesma.

A *globalização* do capital e a circulação intensificada de informações, com a ajuda de novas tecnologias, longe de uniformizar o planeta (como propalado por certas interpretações fatalistas), trazem consigo a afirmação de identidades locais e regionais, assim como a formação de sujeitos políticos que reivindicam, a partir das garantias igualitárias, o direito à diferença.

2. SOBRE OS MOVIMENTOS “INDÍGENAS”³ NA AMÉRICA DO SUL



Manuel Castells

ordem global.

Castells (1996), afirma que ao mesmo tempo em que a globalização está transformando nosso mundo, encontra-se também privando as sociedades de direitos políticos e privilégios. Ainda segundo o autor, frente a tal processo surge uma resistência em forma de projetos alternativos que contestam a lógica inerente a essa nova

É nesse quadro que observamos que o último terço do século XX encontra-se marcado na América Latina pela emergência de vários movimentos étnicos que têm a força de mostrar os profundos limites do sistema democrático constituído a partir do ideal de Estado-Nação. O exemplo mais evidente no quadro latino-americano pode ser tomado como sendo o dos camponeses “indígenas” do estado de Chiapas (México). Coincidindo com a entrada em vigor do NAFTA (Tratado de

³ É pertinente uma observação sobre essa categoria utilizada para falar dos habitantes nativos do continente chamado América. A palavra “índio”, para além de sua capacidade generalizante, também se converteu em sinônimo de colono da América e em seguida de escravo de fazenda. Desse modo, pelo processo de pretensa dominação colonial, “índio”, em grande parte da América, é uma palavra carregada de menosprezo. Ultimamente, as organizações preferem se autodenominar de “povos nativos”, uma vez que a palavra “indígena” também trás consigo esta significação.

Livre-Comércio entre México, EUA e Canadá)⁴, a 1º de janeiro de 1994, um grupo de três mil camponeses “indígenas”, dentre homens e mulheres, denominado *Exército Zapatista de Libertação Nacional*, iniciou uma rebelião armada no Estado de Chiapas, na região sul – o mais pobre do país. A maioria dos integrantes do grupo era de nativos oriundos de diversos grupos étnicos, embora houvesse também mestiços, e alguns de seus líderes, especialmente seu porta-voz, o subcomandante Marcos, eram intelectuais de origem urbana.



Rodrigo Montoya Rojas

O antropólogo peruano Rodrigo Montoya Rojas (1998) destaca que o sucesso do *Movimento Zapatista de Libertação Nacional*, no México, foi decisivo para outros movimentos em que países de forte composição “indígena” como Guatemala⁵, Nicarágua⁶,

⁴ O golpe de misericórdia deferido contra a frágil economia das comunidades camponesas veio quando as políticas de liberalização da economia mexicana dos anos 90, durante a fase de preparação para ingresso no NAFTA, aboliram as barreiras alfandegárias sobre importações de milho e acabaram com o protecionismo dos preços do café. A economia local, baseada na silvicultura, criação de gado e culturas de café e de milho fora desmantelada. Cf. Castells (1996).

⁵ A Guatemala hoje, cinco séculos depois da presença espanhola na América Central, está dividida em duas: a da população extremamente pobre, integrada pelo coletivo “indígena” (basicamente Maia) e a da população mais próspera mestiça (descendentes dos colonizadores espanhóis). Como em quase todos os territórios pós-coloniais, as diferenças culturais são motivos de discriminação e divisão. Com a missão de trabalhar essa discriminação e de recuperar, melhorar e reforçar a identidade, a cultura, pensamento e visão de mundo dos maias, a Defensoria Maia (DEMA) surgiu em 1990 como um poderoso defensor dos direitos humanos desses “indígenas”, estruturado com um escritório central na Cidade da Guatemala e filiais em 10 regiões. A equipe de

Equador⁷, Peru⁸ e Bolívia⁹ desafiassem o monolítico poder dos Estados-Nações, formados com base na exclusão dos “indígenas”. Entre as principais reivindicações destes movimentos “indígenas” na América Latina estão: as lutas pelo reconhecimento de seu território, pelo direito à *diferença* (defesa de sua cultura, de sua língua), de sua dignidade e o respeito que merecem enquanto povos. Reivindicações essas que não aparecem nos postulados de organizações e partidos políticos de direita ou de esquerda.

No que diz respeito ao território, Rojas (1998) observa que não se trata apenas de uma parcela de terra reclamada para uma família ou para um indivíduo na concepção ocidental clássica. Trata-se de uma vasta extensão de um território multiétnico onde é possível a vida e a reprodução cultural de um ou mais povos

especialistas dessa associação está derrubando as barreiras políticas, legais e sociais que impedem aos maias de exigir seus direitos constitucionais.

⁶ O Movimento Indígena da Nicarágua (MIN) foi fundado no primeiro semestre de 1993, através de um processo de base que incluiu reuniões, consultas em nível comunitário, regional, departamental e regional. O motivo foi a necessidade de lutar por direitos consuetudinários e coletivos dos povos “indígenas” e a necessidade de aumentar a visibilidade destes povos e, portanto, chegar ao governo exigindo políticas públicas que os beneficiassem. Tem como missão fortalecer a unidade e a solidariedade entre os povos indígenas a nível nacional e internacional através da compreensão, respeito e integridade moral e espiritual. Com isso, se estabeleceu como uma referência do diálogo entre os povos indígenas da Nicarágua, para reivindicar as políticas públicas para gerir o respeito, a promoção dos direitos dos povos indígenas, a propriedade comunal, o sistema de organização da comunidade, os recursos naturais, a identidade cultural e a cosmovisão dos povos indígenas e comunidades étnicas. Cf. <http://www.cicaregional.org/leer.php/3960693>

⁷ No Equador as elites criollas criaram um Estado-nação que marginalizou as maiorias “indígenas”, que constituem cerca de metade da população do país. Aos “índios” eram negados direitos fundamentais: o acesso às suas terras ancestrais e à educação na sua própria língua. Numa palavra, não existiam enquanto povo. A década de 1990 começou no Equador com o levantamento “índio” de Inti Raymi, assim denominado porque coincidiu com a Festa do Sol andina. Durante toda uma semana, as comunidades serranas cortaram estradas, cercaram cidades, encerraram mercados e irromperam na capital, Quito, cujas principais reivindicações são: direito a terra e efetivação de um Estado plurinacional, sendo esta a sua reivindicação principal. Luís Macas, então dirigente da Confederação das Nacionalidades Indígenas do Equador (CONAIE), criada em 1986, assinalou que foi aquela a primeira vez que os índios se tornaram visíveis para os poderes dominantes. Cf. Zibechi, 2002.

⁸ Sobre o caso do movimento “indígena” no Peru ver DELGADO, Ana Carolina e LEMGRUBER, Sílvia. 2006.

⁹ Na Bolívia, desde 1978 os partidos “indígenas” (chamados de kataristas e indianistas) participam das disputas eleitorais, mas sem sucesso. Desde a conquista do direito de voto, na Revolução Nacionalista dos anos 50, o eleitor indígena boliviano tendia a votar freqüentemente no Movimento Nacional Revolucionário (MNR). Porém, nas eleições de 2002, os setores camponeses e “indígenas”, representados pelos líderes indígenas de esquerda, como Evo Morales e seu partido Movimento ao Socialismo (MAS), assim como pelo aimará de esquerda Felipe Quispe, do Movimento Indígena Pachakuti, atingem uma representação de 31% no Congresso. E, nas eleições presidenciais de 2004, o MAS consegue eleger como Presidente da Bolívia o indígena aimará Evo Morales. Cf. Zibechi, 2002.

“indígenas”. A noção de propriedade era estranha aos povos nativos no momento anterior a conquista ocidental na América, no entanto, o reconhecimento legal das comunidades “indígenas” não poderá ser feita sem a noção de propriedade. Desse modo, os “indígenas” reivindicam o caráter coletivo dessa propriedade. Ao mesmo tempo a noção de território cria sérias dificuldades entre militares e diplomatas encarregados de defender a soberania dos Estados-Nações. Isso porque a reivindicação territorial lhes parece um atentado contra a unidade do Estado-Nação visto que supõem que os povos “indígenas”, ao reivindicarem um território para si, desejam criar outro Estado-Nação, o que os tornariam cúmplices na formação de estados vizinhos.

Já em se tratando da defesa da língua e da cultura, Rojas (1998) ressalta que ela se expressa com toda nitidez nas batalhas que as organizações “indígenas” lideram para obter programas de educação bilíngüe e intercultural e, desse modo, escapar da educação oficial imposta pelo estado, como se o castelhano fosse o idioma materno de todos os habitantes do país.

Esse antropólogo também destaca que esses povos “indígenas” lutam ainda pela dignidade e respeito e diz que quando os dirigentes do Conselho Aguaruna-Huambisa¹⁰ no norte da Amazônia peruana perguntam “Devemos ser iguais a quem e por quê?” e quando afirmam que se sentem peruanos, que são peruanos, mas que querem continuar sendo Aguarunas e Huambisas, questionam o caráter etnocêntrico do ideal de igualdade proposto como universal pela Revolução Francesa de 1789 e defendem o direito de se diferenciar. Reivindicam, conseqüentemente, uma cidadania étnica, uma dupla cidadania: a do Estado-Nação e a do povo “indígena” a que pertencem. Quando em todas as suas partes os movimentos “indígenas” reclamam a defesa de seus territórios, de suas línguas e de suas culturas, o que estão pedindo é o reconhecimento de um direito coletivo, não previsto na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, da Revolução Francesa.

¹⁰ O Conselho Aguaruna-Huambisa é uma federação “indígena” que representa os grupos étnicos dos Aguaruna e dos Huambisa que habitam a Região Amazônica Peruana.

A igualdade formal de todos os indivíduos dentro da ideologia do Estado-Nação parece suficiente, mas esconde uma profunda desigualdade de oportunidades para que os povos exerçam plenamente seus direitos.

Levando em conta os grupos étnicos e avaliando cada uma de suas reivindicações, torna-se inevitável questionar o caráter etnocêntrico das noções de igualdade e universalidade. O conceito de igualdade é um dos ideais mais extraordinários criados pela modernidade. De fato, os homens e as mulheres do mundo não são iguais. Possuímos uma estrutura biológica diversificada e profundas diferenças culturais e sociais. No entanto, na busca pela igualdade, assume-se inevitavelmente uma parte dos seres humanos como modelo a ser seguido por todos. Se o modelo deve ser o ocidental, então um fragmento se converte em universal e o ideal de igualdade se torna uma sobra que impede enxergar o gravíssimo problema da dominação.

Na luta pela igualdade, até agora, não houve espaço para a *diferença*. A ideologia do Estado-Nação busca um estado, uma nação, uma cultura, um idioma. Como a realidade é complexa, diversa, multiétnica e plurilíngüe, é fácil submeter e reduzir o múltiplo ao uno. Em mais de duzentos anos – desde a fundação dos Estados Unidos até hoje – a realidade é mais forte que o ideal de redução dos Estados-Nações. A homogeneização como proposta política imposta por todos os meios ganha terreno, “submete” e faz desaparecer muitos povos, mas não a todos. Agora as organizações indígenas defendem o direito de serem diferentes. Conseqüentemente, questionam a noção etnocêntrica de igualdade, imposta pelos países ocidentais.

O que esses movimentos reivindicam não é o rechaçamento do ideal de igualdade, impondo em seu lugar o ideal da diferença. Trata-se, ao contrário, da busca de um ideal em que a igualdade, num conjunto de direitos de todos os homens e mulheres do mundo, coexista com o direito à diferença dos povos “indígenas”. Dito de outro modo é possível ter uma visão diferenciada da igualdade a partir dos direitos de viver, trabalhar, organizar-se e ser livre, abrindo um claro e legítimo espaço para a diferenciação no campo da cultura, da língua e

da religião. Não temos porque aceitar a aparente ausência de conciliação entre o individual e o coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURITY, Joanildo A. **Globalização e Identidade: Desafios do Multiculturalismo**. In: I Conferência Latino-Americana e Caribenha de Ciências Sociais, Recife. 1999.

CASTELLS, Manuel. A Outra Face da Terra: Movimentos Sociais Contra a Nova Ordem Global. In: **O Poder da Identidade**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Paz e Terra. São Paulo: 1996.

DELGADO, Ana Carolina e LEMGRUBER, Silvia. Os Movimentos Indígenas e suas Implicações para o Processo Político na Bolívia e no Peru. **Observatório Político Sul-Americano**. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Observador On-line. Vol. 01. Nº 4, jun. 2006.

FEATHERSTONE, Mike. Undoing Culture. Globalization, Postmodernism and Identity. London/Thousand Oaks/New Delhi, SAGE. 1995.

GIDDENS, Anthony. **Sociology**. Oxford: Polity Press. 1990.

KIMLICKA, Will. The Rights of Minority Cultures. **Canadian Journal of Political Science / Revue Canadienne de Science Politique**. Vol. 31, Nº 1, pp. 201-203, mar. 1998.

ROJAS, Rodrigo Montoya. Movimentos Indígenas na América do Sul: Potencialidades e Limites. In: BARSOTTI, P. & PÉRICAS, L. B. **América Latina. História, Idéias e Revolução**. São Paulo: Xamã, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Processos de Globalização. In: _____ (Org.) **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez. 2002.

ZIBECHI, Raúl. **Os Índios e o Poder Estatal**. Depois da Bolívia, o Equador. Tradução de João Ogando. Publicado no semanário Brecha de 25/Out/02. Disponível em <http://resistir.info>.

SITE:

<http://www.cicaregional.org/leer.php/3960693>

CINEMA E POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA

FICHAS TÉCNICAS:

LONGAS-METRAGENS

1. EL SALVADOR: EL PUEBLO VENCERÁ

El Salvador (1980) Cor 77 min V. O. Em Castelhana. Película Documentário

Direção, Roteiro e Fotografia: Diego de la Texera. Montagem: Antonio Yglesias, Deborah Shaffer, Roberto Bravo, Luis Fuentes. Som: Luis Fuentes Música: Adrián Gorzqueta.

Produção: Instituto Cinematográfico de El Salvador Revolucionário (ICSR).

A luta do povo de El Salvador por sua libertação. A história revolucionária do país, da colonização espanhola até a insurreição armada dos anos 1970. Dirigida pelo porto-riquenho De la Texera, que participou da fundação do INCINE (Instituto Nicaragüense de Cine), após a vitória dos sandinistas, é a mais difundida realização do ICSR e ganhador de vários prêmios.

2. HASTA CIERTO PUNTO

Cuba (1983) Cor 88 min V.O. Em Castelhana. Película Ficção

Direção: Tomás Gutiérrez Alea. Roteiro: Juan Carlos Tabío, Serafin Quiñones, Tomás Gutiérrez Alea. Fotografia: Mario García Joya. Montagem: Miriam Talavera. Som: Germinal Hernández. Música: Leo Brouwer. Produção: Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficos (ICAIC).

Elenco: Oscar Álvarez, Mirta Ibarra, Omar Váldez, Coralina Veloz, Rogelio Blaín, Ana Viña.

A situação feminina, o machismo e os conflitos trabalhistas e sociais dos portuários, por intermédio de uma história de amor entre um diretor de teatro e uma funcionária do porto de Havana.

3. LA HORA DE LOS HORNOS

(NOTAS Y TESTIMONIOS SOBRE EL NEOCOLONIALISMO, LA VIOLENCIA Y LA LIBERACIÓN): PRIMERA PARTE – NEOCOLONIALISMO Y VIOLENCIA

Argentina (1967/1968) P&B 90 min Castelhana c/ leg. em Inglês. DVD Documentário

Direção: Grupo Cine Liberación. Roteiro: Fernando Solanas, Octavio Getino. Fotografia: Juan Carlos Desanzo. Montagem: Fernando Solanas. Som: Octavio Getino Produção: Grupo Cine Liberación.

Clássico do cinema latino-americano, a trilogia *La hora de los hornos*, produzida e difundida clandestinamente na época, relata a história e condição política da Argentina, buscando encerrar fileiras na luta pela libertação do povo argentino. Esta primeira parte, constituída de um prólogo e treze notas, desvela a real situação da nação argentina e da América Latina: dependência. Dedicada a Che Guevara e a todos os patriotas que caíram na luta pela libertação indo-americana.

4. O INIMIGO PRINCIPAL

(JATUN AUK'A / EL ENEMIGO PRINCIPAL)

Peru (1974) P&B 110 min Quechua c/ leg. Em Português. Película Ficção

Direção, Roteiro e Montagem: Jorge Sanjinés. Fotografia: Héctor Ríos, Jorge Vignatti.

Música: Camilo Cursi. Produção: Grupo Ukamau no exílio.

Inspirado em fatos da luta guerrilheira no continente, o filme é destinada às comunidades camponesas. Diante da tirania do gamonal Carrilles, uma comunidade se rebela, porém a Justiça favorece o latifundiário. Mais tarde, chega à região, um grupo de guerrilheiros. Pedem comida e explicam os motivos de sua luta. Após a sua partida, o Exército, com o auxílio de militares norte-americanos, reprimem a comunidade. O filme busca demonstrar os mecanismos de poder e exploração no continente, visando apontar quem é “o inimigo principal”.

5. METAMORFOSIS DEL JEFE DE LA POLÍCIA POLÍTICA

Chile (1973) Cor 106 min Castelhana c/ leg. Em Francês. DVD Ficção

Direção e Roteiro: Helvio Soto. Fotografia: Silvio Caiozzi. Montagem: Carlos Piaggio, Peter Colin.

Som: Ernesto de la Fuente, Carlos Poirot, Dalmiro Alonso. Música: Orlando Avendaño

Elenco: Marcelo Romo, Patricia Guzmán, Arnaldo Berríos, Rafael Benavente, Jorge Álvarez.

Por conta das manobras de desestabilização ao governo Allende, um chefe de polícia, em crise no casamento, se questiona qual deve ser o seu papel no processo político pelo qual atravessa o país.

6. ROJO AMANECER

México (1989) Cor 97 min V. O. Em Castelhana. DVD Ficção.

Direção: Jorge Fons. Roteiro: Xavier Robles, Guadalupe Ortega. Fotografia: Miguel Garzón.

Montagem: Sigfrido García Jr. Som: Martha García, Marité Chico. Música: Eduardo Roel,

Karen Roel .

Elenco: Héctor Bonilla, María Rojo, Jorge Fegan, Ademar Arau, Demián Bichin, Bruno Bichir, Paloma Robles.

Cidade do México, 2 de outubro de 1968. Uma família de classe média se vê envolvida nos acontecimentos políticos nacionais que culminam no massacre aos estudantes na praça de Tlatelolco.

7. LOS TRAIADORES

Argentina (1972) Cor 113 min V. O. Em Castelhana. DVD Ficção.

Direção: Raymundo Gleyzer. Roteiro: Raymundo Gleyzer, Álvaro Melián, Victor Proncet

Fotografia: Julio Lecina, Arsenio Reinaldo Pica. Montagem: Raymundo Gleyzer, Oscar

Montauti. Música: Victor Proncet, Pescado Rabioso. Produção: Grupo Cine de la Base.

Elenco: Victor Proncet, Raúl Fraire, Susana Lanteri, Mario Luciani, Lautaro Múrua.

Dramatização da vida de um militante sindical, que começa a sua luta no peronismo nos anos 1960, e que se corrompe em sua ascensão ao poder. Roberto Barrera realiza um auto-sequestro buscando com este fato ganhar as próximas eleições do sindicato. De militante sindical que operava na resistência peronista, Barrera se transforma em um traidor e colaboracionista com o regime militar do momento. Frente a esta situação, um grupo de base de antigos companheiros de Barrera se organiza para dar uma resposta à altura.

8. UKAMAU (¡ASÍ ES!)

Bolívia (1966) P&B 75 min V. O. Em Aymará. Película Ficção.

Direção, Roteiro e Montagem: Jorge Sanjinés. Argumento: Jorge Sanjinés, Oscar Soria,

Jesús Urzagasti. Diálogos: Oscar Soria. Fotografia: Hugo Roncal, Genaro Sanjinés Música:

Alberto Villalpando .

Elenco: Néstor Peredo, Benedicta Mendoza, Vicente Veneros e camponeses da Ilha do Sol.

Na Ilha do Sol, no Lago Titicaca, Sabina, esposa abnegada do camponês indígena Andrés Mayta, é violada e assassinada pelo comerciante mestiço Rosendo Ramos. A comunidade sugere que Andrés procure a polícia e denuncie o criminoso foragido. Descrente na ação policial, que jamais se preocupa pelos interesses dos índios, Andrés vai ao encalço do assassino em busca de justiça por conta própria.

9. PACHAMAMA

Brasil (2010) 01 hs 45 min.

Estúdio: Urca filmes e Aruac Produções

Distribuidora: VídeoFilmes

Estúdio: Urca filmes e Aruac Produções.

Direção, roteiro e fotografia: Eryk Rocha.

Produção: João Carlos Nogueira e Laboratório do Tempo Presente / UFRJ.

Música: Aurélio Dias

SINOPSE:

O documentário faz uma viagem ao coração aberto da América do Sul, através da floresta brasileira em direção ao Peru e à Bolívia, onde encontra a realidade de povos historicamente excluídos do processo político de seus países e que pela primeira vez na história buscam uma participação efetiva na construção do seu próprio destino.

CURTAS E MÉDIAS-METRAGENS

1. COLOMBIA 70

Colômbia (1970) 12 min V. O. Em Castelhana. Película Documentário

Direção: Carlos Alvarez.

Uma visão crítica à implantação da sociedade de consumo na periferia do capitalismo e o seu vínculo com a exploração comercial e ideológica da miséria.

2. DE PIE

Bolívia (2003) 16 min Cor Castelhana c/ leg. em Português. DVD Documentário.

Direção: David A. Caballero T. Roteiro: David A. Caballero T., Gabriela Camacho C.

Fotografia: David A. Caballero T., Gabriela Camacho C., J. Marcelo Valencia J. Edição: David A. Caballero T., Gabriela Camacho C., Javier Humberto Flores. Produção: VIDEOURGENTE

Greve de fome contra a corrupção na Universidade de Santa Cruz.

3. FERNANDO HA VUELTO

Chile (1998) Cor 31 min Castelhana c/ leg. em Inglês. DVD Documentário.

Direção, Roteiro e Edição: Silvio Caiozzi. Fotografia: Silvio Caiozzi, David Bravo, Nelson Fuentes. Música: Francisco Tárrega, M. Fernández, Joan Manuel Serrat.

O trabalho das funcionárias do Escritório de Identificação do Instituto Médico-Legal de Santiago para determinar a identidade de desaparecidos durante a ditadura de Pinochet. Os restos de um homem são encontrados junto com vários outros no Pátio 29 do Cemitério Geral de Santiago, em 1991. Os restos pertencem a Fernando Olivares Mori, cidadão chileno de 27 anos, funcionário da ONU, desaparecido em 5 de outubro de 1973. Depois de quatro anos de trabalho, a identidade de Fernando é estabelecida e a sua viúva é oficialmente comunicada de sua morte, após vinte e cinco anos de indefinição e dor.

4. LA FÁBRICA ES NUESTRA

Argentina (2002) Cor 25 min V. O. Em Castelhana. DVD Documentário

Fotografia: Trabalhadores e trabalhadoras da Brukman, Claudio Remedi, Nicolas Pousthomis, Carlos Broun Edição: Claudio Remedi, Carlos Broun, Sandra Godoy, Gabriela Jaime Produção: Boedo Films – Contraimagen.

Em dezembro de 2002 ocorre uma violenta ação repressiva na Fábrica Brukman com o intuito de desalojar os trabalhadores e trabalhadoras que a ocupavam, seqüestrar documentação e desativar as máquinas. Assim que a polícia prende os operários que faziam a guarda da fábrica, as assembléias de bairro, partidos políticos e organizações sociais se aglutinam, frustrando o despejo.

5. ¡FUZIL, METRALLA! ¡EL PUEBLO NO SE CALLA!

Bolívia (2004) 18 min Cor Castelhana c/ leg. em Português. DVD Documentário

Direção e Roteiro: Edwin Villca Gutiérrez, Rudy Menacho Monzón Produção: Tercer Mundo

Cobertura dos conflitos de fevereiro e outubro de 2003 na Bolívia.

6. LO DE SIEMPRE, UN GUIÓN DE HISTORIETA

Argentina 10min DVD V.O. em Castelhana Documentário

Direção: Alejandro Cohen Arazi

A repressão na Argentina e um dos seus maiores quadrinhistas.

7. MORIR POR LA PÁTRIA ES VIVIR

Cuba (1976) 25 min V. O. em Castelhana. Película Documentário

Direção e Roteiro: Santiago Alvarez. Produção: ICAIC

Reportagem sobre a comoção nacional às vítimas do atentado ao vôo de Cubana, que explodiu em pleno ar sobre o mar do Caribe, em 6 de outubro de 1976. Entre os setenta e

três mortos se encontrava a esposa do cineasta Santiago Alvarez, comissária de bordo. O título é um verso de La Bayamesa (Hino Nacional Cubano).

8. ONDE ESTÁ AMÉRICA LATINA?

Argentina/Chile (2005) Cor Duração total: 77 min V. O. ?? DVD Documentário

Direção: Cristián Cancino, Pedro Dantas.

Série de 03 documentários: “Percal”, “Uma mina de ouro em PuelMapu” e “Chile Top Ten”.

Percal: A visita de Rodrigo Rato, presidente do FMI, a Buenos Aires recrudescer o sentimento de anti-colonialismo na população e revigora a identidade latino-americana pelas veias abertas desta cidade em transe. Buenos Aires pós-‘Corralito’, o Percal (título de um tango tradicional, tecido brilhoso) da América Latina globalizada.

Uma Mina de Ouro em PuelMapu: Esta história é o relato de uma mobilização popular na pequena cidade de Esquel, na Patagônia argentina, onde um plebiscito logrou impugnar a concessão feita a uma multinacional para explorar uma mina de ouro a céu aberto. O documentário também investiga a condição dos mapuches, o povo originário da região.

Chile Top ten: O país que nas palavras de seu ministro da economia é Top ten da economia mundial implica seu povo-raiz, o Mapuche, sua Mãe-Terra, Gulumapu, às injustiças do capitalismo, ao servilismo de “la razón o la fuerza” que ostenta seu escudo. Na Araucanía, os Mapuches lutam contra a polícia, herança de Pinochet, nos bairros o “hip-hop” conscientiza, Bush pisa, pela primeira vez, na América do Sul, “el desarrollo tiene más naufragos que navegantes”?

9. LOS PUÑOS

Bolívia (2004) 22 min Cor Castelhana c/ leg. em Português DVD Documentário

Direção: Raquel Balcázar Roteiro: Fernando Raquel Balcázar, Gabriela K, Camacho

Fotografia: Raquel Balcázar, “Quique” el pintor Edição: David A. Caballero T. Produção: VIDEOURGENTE.

Marcha de estudantes por verbas para a educação, por várias cidades da Bolívia até chegar a La Paz.

10. POR UN NUEVO CINE EN UN NUEVO PAIS

Argentina (2001) Cor 30 min Castelhana c/ leg. em Português. DVD Documentário

Direção, Roteiro e Edição: Fernando Krichmar, Myriam Angueira. Música Original: Carajo (Santa Revuelta). Fotografia: Coletivo. Produção: ADOC ARGENTINA

Um olhar distinto sobre a rebelião popular de 19 e 20 de dezembro de 2001 na Argentina, que derrubou o presidente Fernando de la Rúa Rodríguez Saa e três interinos naqueles dias. Mais de quinze cinegrafistas independentes, integrantes da Asociación de Documentalistas de Argentina, fundada em 19 de dezembro de 2001, se unem nesse material coletivo, que oferece uma perspectiva bem diferente daquela oferecida pelos grandes meios de comunicação.

11. TRUJILLO: ¡EN MEDIO DE LA SOMBRA, UNA LUZ DE ESPERANZA POR LA VIDA, LA JUSTICIA Y LA VERDAD!

Colômbia (2005) 13 min Cor V.O. em Castelhana. DVD Documentário

Produção: Asociación de Familiares de las Víctimas de Trujillo

Documentário sobre o Massacre de Trujillo e a organização e resistência dos parentes das vítimas.

12. ÚLTIMO VÍDEO DE BRAD WILL

México (2006) 17min Castelhana c/ leg. em Português. DVD Documentário

Edição do último material gravado pelo vídeo-ativista Brad Will, brutalmente assassinado em Oaxaca.

13. “VOCÊ TAMBÉM PODE DAR UM PRESUNTO LEGAL”

Brasil (1971/2006) 40 min V. O. em Português. DVD Documentário

Direção, Roteiro e Edição: Sergio Muniz

Filmado clandestinamente no Brasil, no início dos anos 1970, o documentário retrata o contexto nacional do período: o milagre econômico, o papel desempenhado pelo Esquadrão da Morte no aparato repressivo do regime e a sinistra figura do delegado Fleury.